

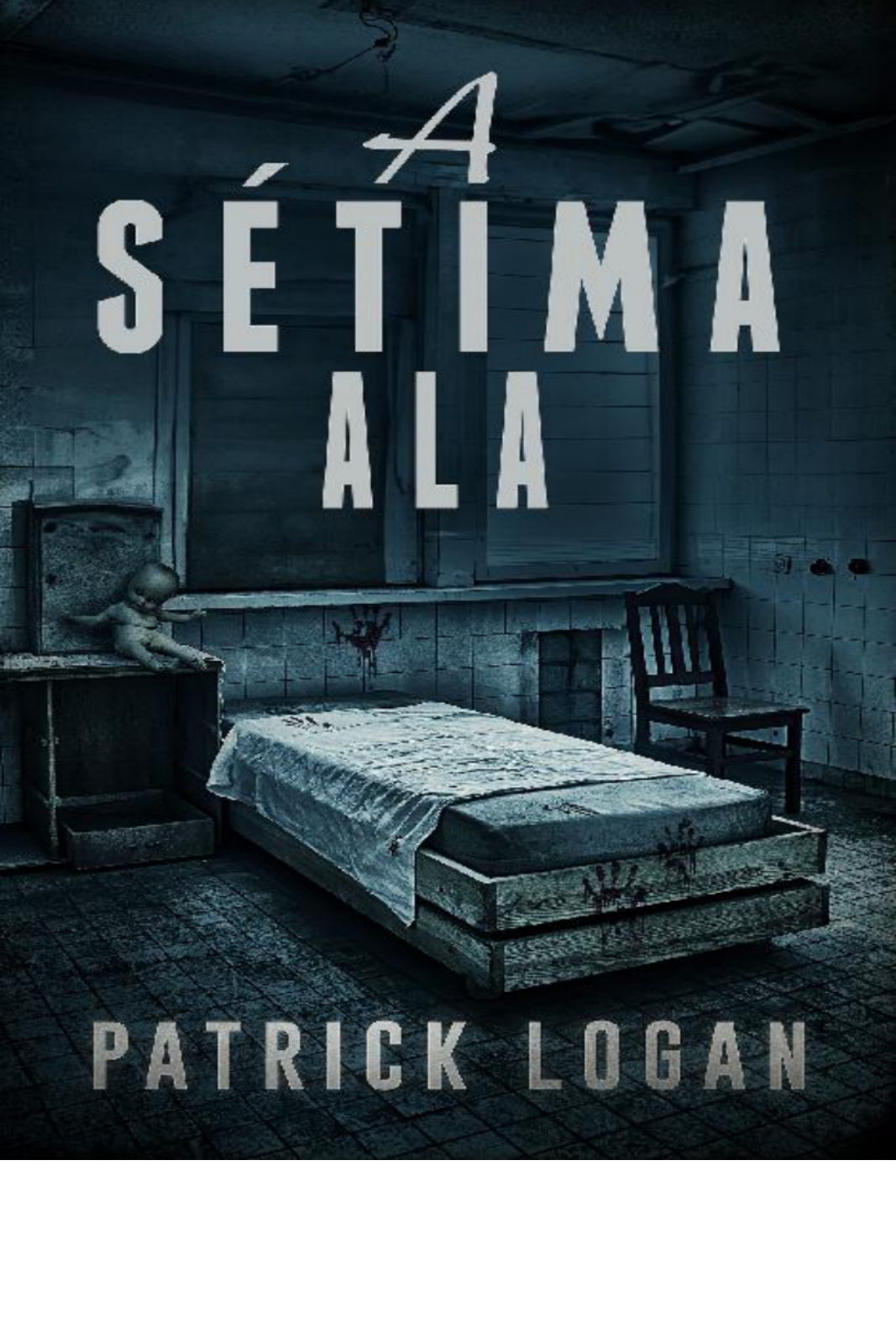


A SÉTIMA ALA

PATRICK LOGAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A SÉTIMA ALA

PATRICK LOGAN

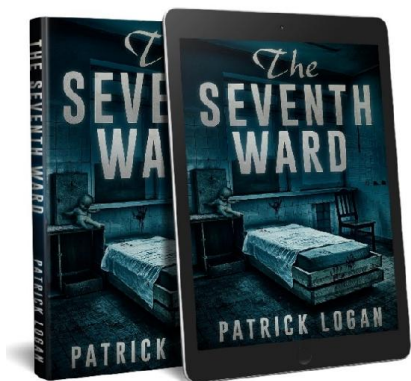
Table of contents

1. [Prólogo](#)
2. [PARTE I - Outra carta, outro trabalho](#)
 1. [Capítulo 1](#)
 2. [Capítulo 2](#)
 3. [Capítulo 3](#)
 4. [Capítulo 4](#)
 5. [Capítulo 5](#)
 6. [Capítulo 6](#)
 7. [Capítulo 7](#)
 8. [Capítulo 8](#)
 9. [Capítulo 9](#)
 10. [Capítulo 10](#)
 11. [Capítulo 11](#)
 12. [Capítulo 12](#)
 13. [Capítulo 13](#)
3. [PARTE II - Intervenção cirúrgica](#)
 1. [Capítulo 14](#)
 2. [Capítulo 15](#)
 3. [Capítulo 16](#)
 4. [Capítulo 17](#)
 5. [Capítulo 18](#)
 6. [Capítulo 19](#)
 7. [Capítulo 20](#)
 8. [Capítulo 21](#)
 9. [Capítulo 22](#)
 10. [Capítulo 23](#)
 11. [Capítulo 24](#)
 12. [Capítulo 25](#)
4. [PARTE III - Um retrato de Amy](#)
 1. [Capítulo 26](#)
 2. [Capítulo 27](#)
 3. [Capítulo 28](#)
 4. [Capítulo 29](#)
 5. [Capítulo 30](#)
 6. [Capítulo 31](#)
 7. [Capítulo 32](#)
 8. [Capítulo 33](#)
 9. [Capítulo 34](#)
 10. [Capítulo 35](#)
 11. [Capítulo 36](#)

12. [Capítulo 37](#)
13. [Capítulo 38](#)
14. [Capítulo 39](#)
15. [Capítulo 40](#)
16. [Capítulo 41](#)
17. [Capítulo 42](#)
18. [Epílogo](#)
19. [Fim](#)
5. [Nota do autor](#)
6. [Prisão de Seaforth](#)
 1. [PRÓLOGO](#)
7. [Parte I - Dias tempestuosos, noites tempestuosas](#)
 1. [Capítulo 1](#)
 2. [Capítulo 2](#)
 3. [Capítulo 3](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)



Inscreva-se no meu boletim informativo *sem spam* para ficar por dentro dos novos lançamentos, participar de concursos especiais e receber descontos exclusivos.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!

Além disso, não deixe de conferir meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:
www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Prólogo

PARTE I - Outra carta, outro trabalho

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

PARTE II - Intervenção cirúrgica

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

PARTE III - Um retrato de Amy

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Epílogo

Fim

Nota do autor

Prisão de Seaforth

PRÓLOGO

Parte I - Dias tempestuosos, noites tempestuosas

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

A Sétima Ala

A série Haunted

Livro 2

Patrick Logan

Prólogo

"Ei, Danny, você está quase terminando aí?"

Danny tirou os fones dos ouvidos e desligou o limpador de chão.

"O quê? Você disse alguma coisa?"

Ele olhou para o amigo do outro lado do corredor. Lawrence era alto, magro e tinha uma expressão sempre pateta em seu rosto estreito. Orelhas grandes, olhos grandes e boca grande resumiam bem o que ele era.

"Perguntei se você já tinha terminado", respondeu Lawrence. Ele enrolou a toalha de papel que estava usando para limpar a maca de prata e a jogou na lixeira.

"Quase..." Danny acenou com a mão, indicando a fina faixa de piso sujo do outro lado do corredor. "Só tenho que fazer essa faixa e depois termino - podemos arrumar tudo".

Uma rápida olhada no Timex em seu pulso revelou que eram quase três da manhã. "Sim, vamos parar às três."

Lawrence sorriu para ele, revelando um conjunto de dentes grandes, quase de pato.

"Então podemos dar uma olhada naquela ala?"

Danny fez uma careta.

"Que ala?"

Lawrence revirou os olhos e arrancou outra folha de papel-toalha.

"Não seja tímido - você sabe qual é a ala."

Os olhos de Danny se estreitaram e ele fez uma careta.

"Não", disse ele simplesmente, colocando os fones de ouvido de volta nos ouvidos antes que o amigo pudesse reclamar. Ele sabia que Lawrence estava falando, mas com a música alta, não conseguia entender as palavras, o que não era problema para ele. Depois de ligar novamente o limpador de chão e sentir as vibrações que subiam por seus braços, ele não conseguia mais ouvir Lawrence.

Enquanto Danny manobrava o dispositivo em direção à faixa suja no corredor, que também era o último corredor da Oitava Ala do Hospital Pinedale que precisava de limpeza, ele deixou sua mente vagar.

Por que estamos limpando este lugar novamente?

Afinal de contas, o hospital estava abandonado há anos... uma década ou mais. Como não era natural de Corgin, há duas semanas Danny nunca tinha ouvido falar desse lugar. Após uma pequena pesquisa, no entanto, ele achou que o homem loiro de terno estava brincando.

Limpar um hospital abandonado? Para quê?

Na época, a resposta do homem tinha sido convincente o suficiente: eles estavam pensando em transformá-lo em uma espécie de museu,

um arquivo de equipamentos antiquados de meados até o final dos anos noventa. Mas, olhando em volta agora, Danny não conseguia ver nada que remotamente se assemelhasse a peças dignas de museu. Na verdade, a maioria dos equipamentos médicos havia sido removida, presumivelmente pela empresa que havia empacotado o hospital em primeiro lugar ou por saqueadores. O que restou não era "antiguidade", mas apenas merda. Até mesmo sua mente inexperiente sabia disso.

Afinal de contas, a maior parte de sua experiência foi na forma de limpeza.

O fato de Danny Dekeyser ter sido abordado pelo homem foi uma surpresa. Limpar um hospital inteiro, um total de oito alas, era um trabalho enorme, e tudo o que ele tinha era ele mesmo e Lawrence para fazer o trabalho. Na verdade, uma das empresas comerciais muito maiores teria sido mais adequada, e Danny quase disse isso. Mas, com as contas médicas se acumulando e os números que o estranho de terno estava divulgando, como ele poderia recusar? Especialmente com uma esposa e uma filha para sustentar.

De repente, o limpador de chão fez um ruído e Danny olhou para os lados para se certificar de que não havia se prendido em nada. Havia algo rosa, como um chiclete, preso até a metade das cerdas vermelhas e duras. Ele moveu a roda da escova para frente e para trás agressivamente sobre o local algumas vezes, mas o que quer que fosse, recusava-se a se soltar do chão.

"Droga", resmungou ele, tirando o raspador da alça do cinto. Ele desligou o amortecedor e retirou o chumaço rosa. Quando se agachou para começar a raspar, ouviu Lawrence resmungar e, com relutância, tirou um dos fones dos ouvidos.

"O quê?", disse ele sem se virar.

"Porra, cara, você precisa abaixar o volume dessa merda. Não é bom para seus ouvidos".

Danny não disse nada.

"Jesus, você está de mau humor hoje, não está?"

Danny ficou olhando para o chiclete de cinco centímetros de comprimento ou o que quer que fosse por um segundo, com os olhos desfocados.

Ele deslizou o raspador por baixo de um lado, que era mais grosso que o outro, e deu um pequeno empurrão.

"Danny?"

Danny balançou a cabeça e se virou para o amigo.

"Desculpe, cara. Estou cansado, só isso. Quero ir para casa, tomar uma cerveja e colocar meus cachorros para dormir."

Ele vinha se sentindo mal ultimamente e estava tentando ao máximo não pensar na possibilidade de o câncer voltar. O câncer estava em remissão há quase dois anos, mas o médico havia dito que

ele nunca estaria totalmente livre da doença. E, desde que aceitou o emprego no Pinedale Hospital, ele estava se sentindo em baixa, exatamente como se sentia antes do diagnóstico inicial.

"Sim, cara, estou ouvindo", respondeu Lawrence. Sua cara de bobo ficou séria por um segundo, e Danny sabia o que o homem estava pensando porque ele também estava pensando.

Ele deu de ombros.

"Não é nada, talvez um resfriado - uma gripe. Porra, eu vou ficar bem." Então ele sorriu. Um sorriso fraco, mas, mesmo assim, um sorriso.

O sorriso bobo nos lábios de Lawrence voltou e ele fez suas sobrancelhas grossas dançarem.

"Achei que tinha ouvido alguma coisa."

Danny retirou o outro fone de ouvido.

"Agora?"

"Não, agora não. Antes, quando eu estava gritando seu nome por uns cinco minutos."

Danny balançou a cabeça, lembrando-se do homem loiro de terno entregando o conjunto de chaves - coisas arcaicas que pareciam tão antigas quanto alguns dos equipamentos restantes - e os cartões-chave. As chaves permitiam que você entrasse no prédio, mas, a partir daí, para se locomover, você precisava usar os cartões-chave.

"Não há mais ninguém aqui."

"Ouvi uma porta se fechar". Seu sorriso aumentou. "Abaixo de nós."

Agora era a vez de Danny revirar os olhos. O que havia acontecido em Pinedale cerca de cinco anos antes de seu fechamento havia se tornado uma espécie de lenda urbana e, embora Danny nunca tivesse ouvido falar do lugar antes, uma rápida pesquisa na Internet havia revelado muita coisa.

Em sua maior parte - talvez tudo - besteira, algo sobre um detento psiquiátrico que massacra outro paciente e um médico, tentando provar alguma teoria insana dele.

Danny não acreditava em nada disso. Lawrence, por outro lado, estava obcecado.

Vamos procurar a Sétima Ala", ele começava todas as noites, e Danny lhe dizia que não.

As instruções do homem de terno eram explicitamente claras: eles deveriam começar no último andar, na Oitava Ala. A ala do câncer, ironicamente. E então eles deveriam descer. Lawrence teve que observar que os números da ala saltaram de seis para oito.

Apenas uma vez Danny, em um raro momento de fraqueza, permitiu que Lawrence saísse para explorar. Mais estranho ainda era o fato de que ele tinha ido com o amigo.

No porão, eles encontraram uma única porta, a única em todo o

hospital, pelo que ele sabia, que não estava identificada. E nenhum dos cartões-chave que o homem havia lhes dado poderia abri-la.

Esta é a Sétima Ala, disse Lawrence com alegria, ao que Danny respondeu prontamente que provavelmente era apenas um depósito.

Danny abafou uma tosse e engoliu o catarro que encheu sua boca.

"Não há ninguém aqui", disse ele, voltando-se para o chão. Sua mão enluvada roçou a coisa rosa. Ela era surpreendentemente macia, flexível até.

Que porra é essa?

Até mesmo as camadas de poeira no hospital abandonado tinham suas próprias camadas de poeira; as portas estavam fechadas há anos.

Mas essa... essa coisa rosa parecia fresca... orgânica, até. Parecia estranhamente com um dedo, um dedo liso e rosa sem unha na ponta.

Danny fez uma cara de nojo.

Talvez... talvez Lawrence fosse...

Mas a porta da ala de câncer foi subitamente escancarada, cortando todos os pensamentos racionais. A cabeça de Danny se ergueu tão rapidamente que ele perdeu o equilíbrio e caiu para trás, batendo com o osso da cauda no chão.

"O quê?", gaguejou ele, tentando se orientar.

Lawrence gritou quando uma sombra pesada surgiu da porta aberta.

"Danny?"

Engolindo com dificuldade, Danny conseguiu recuperar um mínimo de controle e se levantou.

"Quem é?", ele exigiu, tentando parecer autoritário. "Você não deveria estar aqui."

Suas palavras saíram mansas, apesar de seus esforços.

Eles tinham apenas duas luzes de trabalho, ambas funcionando com um conjunto de baterias de íons de lítio: uma estava encostada na parede do corredor para que Danny pudesse ver onde estava limpando, enquanto Lawrence usava a outra para limpar as macas. Nenhuma delas estava apontada para a porta no final do corredor, deixando aquela área na escuridão.

Como estava, Danny só conseguia ver uma sombra na porta.

Mas então a figura entrou na luz, e Danny sentiu sua frequência cardíaca dobrar.

Ele era enorme, maior do que qualquer homem que Danny já tinha visto - pelo menos 1,80 m, talvez até mais alto. Mas essa não era a coisa mais chocante sobre ele.

O homem estava *fragmentado* de alguma forma... todos os ângulos rígidos, nenhuma de suas características se encaixava perfeitamente. Pontos grossos, semelhantes a rendas, cruzavam seu enorme peito em forma de barril, que tinha - *Jesus Cristo* - um único seio roxo e

deformado suturado no centro. O braço direito do homem era proporcional, mas o esquerdo era consideravelmente menor e, enquanto o primeiro era cinza claro, o segundo era marrom escuro e pigmentado.

E isso sem falar na bagunça entre suas pernas.

"O quê? Você não pode estar aqui", gaguejou Danny. Instintivamente, ele agarrou com mais força o raspador de metal.

O homem riu e se aproximou desajeitadamente dele, sem notar Lawrence, que já havia se escondido atrás de seu carrinho cheio de material de limpeza.

Danny congelou no lugar quando o homem se aproximou.

Ele era ainda mais hediondo de perto, seu rosto era uma mistura de diferentes características, nenhuma das quais parecia se encaixar: um nariz negro e escuro, ligeiramente inclinado para a direita; a pele ao redor do olho esquerdo era rosada, como se tivesse sido queimada pelo sol. Sua boca era uma fenda irregular que se estendia quase até a orelha do lado esquerdo, com os pontos já separados.

Era como o monstro de Frankenstein, só que mais hediondo.

E era real.

"Que porra é essa - você não pode..."

"Meu nome é George", disse o homem. Quando ele falou, os pontos em seu rosto se separaram ainda mais, revelando uma fileira de molares amarelos apodrecidos.

Danny queria correr - ele queria se virar e sair dali o mais rápido possível. Mas ele não podia.

Era como se seus pés estivessem envoltos em gelo.

O homem continuou a se aproximar, com um andar desajeitado e desajeitado, como se uma perna fosse alguns centímetros mais curta que a outra. E o pior é que Danny achava que talvez fosse esse o caso, mas estava com muito medo de desviar o olhar dos olhos escuros e negros do homem para verificar.

Enquanto George percorria a curta distância entre eles, Danny começou a sentir um mau cheiro geral, um cheiro de podridão que logo se tornou tão pungente que fez seus olhos lacrimejarem.

Quando estava a apenas dois metros de distância, George parou de repente, estreitando os olhos. No início, Danny achou que ele estava olhando para ele, mas depois baixou o olhar e deu uma risadinha.

"Aí está", disse ele. O monstro se curvou na cintura, revelando mais dos pontos grossos, semelhantes a cadarços, que cruzavam suas costas.

George gemeu e agarrou a coisa rosa que Danny estava tentando remover do chão. Com um puxão, ele a tirou do chão. Em seguida, ele a colocou na altura dos olhos e a estudou por um momento antes de rir novamente.

"Foi para lá que ela foi."

Em seguida, ele mostrou a Danny sua mão esquerda... e o polegar que faltava. Como um mágico fazendo um truque de salão, ele levantou o apêndice rosa e o moveu para frente e para trás do local onde havia sido amputado.

O estômago de Danny se revirou e ele pôde sentir todo o seu corpo tenso. O suor brotou em sua testa.

O rosto do homem ficou sério de repente.

"Você está ouvindo isso?"

Danny engoliu com força e ficou boquiaberto com o show de aberrações humanas diante dele. Não podia ser real, é claro. Tinha de ser o câncer voltando. Na primeira vez em que foi diagnosticado e logo depois de começar a quimioterapia, ele se lembrava de sonhos loucos e vívidos. Mesmo durante o dia, ele ocasionalmente tinha pequenas alucinações.

Nada tão horrível quanto isso, é claro, mas não poderia ser real.

"Eu disse, você ouviu isso?" George perguntou novamente, sua voz se aprofundando, tornando-se mais agressiva. Não importava o quanto o homem fosse intimidador, Danny ainda não conseguia responder.

George se inclinou mais para perto de Danny, ficando a cinco centímetros dele, e tudo o que ele podia fazer era não vomitar.

O hálito do homem cheirava a peixe podre, e isso não significava nada em relação aos detalhes horríveis de seu rosto: os pontos, a pele com remendos que claramente havia sido retirada de outras pessoas. E, a julgar pelo cheiro, ela não estava muito fresca quando foi colhida.

"Acho que foi o Bode", sibilou George. "Ouvi dizer que ele estava chegando."

De repente, um grito veio de algum lugar atrás de George.

"Eu não sei quem diabos..." Mas antes que Lawrence pudesse terminar a frase, algo brilhou na periferia de Danny.

O cabo da vassoura desceu em um arco inclinado. Bateu nas costas segmentadas de George, e o homem se endireitou, afastando-se de Danny, levando consigo seu hálito horrível e apodrecido.

Ele grunhiu e começou a se virar. A maneira como ele se movia era horrível, a pele de retalhos possuía uma plasticidade diferente, dobrando-se, dobrando-se e dobrando-se independentemente.

"Você não deveria ter feito isso", ele sussurrou. Lawrence se preparou para balançar a vassoura novamente quando Danny finalmente saiu de seu estupor.

"Não! Não!", ele gritou, mas já era tarde demais.

George agarrou a vassoura de Lawrence com a mão que ainda tinha um polegar e, com um puxão forte, arrancou-a de suas mãos.

"Você não deveria ter feito isso", repetiu George.

Danny queria fazer alguma coisa, *teria* feito alguma coisa para ajudar o amigo, mas foi muito lento. Com a outra mão, George

estendeu a mão e agarrou Lawrence pela garganta. Mesmo sem o polegar, o aperto do homem era tão forte que Lawrence não conseguia soltá-lo nem com as duas mãos.

Ofegante, Danny ficou de pé, sem poder fazer nada, e viu seu amigo começar a se debater enquanto era levantado do chão.

"Ele está chegando... ele está chegando... ele está chegando... ele está chegando..." George começou a repetir várias e várias vezes.

Foi então que Danny percebeu que ainda estava segurando o raspador de tinta na mão. Ele o levantou lentamente, quase de forma robótica, com a intenção de enfiá-lo no pescoço de George, quando os olhos de Lawrence de repente começaram a se turvar, ficando completamente pretos.

Danny Dekeyser largou o raspador de tinta e correu.

Com apenas sua pequena lanterna para guiá-lo, Danny não conseguiu encontrar o caminho para a porta da frente do Hospital Pinedale. Em vez disso, ele se viu indo mais fundo nas entranhas do hospital, tentando se afastar o suficiente para não ouvir mais os gritos de Lawrence.

Por fim, ele se viu em uma porta - a porta que ele e Lawrence haviam tentado abrir há uma semana, mas não conseguiram. No entanto, em seu desespero, isso lhe passou despercebido. Suas mãos estendidas encontraram a maçaneta da porta e ele a agarrou furiosamente, sacudindo-a para cima e para baixo, enquanto batia com o ombro contra ela.

Ela não abria.

E então a luz de sua caneta se apagou.

"Porra", ele sussurrou na escuridão total.

Sua mão foi para o quadril em seguida, pegando o cartão-chave que estava preso por um cabo retrátil. Ele o puxou com força e, em seguida, acenou cegamente com o cartão na área em que supunha estar o leitor. No início, nada aconteceu, e seu pânico quase avassalador começou a crescer. Em sua mente, ele podia ouvir os passos pesados e fortes de George, um forte e outro leve.

"Vamos, vamos", murmurou ele, agora balançando o cartão sem rumo no escuro.

No momento em que ele ia soltar o cabo retrátil e se aprofundar no hospital para procurar uma área mais bem iluminada pela luz da lua, ouviu um bipe mudo e uma pequena luz verde de LED atravessou a escuridão.

Sim!

Danny puxou a porta e a escancarou, entrando rapidamente. Ele a fechou atrás de si e levantou a cabeça para onde achava que estava a

vidraça. Embora não conseguisse ver nada na escuridão, o fato de saber que estava olhando para fora da janela, com os olhos arregalados, lhe proporcionou algum conforto.

Por um longo tempo, o único ruído que Danny ouviu foi o de sua própria respiração. Quando sua frequência cardíaca começou a se normalizar, ele foi subitamente tomado pela vontade de tossir. Levou a mão à boca e pressionou os lábios com toda a força possível, na tentativa de abafar a tosse.

Dado o aperto no peito e nos pulmões, Danny fez um bom trabalho para se conter; apenas cuspe jorrou de seus lábios.

O problema era que, mesmo durante seus surtos sufocados, ele continuava a ouvir a mesma respiração rítmica.

Só que agora ele tinha certeza de que não era dele.

Danny, com os olhos arregalados, procurando desesperadamente alguma coisa, qualquer coisa, na escuridão total, virou-se, com as costas pressionadas contra a porta.

Então ele sentiu o cheiro novamente: o inconfundível odor de podridão.

"Bem-vindo à Sétima Ala, Danny. Eu estava esperando por você."

PARTE I - Outra carta, outro trabalho

Capítulo 1

Robert Watts se afastou do computador e esfregou os olhos. Apesar de ter passado mais de uma década olhando para números na tela do computador, ele simplesmente não tinha mais energia para isso.

Algo havia acontecido com ele depois que saiu da Audex; ele havia perdido lentamente a paciência com celulares e outros aparelhos eletrônicos. Na verdade, a Harlop Estate não tinha nem mesmo uma TV, para desgosto de Cal.

Shelly, por outro lado, não parecia se importar com nada disso.

A única coisa de que Robert não podia prescindir era o Wi-Fi, razão pela qual equipar o local com uma conexão sólida à Internet foi uma das primeiras coisas que ele fez desde que se mudou.

Robert piscou longa e lentamente, forçando os olhos a lacrimejar um pouco, tentando aliviar o cansaço visual. Quando voltou a se concentrar, ele se viu olhando para a simples fotografia de Amy na moldura em sua mesa. Embora ele não se lembrasse de tê-la tirado - talvez Wendy a tivesse mandado fazer -, devia ser uma foto extra de passaporte. Amy não estava sorrindo, pois não era permitida qualquer forma de expressão nessas fotos, mas nada poderia tirar o sorriso e a alegria que enchiam seus olhos.

Uma pontada de tristeza o atingiu em algum lugar no fundo de seu estômago, mas antes que pudesse se transformar em uma depressão total, ele cerrou os dentes e afastou o sentimento. Ansioso para se distrair, Robert se inclinou para frente em sua cadeira e voltou a fazer o que fazia na maioria dos dias: navegar na Internet em busca de informações sobre a Medula.

Apesar de ter sido inundado com mais informações inúteis do que ele imaginava ser possível, as informações sobre a medula eram extremamente escassas. Ele havia reunido mais informações do que Cal e Shelly haviam encontrado, mas não muito mais. Uma coisa que permaneceu consistente, no entanto, foi a afirmação inicial de Shelly de que ninguém havia realmente estado lá e voltado para falar sobre isso, o que explicaria a escassez de informações.

Exceto por ele, é claro, que era algo que Robert continuava a guardar para si mesmo, e o fazia até que estivesse completamente convencido de que revelar isso não colocaria Cal ou Shelly em perigo.

Há cerca de uma semana, Robert se deparou com algo interessante,

algo surpreendentemente confiável. Alguns backlinks ocultos em um site sobre a vida após a morte o levaram a um obscuro quadro de avisos de pesca. Uma das primeiras coisas que Robert descobriu ao pesquisar na Internet foi que não importava tanto *o que* você procurava, mas *onde*. Ele havia encontrado informações sobre a medula escondida em um guia on-line para o jogo de videogame Doom e até mesmo nos comentários de um álbum de fotos de casamento aleatório. Portanto, enquanto outros poderiam ter se desconectado do quadro de avisos de pesca, ele não o fez.

E ele estava feliz por ter ficado, porque foi aqui que ele descobriu pela primeira vez uma misteriosa identidade cibernética chamada "LBlack". Ao ler as postagens do homem, ficou claro que ele sabia do que estava falando.

O diabo está nos detalhes, é o que dizem, e nada poderia ser mais verdadeiro nesse caso. A maneira como LBlack descreveu o mar espumoso de Marrow, a forma como ele se quebrava sobre a areia macia e fofa, o som das ondas rolando... era exatamente como Robert se lembrava. Embora outras pessoas tenham relatado algo semelhante, os detalhes que LBlack descreveu foram tantos que Robert ficou convencido de que o homem havia estado lá.

E foi também quando ele mencionou o trovão no céu, a tempestade iminente. Robert ainda se lembrava da sensação, de como, ao olhar para cima, a serenidade que havia tomado conta de sua quiddidade havia desaparecido de repente. Como o relâmpago que dividia as nuvens parecia deixar uma fissura para trás e, nessa fissura, ele podia ouvir o mais horrível...

Um grito vindo de algum lugar abaixo fez com que ele se levantasse em sua cadeira.

"Cal? Shelly?", ele gritou.

Tudo o que ele conseguia ouvir era a música de rock de Shelly tocando e, por um momento, pensou que talvez tivesse imaginado o choro, que era parte de seu devaneio sobre o Marrow.

"Cal?", perguntou ele, elevando a voz em algumas oitavas. Quando a única resposta foi o som de pratos quebrando e riffs de baixo, Robert se levantou da cadeira e foi até a entrada do escritório. Ele olhou para fora, esperando ver Cal e Shelly rindo enquanto tomavam alguns drinques.

Mas ninguém estava do lado de fora do quarto, nem havia ninguém no corredor.

Robert não conseguia se lembrar de quem havia tido a ideia de se mudar para a Harlop Estate, mas, na época, fazia sentido. Afinal de contas, Robert não tinha um lugar para morar, Cal era um nômade itinerante e Shelly, que ironicamente era de Montreal, entre todos os lugares, estava em processo de mudança e sua casa já estava à venda.

Eles usaram o dinheiro da venda da casa dela para pagar o que restava das contas do Robert - as contas da Wendy - e então todos se mudaram.

Eles concordaram que seria uma solução temporária, mas, nos últimos meses, eles se tornaram uma família estranha e mista.

Robert havia montado seu escritório no segundo andar, esperando fazer alguns trabalhos de contabilidade como freelancer até conseguir algo mais permanente no condado de Hainsey. Afinal de contas, mesmo sem hipoteca ou dívidas, eles ainda precisavam de dinheiro para viver. Para começar, tinham de manter as luzes acesas e a Internet funcionando, para não se esquecerem da comida e do entretenimento. E quem quer que estivesse pagando a companhia de eletricidade antes da chegada deles - ele suspeitava que fosse um homem de cabelos loiros curtos e terno preto - havia parado desde que a escritura foi transferida.

O problema era que não havia muito trabalho de contabilidade por aí e, nos últimos meses, Robert passou mais tempo pesquisando a Marrow do que postando em sites de contabilidade freelance. Quanto a Cal e Shelly... bem, eles passavam a maior parte do tempo conversando sobre teorias da conspiração e bebendo. O que era bom para ele... por enquanto. Mas logo eles precisariam de uma forma estável de renda. Se quisessem fazer isso funcionar na Harlop Estate, precisariam ter um fluxo de caixa positivo - e logo.

Outro grito ricocheteou nos tetos altos e Robert voltou ao momento, com o coração acelerado. Ele se inclinou sobre a grade e olhou para baixo, tentando localizar seus colegas de casa. De repente, ele se lembrou do grito que a pequena Patrícia havia dado quando foi empurrada do telhado.

"Cal! Mas o que...?"

Mas então ele viu Shelly sair da sala de estar para a base da enorme escadaria.

"Shelly, o que há de errado?"

Mas Shelly não se virou para olhar para ele. Em vez disso, continuou recuando lentamente, com o dedo estendido e a outra mão segurando a boca. Seu rosto estava mortalmente pálido, seus olhos arregalados.

"Shelly!", gritou ele. Ele se virou, com a intenção de descer as escadas correndo e ir até ela, quando ela tirou a mão da boca e a segurou contra ele, impedindo seu avanço.

Robert engoliu com força.

"O que é isso?", perguntou ele, com a voz quase não sendo um sussurro agora. Em algum lugar no fundo de sua mente, ele percebeu que a música havia parado.

Shelly deu mais alguns passos para trás, ainda apontando para algo

que Robert não conseguia ver.

"É... é...", gaguejou ela.

Robert ouviu um novo som: o som enferrujado e rangente de metal desgastado.

"- É a Ruth, ela voltou!" Shelly terminou em um suspiro.

Robert sentiu suas pernas ficarem dormentes. Mesmo que ele quisesse, se Shelly tivesse abaixado a mão e acenado para que ele fosse até ela, ele não teria conseguido.

Ele estava congelado de medo.

E quando a roda enferrujada da cadeira de rodas de Ruth Harlop apareceu, com a mão retorcida e coriácea dela segurando a borracha desgastada, um grito surgiu em sua garganta.

Capítulo 2

QUATORZE ANOS ATRÁS

"Doutor, seu mais novo paciente chegou", informou o enfermeiro corpulento com uma voz suave.

O Dr. George Mansfield tirou os óculos do nariz e deixou que caíssem em seu pescoço, onde estavam apoiados no cordão. Ele deu uma olhada rápida na enfermeira, com os olhos escuros voltados primeiro para o crachá, onde se lia *Justine Sinclair*, antes de observar o resto dela. Ela era uma mulher rechonchuda, pastosa e grossa, especialmente na parte inferior. O médico não a reconheceu, o que significava que ela era uma das novas enfermeiras que haviam sido enviadas a ele em rodízio após suas reclamações por escrito sobre a falta crônica de pessoal.

Era apenas mais uma virgem que estava se preparando para entrar na ala psiquiátrica de Pinedale, ou, como era mais comumente chamada, na sétima ala. Ele esperava que, ao contrário das outras, ela durasse mais do que uma semana.

"Doutor?" Justine perguntou lentamente, desviando os olhos à medida que o constrangimento de sua observação evidente tomava conta dela.

Ela era uma mulher totalmente desinteressante - nariz torto, lábios finos, cabelos cortados na altura dos ombros e secos a ponto de ficarem crespos.

"Enfermeira, se o fato de eu ficar olhando para você a deixa constrangida, é melhor procurar outro emprego."

"Oh, eu... eu sinto muito, doutor, eu só..."

"Sério."

Os olhos de Justine se arregalaram novamente. Embora suas bochechas ainda estivessem vermelhas, seus olhos ficaram claros, concentrados.

"Sim, senhor."

O Dr. Mansfield pegou o arquivo de sua mão estendida e o abriu.

"Não estamos na época medieval, Justine. Não me chame de 'senhor'. Me chame de 'doutor'."

Dessa vez, a enfermeira não respondeu, e o Dr. Mansfield colocou os óculos de volta e rapidamente escaneou o arquivo.

Estudante de medicina de 24 anos teve um colapso mental. Possíveis problemas psicológicos anteriores, suspeita de bipolaridade. Passou duas semanas no hospital após o episódio mais recente, diagnosticado com fadiga e mal-estar geral. Durante a recuperação, começou a expressar duas personalidades distintas: a primeira, o estudante de medicina amoroso, quieto, tímido, obediente ao máximo. Segunda personalidade: irritada,

irada, irracional. Vingativa. Arrogante.

O Dr. Mansfield releu a primeira página do relatório, despertando seu interesse.

Um estudante de medicina com dupla personalidade? Essa é nova.

Ele folheou a página seguinte, ciente, mas sem se importar, de que Justine ainda estava olhando para ele.

Uma fotografia foi afixada no topo dessa página, uma foto de um jovem com cabelos castanhos desgrenhados e olhos pequenos com olheiras. Seu nariz era ligeiramente torto e suas orelhas um pouco grandes demais. Mas, no geral, ele tinha uma aparência mediana.

O Dr. Mansfield supôs que, com mais algumas horas de sono por noite e talvez uma mudança de carreira, ele poderia ser impulsionado para um nível acima da média.

Abaixo da fotografia havia uma lista de incidentes específicos - um relato passo a passo dos eventos que levaram o médico interno a enviar o paciente para a Sétima Enfermaria. O Dr. Mansfield ignorou esses detalhes; em seus muitos anos de trabalho com pacientes psiquiátricos, ele sempre descobriu que esses relatórios não só não eram úteis, como também eram prejudiciais à sua análise. Eles o influenciavam ou eram simplesmente imprecisos a ponto de causar distração. O caso mais flagrante de que me lembro recentemente foi o de um corretor de 40 anos que acordou uma noite gritando, um daqueles gritos agudos e desagradáveis, a cada poucos minutos, sem motivo aparente. O departamento de emergência havia encaminhado o homem para a Sétima Ala depois que um exame de rotina não revelou nada de errado fisicamente com ele. O diagnóstico oficial foi "colapso mental clássico, provavelmente devido ao estresse".

Você sabe, trabalho de alta pressão e tudo mais.

Mas o Dr. Mansfield pensou diferente. E, com certeza, um exame mais minucioso revelou uma cento e vinte centímetros de comprimento de um milípede enterrado profundamente no canal auditivo do homem. Preenchendo o ouvido com um pouco de álcool e aplicando um pouco de persuasão gentil com uma pinça, o inseto agressor caiu imediatamente.

Os gritos pararam imediatamente e o homem voltou ao normal - apesar de sua incrível gratidão.

O Dr. Mansfield fechou a pasta e a entregou de volta a Justine.

"Você não quer mais ler?", perguntou ela.

Ele suspirou, tirou os óculos novamente e ficou olhando para ela. À medida que os segundos passavam, a enfermeira ficava cada vez mais desconfortável, mudando seu peso considerável de um pé para outro.

Por fim, o Dr. Mansfield quebrou o silêncio.

"Justine, você precisa se manter firme e confiante. As outras enfermeiras já lhe fizeram uma visita guiada?"

A mulher assentiu com a cabeça, com a pele grossa sob o queixo balançando.

"E eles lhe disseram como alguns de nossos pacientes podem ser perigosos?"

Novamente, ela assentiu, mas com menos certeza dessa vez.

O Dr. Mansfield suspirou novamente.

"Vou ser honesto com você, Justine, porque contornar a verdade não é apenas desonesto, mas neste lugar -" Ele acenou com os braços, indicando as paredes cinza-claras da Sétima Ala. "- neste lugar, se você baixar a guarda por um segundo, apenas um, não só poderá ser gravemente ferido ou até mesmo morto, como também seu cérebro poderá ser infectado."

Justine o encarou, com os olhos arregalados. Ele não sabia dizer se era medo ou incredulidade naqueles buracos escuros, mas, para o bem dela, o Dr. Mansfield esperava que fosse o primeiro.

"Olhe, passei dezessete anos lidando com pacientes psiquiátricos de todos os tipos diferentes, desde os recatados e dóceis até os hiperviolentos. A maioria das pessoas de fora pensa que esses pacientes são estúpidos, que suas propensões mentais os tornam idiotas. Mas isso não poderia estar mais longe da verdade. Essas pessoas... qual é a melhor maneira de dizer isso? Esses pacientes psiquiátricos estão, de certa forma, *livres* das restrições da sociedade. Por causa disso, eles se prendem a uma ideia, qualquer ideia, e ela se *torna* eles. Eles são *obcecados* no sentido mais verdadeiro da palavra - completamente intratáveis". Ele fez uma pausa, ainda olhando fixamente nos olhos de Justine. "Você entende?"

Justine começou a acenar novamente com a cabeça, mas o Dr. Mansfield a impediu levantando a mão.

"Acenar com a cabeça não será suficiente desta vez", ele a informou. "Você precisa dizer."

Justine engoliu com dificuldade.

"Sim, eu entendo, doutor."

"Bom. Porque essas ideias que os pacientes da Sétima Ala prezam são muito poderosas. Se você baixar a guarda, mesmo que por um momento, você também pode ser infectado. Eu já vi isso acontecer antes, Justine. Você precisa levar isso a sério."

O Dr. Mansfield viu os lábios finos da mulher se moverem, pronunciando a palavra "infectado".

É impossível que ela consiga sobreviver durante a semana.

Ainda assim, eles tinham pouco pessoal e ele não tinha escolha a não ser usá-la o máximo que pudesse enquanto ela ainda estivesse por perto.

"Você entendeu?", ele repetiu.

"Sim", respondeu Justine, com mais firmeza dessa vez. "Eu entendo,

Dr. Mansfield."

"Ótimo, agora, por favor, leve-me ao meu mais novo paciente."

Justine assentiu com a cabeça e se virou sem jeito, abrindo caminho pelo corredor até a sala com a grande placa de *ADMISSÃO* acima. Ela empurrou as portas giratórias, mostrando a carteira de identidade pendurada em seu pescoço para o segurança negro e alto que estava parado ao lado, com os braços cruzados sobre o peito. O homem acenou com a cabeça e os deixou passar.

"Aqui está ele", informou Justine, apontando com uma mão gorducha para o homem amarrado à maca.

O Dr. Mansfield se aproximou lentamente do homem, observando mentalmente se as quatro correias, uma em cada membro, estavam bem presas.

É bom. Pelo menos a enfermeira acertou essa parte.

Um estudante de medicina com dupla personalidade não lhe causou alarme imediato, mas ele havia aprendido que esses pacientes podiam ser extremamente imprevisíveis.

É melhor prevenir do que remediar.

O Dr. Mansfield olhou para o rosto do homem, que era tão assustadoramente parecido com a fotografia da pasta que parecia ter sido tirada há poucos instantes.

"Oi", disse ele suavemente.

O homem abriu os olhos e um leve sorriso cruzou seu rosto pálido.

"Olá..." O Dr. Mansfield se aproximou e pegou a pasta da enfermeira Justine e leu a capa rapidamente. "- Olá, Andrew Shaw. Bem-vindo à Sétima Ala."

Capítulo 3

"Você é um idiota do caralho, sabia?"

Cal tentou parar de rir, mas não conseguiu. Ele apertou os lábios, o que abafou o som por alguns segundos, mas depois explodiu em um jato de saliva e lágrimas. Suas mãos foram para a barriga e ele caiu.

Robert, por outro lado, estava longe de se divertir.

"O que há de errado com você?" Ele foi até a cadeira de rodas, pegou a mão de borracha e a jogou em Cal. Ela o acertou no ombro, mas, em vez de irritá-lo, isso só serviu para fazê-lo rir ainda mais.

Shelly, que estava na entrada da sala de estar, de repente começou a rir também, e Robert se virou para encará-la. A razão pela qual ela conseguiu usar esse artifício foi, em parte, o fato de ter coberto o rosto com algum tipo de tinta branca, ou pó, ou algo assim.

"E você? Também acha que isso é engraçado?"

Shelly desviou os olhos e conseguiu se controlar - ela ainda estava sorrindo, mas pelo menos não estava mais rindo.

"É Halloween, Rob, e foi só uma piada. Anime-se um pouco."

O fato de ser Halloween foi uma surpresa para Robert. Aqui no Condado de Hainsey, na Harlop Estate, o tempo passava mais devagar. Não era como no porão, mas, em vez de segundos e minutos, os dias pareciam se fundir, escorrendo como melaço por um canudo torto.

31 de outubro? Estamos morando aqui há quase três meses?

Não parecia ter passado nem metade desse tempo.

Robert fez uma careta e balançou a cabeça.

Não importava se era Halloween, Natal ou Yom Kippur.

"Você quer que eu me anime?" Ele fez um gesto para Shelly e depois para Cal, que ainda estava rindo. "Talvez vocês dois devessem ficar um pouco mais sérios."

"Rob-", começou Shelly, mas Robert a interrompeu.

"Não, não comece com essa história de 'Rob'. Você quer saber a verdade? Bem, vou lhe dizer a verdade. Fiz alguns cálculos - sim, ainda sei fazer contas - e talvez possamos durar até o final do ano sem mais renda. É isso aí. Dois meses inteiros. E depois? Você já pensou nisso? Talvez, em vez de brincadeiras, vocês dois poderiam pensar em algo para fazer para ganhar algum dinheiro, não?"

Shelly apertou os lábios vermelhos em sinal de desafio. Ele sabia que só tinha um momento antes que ela voltasse com uma réplica mordaz, o que levaria a uma briga que não terminaria bem. Provavelmente pior para ele. Mas ele ainda estava furioso.

É mesmo? Uma mulher morta? Fingindo que a maldita mulher morta que eu pensei ter matado ainda estava por perto? Aquela que não mandamos seu fantasma para a medula? Isso é engraçado? E quanto à Amy? Vai fingir que ela ainda está por aqui também?

Robert sentiu suas pálpebras inferiores começarem a formigar e sabia que as lágrimas logo viriam. Ele cerrou os dentes, tentando forçá-las a sair.

"Ei, Robbo, me desculpe, ok?" disse Cal, finalmente parando de rir. "Não queríamos dizer nada com isso."

Robert fungou e limpou o nariz. Quando ele voltou a falar, parte da raiva havia se dissipado.

"Sim, bem, não foi nada engraçado."

Cal ergueu as mãos na defensiva.

"Tudo bem. Desculpe-me. Achei que isso aliviaria um pouco o clima. Você tem estado... sério - muito sério ultimamente." Cal cutucou seu peito com um dedo indicador gordinho. "Não é bom para o velho ticker."

Robert ignorou o comentário e se voltou para Shelly, esperando que ela também pedisse desculpas. Quando ela não se desculpou, ele percebeu que deveria ter se preparado melhor. Shelly estava de pé com as mãos nos quadris agora, com os lábios ainda juntos, como se dissesse: "Como você ousa falar comigo desse jeito?"

Ele balançou a cabeça e fechou os olhos. Se havia uma graça salvadora na teimosia intratável dela, era o fato de ele não estar mais a ponto de explodir em lágrimas.

Cal se moveu rapidamente entre eles.

"Você quer um drinque, Robbo?"

Robert deu uma olhada em seu amigo.

Seus olhos arregalados eram suaves e carinhosos. Claramente, a mordaca não tinha a intenção de ser algo cruel, apenas uma brincadeira que deu errado.

Talvez se você não estivesse tão envolvido com essas coisas sobre a medula...

Robert afastou o pensamento.

Não, brincar com os mortos nunca é correto - seja no Halloween ou não.

Cal tentou abraçá-lo, mas Robert deu de ombros.

"Não, não quero um agora... Acho que vou dar uma volta".

Cal voltou sua atenção para a janela.

"Está escuro como breu", disse ele com naturalidade.

Robert acompanhou seu olhar. Viver na Harlop Estate não era como viver na cidade; quando escurecia em Hainsey, ficava *muito* escuro. E desde o que aconteceu com os Harlops, ele passou a desconfiar do escuro, achando que poderia ouvir coisas nele, um rato correndo, pregos na madeira. Mas esta noite, no entanto, ele sentiu a necessidade de sair, de fazer um pouco de exercício. Ele precisava espairar, e não apenas por causa da mordaca desagradável.

"Não importa."

Robert se dirigiu às enormes portas de madeira e pegou seu paletó no cabideiro ao lado da entrada. Ele tirou o cachecol da manga e o enrolou no pescoço antes de vestir o paletó.

"Vou sair de qualquer maneira. Volto em uma hora ou mais."

Ele destrancou a porta e a abriu.

"Ei, Robbo?"

Robert se virou e ficou surpreso ao ver Cal sorrindo novamente.

"Mas foi muito bom, não foi?"

"Vá se foder", respondeu Robert, antes de bater a porta de madeira da Harlop Estate atrás de si.

Era Halloween, mas Robert não esperava ver ninguém pedindo doces ou travessuras naquela noite. Não com a casa tão isolada como estava. Ele voltou a olhar para a propriedade Harlop e, de repente, sentiu-se triste... triste e solitário. Parte dele desejava que *houvesse* doces ou travessuras, alguns risos e gritos jovens para animar o lugar.

Para lembrá-lo de Amy, por mais doloroso que isso possa ser.

E, além disso, a propriedade Harlop daria uma casa assombrada e tanto.

Não era tão assustador quanto era quando ele e Amy chegaram, mas era impressionante, especialmente à noite. Os três limpavam os Xs dos olhos do querubim da frente e encheram a bacia com água fresca. Ele também continuou a fazer alguns trabalhos de paisagismo, aparando sebes, arrancando ervas daninhas das pedras rachadas, mas isso ele fez sozinho. Para crédito deles, Cal e Shelly se ofereceram para ajudar, mas ele recusou. Era o seu momento de solidão, uma distração para não pensar nas finanças ou na medula, para se lembrar de como ele e Amy costumavam fazer as coisas, mesmo que naquela época ela não estivesse realmente *presente*. Mas e o resto da propriedade? Fazer qualquer coisa no exterior rachado excedia em muito seus salários e níveis de experiência, e era grande demais para ser pintado.

Então, sim, isso teria assustado qualquer criança que chegasse até a porta. E a cadeira de rodas e a mão falsa? Isso teria sido a cereja do bolo.

De repente, Robert se sentiu mal pela forma como havia explodido com Cal e Shelly, mas ultimamente, ele podia sentir seus níveis de estresse aumentando. Embora a família Harlop tivesse ido embora, ele ainda não se sentia perfeitamente normal em casa.

O que o Cal disse? *Está se sentindo estranho? Está ficando com raiva mais rápido do que o normal?*

Algo do tipo... a verdade é que ele se descontrolava mais do que o normal. E com apenas os dois por perto, eles frequentemente eram vítimas de suas frustrações.

É que havia tantas perguntas circulando em seu cérebro, perguntas para as quais ele simplesmente não conseguia encontrar respostas satisfatórias suficientes.

Robert enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta quando uma rajada de vento o atingiu. Ele percebeu que estava um frio fora de época e esperava que a neve não caísse pelo maior tempo possível. O que ele havia dito sobre suas finanças era verdade, mas se a neve chegasse mais cedo, ou se fosse um outono particularmente frio, aquecer a enorme propriedade só serviria para gastar seus poucos recursos.

Antes mesmo de perceber, ele já havia descido até o portão da frente. O portão provou ser outro ponto de frustração para ele, pois não importava quanto azeite de oliva, graxa ou WD-40 fosse aplicado nas dobradiças, a maldita coisa não abria mais do que um metro e meio. Robert estendeu a mão e apertou o botão do lado de dentro do portão, preparando-se para o terrível som de trituração que estava por vir.

O grito cortou o ar da noite, um estranho substituto para os gritos alegres e assustados de Halloween das crianças, e Robert tirou as mãos dos bolsos e tapou os ouvidos. Depois de um minuto inteiro de barulho horrível, o portão finalmente parou e ele passou pela abertura. Ele pensou em fechá-lo, mas isso significaria ouvir o barulho horrível mais três vezes, algo que ele não queria fazer.

Ele a deixou aberta.

De cabeça baixa, Robert começou a andar pela rua vazia, perdido em seus pensamentos. Como Cal havia dito, estava quase escuro lá fora, e seu caminho era iluminado apenas pela luz pálida da lua.

E a cereja brilhante de um cigarro aceso a vinte metros de distância.

Mas o que...?

Um homem saiu das sombras e Robert ficou paralisado.

"Você!"

Capítulo 4

QUATORZE ANOS ATRÁS

A enfermeira Justine passou a primeira semana muito bem, embora um pouco hesitante. Na verdade, ela já estava no segundo mês como enfermeira em tempo integral da Sétima Ala. Nesse caso, e somente nesse caso, o Dr. Mansfield não se importava em estar errado. E a verdade era que, apesar de todas as reservas que ele tinha em relação ao encontro inicial, a mulher era de fato útil, o que já dizia alguma coisa, considerando o quanto algumas das outras enfermeiras mais experientes tinham ficado cansadas. Mas essa não era a única boa notícia que animava seu humor; na verdade, ela empalidecia em comparação com as notícias sobre seu mais novo paciente.

Embora suas entrevistas iniciais tivessem revelado que *havia* algo em Andrew Shaw, algo escondido logo abaixo da superfície, ele não tinha certeza de que se tratava de uma segunda personalidade violenta. O tempo e as entrevistas posteriores diriam isso, e certamente havia evidências suficientes para prender Andrew, mas esse não era um cenário de "bug na orelha". E, como Justine, o homem era realmente inteligente e *prestativo*. Obediente, dócil e com mais conhecimento sobre transtornos e sintomas psiquiátricos do que qualquer estudante de medicina do terceiro ano que ele já havia conhecido.

Por mais que a Sétima Ala tivesse poucos funcionários, não demorou muito para que o Dr. Mansfield convidasse Andrew para acompanhá-lo em suas rondas diárias. Juntos, eles entrevistavam outros pacientes e, no início, Andrew não fazia nada além de observar. De fato, era algo que ele teria insistido se Andrew tivesse tentado interagir com os pacientes nessa capacidade. Ele fez questão de deixar bem claro que Andrew também estava internado, que ele era um paciente e não um médico. Era uma abordagem não tradicional, com certeza, e provavelmente ia contra meia dúzia de protocolos, mas o Dr. Mansfield era o psiquiatra-chefe e precisava de toda a ajuda que pudesse obter. Além disso, ele achava que esse tratamento realmente ajudaria a condição do homem, mesmo que clandestinamente.

Depois de um caso particularmente difícil - uma jovem com pelo menos dezesseis personalidades documentadas -, o Dr. Mansfield se viu na sala de espera da equipe para tomar uma xícara de café muito necessária. Ele estava chegando ao fim de um turno de quatorze horas e estava particularmente exausto. Normalmente, depois de atender pacientes com Andrew acompanhando, ele se certificava de mandá-lo de volta para o quarto - reforçando a noção de que ele era de fato um paciente. Mas, dessa vez, isso lhe passou despercebido e agora ele se

viu servindo duas xícaras de café - uma para ele e outra para Andrew Shaw.

"Então? O que você acha, Andrew?"

O homem parecia tão surpreso por ter sido chamado que, a princípio, apenas ficou boquiaberto.

A pergunta do Dr. Mansfield tinha dois objetivos: primeiro, ver se ele poderia encontrar mais rachaduras no revestimento que ele havia identificado pela primeira vez quando Andrew chegou; e, segundo, ele estava genuinamente interessado no que o homem tinha a dizer.

Ele realmente demonstrou alguma percepção no último mês.

"Andrew? O que você acha de Giselle Stall? Alguma opinião sobre seu transtorno de personalidade dividida?"

Mais uma vez, Andrew não respondeu. Em vez disso, mastigou a parte interna do lábio por tanto tempo que o Dr. Mansfield começou a pensar que talvez fosse melhor mandá-lo de volta para o quarto, afinal. Mas então ele falou, e o Dr. Mansfield ouviu.

"Acho... acho que a maioria de suas personalidades é falsa. contei dezoito personalidades diferentes, mas..."

O Dr. Mansfield levantou uma sobrancelha.

"Dezoito?"

Andrew assentiu.

"Sim, dezoito. A velha velha, a inocente de sete anos, a curiosa de sete anos, a pirralha..."

O Dr. Mansfield o impediu, levantando a mão.

"Ok, tudo bem, eu conheço as personalidades. Por favor, continue com seu diagnóstico".

Andrew suspirou.

"Como eu estava dizendo, acho que a maioria deles foi fabricada. De fato, acredito que todas, com exceção de duas, são apenas invenções que ela inventou. Mas a questão é a seguinte: acho que essas duas personalidades verdadeiras - que, aliás, são a criança curiosa de sete anos e a mãe carinhosa - *inventaram* as outras. Preciso de mais tempo para dizer quais surgiram com quais, mas está claro que ambas as personalidades dela estão conjurando as outras como uma espécie de mecanismo de enfrentamento."

A sobrancelha do Dr. Mansfield se franziu. Era comum que eventos traumáticos fizessem com que o cérebro de uma pessoa se fragmentasse, o que geralmente resultava em personalidades diferentes. Isso era algo que ele havia chamado de "dissidência cognitiva extrema" - uma forma de lidar com algo difícil ou impossível de compreender.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas depois a fechou novamente e observou Andrew com atenção. O homem, normalmente calado, com os olhos baixos, estava agora olhando para ele com um ar de

confiança que ele não tinha visto antes. E o Dr. Mansfield achou isso um pouco enervante. E o diagnóstico, embora ele não tivesse chegado à mesma conclusão, era interessante, para dizer o mínimo. E avançado, embora um pouco equivocado.

"Tudo bem, Andrew, digamos que eu acredite em seu diagnóstico. E, para que fique registrado, eu também acredito que as duas personalidades principais são a mãe e a criança de sete anos. Mas agora vamos à pergunta mais importante." Ele fez uma pausa para dar efeito, e Andrew previsivelmente se inclinou para frente em sua cadeira em antecipação. "Qual é a verdadeira Giselle Stall?"

Os olhos de Andrew se estreitaram imediatamente.

Era uma pergunta capciosa, é claro. Não havia uma única Sra. Stall "real"; a Sra. Stall era todas as suas personalidades, fossem elas fabricadas, como Andrew acreditava, ou existissem em compartimentos individuais de sua mente.

Por duas vezes, o homem à frente do Dr. Mansfield abriu a boca como se fosse dizer algo, mas fechou-a novamente. Ele tomou seu café lentamente enquanto esperava pacientemente.

Por fim, Andrew respondeu.

"Ambos... e nenhum, eu acho. Giselle é as duas coisas".

O Dr. Mansfield assentiu e terminou o resto de seu café. Ele colocou a xícara de isopor sobre a mesa e estava prestes a se levantar quando Andrew falou novamente.

"Você viu a cicatriz no peito dela? Certo"-Andrew traçou um dedo logo abaixo da cavidade da garganta e desenhou uma linha até parte do esterno - "aqui?"

O Dr. Mansfield assentiu com a cabeça.

"Sim, é claro."

"É de um transplante de pulmão. Quando ela era mais jovem, muito jovem, ela desenvolveu uma pneumonia grave e seu pulmão entrou em colapso."

A sobrelha do Dr. Mansfield se franziu.

"E ela recebeu um transplante de - veja só - uma menina de sete anos de idade."

Andrew levantou uma sobrelha quando disse isso, como se fosse uma revelação importante. Infelizmente, o Dr. Mansfield não estava percebendo a conexão.

"E?"

"E é daí que vem sua segunda personalidade, Dra. Mansfield. É do transplante, e é... é... é *outra pessoa*. Há *alguém dentro dela*..."

O Dr. Mansfield se levantou imediatamente.

"Já chega por hoje, Andrew. Você deve voltar para o seu quarto agora."

Andrew se levantou e abaixou a cabeça novamente, o brilho de

orgulho foi apagado de seus olhos.

"Eu fiz algo errado?", perguntou ele humildemente.

"Não, claro que não. Mas você não pode 'adotar' uma personalidade de um transplante de pulmão, Andrew. Acho que você sabe disso."

O Dr. Mansfield segurou a porta aberta para que Andrew saísse. Mas antes que ele saísse, o homem se virou para trás.

"Você não pode?"

O Dr. Mansfield franziu a testa.

"Não, é claro que não. Às vezes, eventos traumáticos, como uma doença grave, podem..." O Dr. Mansfield se deteve antes de começar a divagar. "Como você soube do transplante de pulmão da Giselle?", ele perguntou de repente.

Andrew fez uma careta como se o Dr. Mansfield já devesse saber disso. Apesar de levá-lo consigo, George fez questão de nunca lhe mostrar os arquivos dos pacientes, por motivos de confidencialidade, entre outros.

"Justine os deu para mim, é claro. Ela não lhe disse?"

A carranca do Dr. Mansfield se aprofundou e ele fez uma anotação mental para falar com Justine quando o turno dela começasse em uma hora ou mais. Não foi apenas o fato de a enfermeira ter lhe mostrado os arquivos, o que era definitivamente contra as regras, mas também as palavras que Andrew usou que o perturbaram.

É claro - por que é claro?

"Não, Andrew, ela definitivamente não fez isso. Agora, por favor, volte para o seu quarto."

Capítulo 5

Sean Sommers deu uma última tragada em seu cigarro antes de jogá-lo no chão. Em seguida, exalou uma espessa nuvem de fumaça e deu um passo à frente.

"Prazer em vê-lo também", disse ele com uma careta.

Os olhos de Robert se estreitaram.

"Não posso dizer que sinto o mesmo."

Sean olhou por cima do ombro de Robert, com o olhar voltado para a Harlop Estate.

"Não? Você tem que me agradecer por essa casa que você tem aí."

Robert zombou.

"Você quer dizer que tenho que agradecer a Ruth Harlop por isso."

Sean riu.

"Você acha que ela assinou a escritura para você? Vamos lá, Robert. Achei que você fosse mais esperto do que isso. Na verdade, se é nisso que você realmente acredita, eu provavelmente deveria levar isso comigo e ir embora."

Sean colocou uma das mãos dentro do paletó azul-marinho e mostrou o canto de um envelope antes de colocá-lo de volta no lugar.

Robert de repente mudou de ideia. Afinal de contas, ele tinha a sensação de que Sean sabia mais sobre a Medula do que todos os sites da Internet que ele havia visitado nos últimos meses juntos.

Provavelmente até mais do que LBlack, quem quer que ele fosse.

Ele estendeu a mão para agarrar o braço de Sean, mas o homem se afastou.

"Espere - não vá. Tenho algumas perguntas..." Seus olhos estavam baixos agora. "Algumas coisas que eu esperava que você pudesse esclarecer para mim".

Sean começou a retirar o envelope novamente.

"Isso não é o Jeopardy, Robert. Não estou aqui para satisfazer seu desejo de *saber*. Você precisa aceitar o fato de que há algumas coisas neste mundo e no outro lado das quais você nunca terá conhecimento." Sean tirou o envelope do bolso e o estendeu para Robert, da mesma forma que fizera meses atrás em sua casa hipotecada.

Logo após a morte de Wendy.

Robert sentiu uma inesperada pontada de tristeza ao pensar em sua falecida esposa. Ele havia se dedicado tanto à sua pesquisa que teve muito pouco tempo para pensar em Wendy. Ou em Amy.

E talvez esse fosse o objetivo.

Mas agora, o ressurgimento de Sean Sommers lhe trouxe lembranças que ele preferia esquecer.

Como as lembranças de Landon.

Maldito Landon.

"Você quer o emprego ou não, Robert? Porque..."

"Que trabalho?"

"Pegue o envelope".

Robert hesitou, mas sua curiosidade se apoderou dele e ele aceitou o envelope de Sean. Ele estava apreensivo, é claro, mas uma súbita onda de aventura o invadiu. E havia também a noção de que Sean tinha respostas... respostas sobre a Medula, entre outras coisas.

A fissura no céu, os gritos e a dor caindo como granizo...

Robert usou a lanterna de seu celular para iluminar o documento impresso.

Robert,

O Pinedale Hospital está fechado há quase uma década - abandonado. Até agora.

Algumas noites atrás, houve uma espécie de despertar, e a Sétima Ala agora está prosperando, quando deveria permanecer em silêncio. Quando precisa ficar em silêncio.

Precisamos que você vá até lá e resolva essa confusão. Em troca de seus serviços, você receberá US\$ 100.000.

Sean

Robert leu a carta uma segunda vez e depois uma terceira. Era transacional, com certeza, mas ele também notou algumas escolhas estranhas de palavras.

Como se *precisássemos de você*, quando o único nome na parte inferior da página era o de Sean.

"O quê?", perguntou ele, com um sorriso presunçoso no rosto. "Nenhum tio Tom ou tia May para visitar?"

Sean não sorriu. Em vez disso, ele tirou um cigarro do bolso e o acendeu.

"Isso não é um jogo, Robert", disse Sean depois de uma tragada. "Não importa o quanto você, o Cal ou a Shelly queiram fazer disso um jogo. Há..." Sean deixou a frase se arrastar, e Robert teve a impressão de que o homem já havia dito mais do que queria.

"Vá em frente", Robert o incentivou.

Mas Sean permaneceu em silêncio.

Robert colocou a carta de volta no envelope e bateu com ela na palma da mão por um momento.

Em seguida, ele a estendeu para Sean.

"Obrigado, mas não estou interessado."

Dessa vez, um lampejo de emoção cruzou o rosto de Sean. Ele tentou esconder a emoção dando outra tragada no cigarro, mas ela permaneceu por tempo suficiente para que Robert a pegasse.

E, naquele momento, Robert sabia que estava em vantagem.

"Isso não é negociável, Robert", disse Sean categoricamente.

Robert deu de ombros.

"Olhe, você não estava lá. Você não sabe como foi horrível ver a pequena Patricia mastigando um maldito rato, e aquele psicopata James Harlop com o maldito buraco no pescoço." Ele acenou com a mão em sinal de desprezo. "Não estou interessado em ver isso de novo, Sean. Não, obrigado. Encontrarei outra maneira de ganhar dinheiro, para me manter à tona."

Sean o olhou com desconfiança e Robert pensou por um segundo que o homem poderia ter percebido que estava sendo enganado. Afinal de contas, não havia nenhuma maneira real de eles ganharem dinheiro, pelo menos nenhuma que ele já não tivesse considerado e sumariamente descartado. Mesmo assim, Robert se manteve firme, olhando fixamente para os olhos frios do homem, tentando ao máximo não vacilar.

O antigo Robert Watts teria recuado, teria se afastado. Mas ele não era mais o antigo Robert.

Sean suspirou.

"O que você quer, Robert? Um e cinquenta? Provavelmente posso aumentar o preço para um e cinquenta."

Robert balançou a cabeça enfaticamente.

"Não quero mais dinheiro, quero respostas."

Sua última palavra pairou no ar como um cheiro ruim. Sean pareceu internalizar isso enquanto fumava o resto do cigarro em silêncio.

"Uma pergunta", disse o homem por fim, jogando a ponta desperdiçada no chão. "Mande esses fantasmas de volta para onde eles pertencem e eu responderei a uma pergunta."

Robert era como uma criança na manhã de Natal. Ele mal conseguia se conter.

"Ótimo. Cem mil dólares e uma pergunta. Está combinado."

Robert estendeu a mão, mas Sean apenas olhou para ela.

"Como faço para que você saiba quando terminarmos?"

Sean franziu a testa.

"Eu saberei - você só se preocupa com a Sétima Ala."

O olhar causou um arrepio na espinha de Robert.

A Sétima Ala.

Ao contrário da última vez, ele se certificaria de pedir a Shelly que pesquisasse na Internet para ter uma ideia do que eles estavam enfrentando antes de se apressar, como havia feito na Harlop Estate.

"Com certeza", disse Robert. Depois de mais um silêncio constrangedor, ele entendeu isso como sua deixa para ir embora e se virou com a intenção de fazer exatamente isso, quando a voz de Sean o trouxe de volta.

"E o Robert?"

"Sim?"

"Nem pense em voltar. Você deve lidar com a questão na Sétima Ala, e isso é tudo. Está entendendo?"

De volta... não havia necessidade de esclarecer a *que* Sean estava se referindo.

Um calor repentino e agradável tomou conta de Robert, e ele sentiu suas bochechas corarem.

"Entendi - não voltarei mais", mentiu.

Em seguida, ele se virou e voltou para a Harlop Estate em um estado de espírito muito diferente daquele em que o havia deixado há apenas alguns minutos.

Capítulo 6

QUATORZE ANOS ATRÁS

A estranha conversa na sala de estar durante o café com Andrew Shaw sinalizou uma mudança na Sétima Ala e no Dr. Mansfield. As palavras do homem o perturbaram e, embora nada do que Andrew dissesse ou fizera fosse perigoso por si só, ele decidiu frear seu tratamento especial. Andrew recebeu a notícia surpreendentemente bem e nem pareceu se incomodar quando se soube que Justine havia sido suspensa por uma semana por compartilhar informações de pacientes. Não vendo mais nenhuma regressão, o Dr. Mansfield acabou voltando a confiar em Andrew.

O comportamento estranho e os comentários esquisitos de Andrew constituíram uma recaída momentânea desencadeada pelo questionamento direto de um diagnóstico semelhante ao seu, escreveu ele em seus arquivos de caso. Comentários/ações não são indicativos de comportamento futuro.

Logo depois que Justine voltou da suspensão, a Sétima Ala recebeu seis pacientes em uma única semana, incluindo a incrivelmente difícil Sra. Dupuis, que veio com a deliciosa bagagem de personalidade de ser uma ninfomaníaca. E como uma mulher de 80 anos, desnutrida e grosseira, ela deixava todos, inclusive o Dr. Mansfield, desconfortáveis quando essa personalidade específica assumia o controle.

O que ele deveria fazer? Deixar a mulher gritar por horas a fio enquanto ele tentava lidar com Giselle e os outros pacientes? Entrevistar esses pacientes, chegar à raiz de seus problemas, levava tempo. Tempo que ele não tinha. Foi por isso que ele não deixou Justine ir embora depois de sua flagrante violação do protocolo e por isso acabou trazendo Andrew de volta ao grupo, apesar de não se sentir totalmente confortável com a ideia. Para reduzir o risco, dessa vez Andrew recebeu instruções específicas, no caso raro de estar com os pacientes e o Dr. Mansfield não estar presente:

1) Ele não deveria, de forma alguma, tentar tratar os outros pacientes;

2) As perguntas que ele deveria fazer deveriam ser lidas diretamente de um roteiro que o próprio Mansfield havia preparado;

3) De forma alguma ele deveria se desviar do roteiro, independentemente da resposta do paciente;

4) Ele deveria fazer anotações detalhadas das respostas dos pacientes em um caderno que lhe foi dado.

Fazia três dias que ele havia hesitantemente dado essa responsabilidade a Andrew, e estava indo melhor do que ele poderia esperar - tanto para ele, em termos de redução da carga de trabalho,

quanto para Andrew. Quase imediatamente, o Dr. Mansfield percebeu uma mudança no homem; ele estava voltando a ser mais jovem e vibrante - como era antes do incidente na sala de estar.

Isso também não parecia incomodar os outros pacientes; quando muito, o Dr. Mansfield tinha a impressão geral de que eles gostavam de ser entrevistados por um dos seus próprios pacientes. Como se eles também pudessem um dia ser como Andrew, parte de uma "sociedade" funcional, embora altamente estruturada. Alguns deles até começaram a chamar Andrew de "Dr. Shaw", o que, desde que não fosse Andrew a iniciar, o Dr. Mansfield não via problema algum.

Três dias... por três dias, esse novo cenário funcionou bem.

Mas tudo mudou novamente quando o Dr. Mansfield perdeu a paciência.

Normalmente equilibrado mesmo nos momentos mais estressantes, por alguma razão a combinação cáustica de falta de sono e frustração acabou chegando ao ápice para o Dr. Mansfield. A última coisa que ele queria fazer era gritar com Andrew, especialmente considerando seu histórico. Mas a Sra. Dupuis estava gritando há horas, e isso o estava deixando louco. Ela havia recebido uma dose pesada de Ativan na noite anterior, e o Dr. Mansfield ainda tinha de esperar mais algumas horas antes de poder sedá-la novamente.

E, por qualquer motivo, ele simplesmente perdeu o controle.

"Porra! Andrew, vá cuidar dessa mulher!", sussurrou ele, empurrando o envelope de papel manilha que estava segurando para Justine. A mulher o deixou cair, espalhando papéis por todo o chão. Por um segundo, Andrew ficou parado ali, olhando para Justine enquanto ela se abaixava para pegá-los.

O Dr. Mansfield resistiu ao impulso de se aproximar e sacudir o homem.

"Andrew, você me ouviu? Vá para a porra do quarto e cuide dela! Faça-a calar a boca!"

O rosto de Andrew ficou profundamente vermelho, e o Dr. Mansfield se arrependeu imediatamente de ter levantado a voz.

Nenhum de seus pacientes reagia bem a ameaças ou gritos. Quando muito, isso só piorava a condição deles.

O Dr. Mansfield balançou a cabeça e abriu a boca para se desculpar, mas antes que pudesse dizer as palavras, Andrew girou sobre os calcanhares e rapidamente se dirigiu pelo corredor em direção ao quarto da Sra. Dupuis.

O modo de andar do homem havia mudado. Estava mais lento, mais deliberado.

Talvez essa não seja uma boa ideia. Talvez...

Justine distraiu seus pensamentos entregando-lhe a pasta novamente. O Dr. Mansfield ficou olhando para ela por um momento

e depois olhou para o rosto rechonchudo de Justine.

"Desculpe", resmungou ele, voltando-se para Andrew.

O homem já tinha ido embora.

O Dr. Mansfield olhou para o corredor, perguntando-se se talvez tivesse imaginado a mudança na postura, o andar mais lento.

Eu deveria dar uma olhada nas anotações que ele está fazendo. E talvez já seja hora de começar a prestar um pouco mais de atenção às necessidades dele, e não tanto às minhas.

O Dr. Mansfield abriu a boca para pedir a Justine que pegasse o bloco de anotações quando uma de suas outras enfermeiras apareceu de repente, com o rosto corado.

"Betsy? O que há de errado?"

A mulher respirou fundo.

"É a Giselle. Você deve vir rápido - ela está tendo outro ataque".

O Dr. Mansfield jurou baixinho e, em seguida, empurrou a pasta de volta para as mãos abertas de Justine.

No final, se ele tivesse dado uma olhada no caderno de Andrew antes, as coisas teriam sido diferentes.

Muito diferente.

Os ataques de Giselle variavam de simples maldições a extremamente violentos, dependendo de quem tinha o controle naquele momento.

Betsy tinha razão em procurar o Dr. Mansfield; essa era uma situação ruim. Parecia que uma nova personalidade havia surgido, uma que era simplesmente má. Falando em línguas, Giselle esperou até que um dos enfermeiros se aproximasse para amarrá-la quando ela o mordeu. E também não foi uma mordida de amor; um pedaço de carne do tamanho de uma maçã estava pendurado no braço do homem.

O auxiliar, Vern, era um homem com quem o Dr. Mansfield havia trabalhado por muitos anos, portanto, quando ele afirmou que sua mão havia saído por acidente, por impulso, ele estava propenso a acreditar nele. Mas Vern era um homem grande, um homem que passava o tempo todo fora da enfermaria, na academia. Por isso, quando sua mão se lançou, ela calou Giselle instantaneamente.

O Dr. Mansfield não achava que a mandíbula da jovem estivesse quebrada, mas ainda assim deixaria um hematoma feio. A Sétima Ala não era muito popular para visitas - a maioria dos amigos e familiares dos internados vinha nas primeiras semanas, talvez meses, mas, com o tempo, a frequência entre elas se tornava cada vez mais longa, até que, inevitavelmente, paravam por completo. Especialmente se parecesse, pelo menos do lado de fora, que havia pouca melhora em

sua condição. Para sua sorte, Giselle era uma das poucas pacientes que recebia visitas regulares. O pai de Giselle, sócio de um escritório de advocacia de médio porte, vinha para uma visita supervisionada todas as sextas-feiras, exatamente às 11 horas. Apenas por vinte minutos, mas ainda assim... hoje era quinta-feira.

O Dr. Mansfield encarregou uma das enfermeiras de cuidar da mordida de Vern enquanto ele observava, tentando descobrir como lidaria com esse cenário. Com o financiamento tão apertado como estava - exigindo que ele usasse um paciente para realizar as entrevistas -, perturbar o pai de um paciente, um advogado, nada menos que isso, não ajudaria em seus resultados.

Ele esfregou os dedos nos olhos, tentando e não conseguindo afastar o cansaço que envolvia seus ossos.

"Vá para casa, Vern", disse ele com um suspiro.

"Por quê? Foi um acidente. Merda, eu não daria um soco em uma garota, você sabe disso, doutor."

O Dr. Mansfield, com os olhos ainda fechados, assentiu.

"Eu sei, mas mesmo assim você deveria ir para casa. Tirar um fim de semana prolongado".

O homem mastigou a parte interna do lábio antes de responder.

"Com pagamento? Estou sendo pago para isso?"

As perguntas sobre remuneração o fizeram lembrar-se de Andrew e Justine, e de como a falta de financiamento o havia levado a ampliar as responsabilidades deles além do que deveria.

Responsabilidades... um paciente atendendo a pacientes? Fazer anotações? O que eu estava pensando?

Mas esse era o problema: ele não estava pensando.

"Sim, tudo bem. Volte na segunda-feira", disse ele, finalmente abrindo os olhos. Com um aceno de cabeça, o Dr. Mansfield se virou e saiu, indo diretamente para o quarto de Andrew Shaw.

Seus olhos, sombrios momentos antes, se arregalaram de surpresa quando ele abriu a porta e encontrou Justine sentada sozinha no berço, de costas para ele.

"Justine? O que você está fazendo aqui?", ele exigiu. Depois da suspensão dela, ele havia feito o possível para manter os dois separados.

Quando não houve resposta, o Dr. Mansfield entrou no pequeno cômodo de 2,5 por 2,5 metros.

"Justine?", ele perguntou novamente, elevando a voz.

Quando ela ainda não respondeu, ele estendeu a mão e colocou-a no ombro dela.

"Estou falando..."

Justine virou a cabeça lentamente, com uma expressão estranha em seu rosto pálido.

"Ele está descobrindo algo", disse ela lentamente.

"O quê?" Os olhos da Dra. Mansfield se voltaram para o caderno que estava aberto em seu colo.

"Acho que o Dr. Shaw sabe como tratar essas pessoas."

O Dr. Mansfield fez uma careta.

"Do que diabos você está falando? Dê-me..." Ele pegou o bloco de anotações, mas ela o puxou para longe dele.

"Ele pode curar as pessoas", ela sibilou. "Ele *sabe!*"

"Justine! Saia dessa!"

O Dr. Mansfield, com agressividade, passou a mão em volta de seu corpo grosso e arrancou o caderno de suas mãos.

"O que há de errado com você?", ele cuspiu. "Tire o resto do dia de folga, Justine. Pense nisso..."

Seus olhos baixaram instintivamente para a página aberta do caderno e ele imediatamente perdeu a linha de raciocínio.

Mas que diabos?

Na linha superior estava escrito GISELLE STALL, em letras pretas sólidas. Mas no restante da página, de fato, cada linha continha a mesma frase escrita repetidamente em letra cursiva perfeita.

...há alguém dentro de mim... há alguém dentro de mim... há alguém dentro de mim...

O Dr. Mansfield murmurou uma maldição e, em seguida, folheou a página seguinte. Era a mesma que a primeira, mas com um nome diferente no topo: MARGARET DUPUIS.

...há alguém dentro de mim...

Ele rapidamente passou para a próxima página e depois para a seguinte. O caderno inteiro estava cheio da mesma frase insana, repetida centenas, se não milhares de vezes.

O Dr. Mansfield estava prestes a fechar o caderno, mas chegou à última página e seu coração de repente pulou uma batida.

O nome no topo era o dele: DR. GEORGE MANSFIELD.

As luzes do quarto de Andrew mudaram repentinamente para vermelho, e um alarme estridente encheu a Sétima Ala.

"Merda", ele jurou, jogando o bloco de anotações na cama ao lado de Justine.

A adrenalina inundou seu sistema, deslocando momentaneamente o sentimento de pavor e repulsa pelo caderno que acabara de ler. Ignorando Justine, que ainda o estava encarando, o Dr. Mansfield correu para a porta, quase colidindo com um funcionário que entrava em disparada.

"Dr. Mansfield! Dr. Mansfield!"

O homem se dobrou, tentando recuperar o fôlego antes de continuar. Seus olhos estavam arregalados, seu rosto pálido.

"O quê? O que é isso?", ele exigiu. "O que está acontecendo?"

Quando o homem continuou com sua respiração pesada e levantou a mão para pedir um momento, o Dr. Mansfield passou por ele e entrou no corredor.

Em toda a sua mais de uma década de trabalho na Sétima Ala, o Dr. Mansfield só tinha ouvido o alarme disparar três vezes. Uma delas foi um alarme falso, enquanto as outras duas foram tentativas de suicídio.

Apenas um foi bem-sucedido.

O Dr. Mansfield havia prometido a si mesmo que jamais permitiria que isso acontecesse novamente.

"É a Sra. Dupuis", bufou o enfermeiro atrás dele. "Por favor, doutor, o senhor precisa se apressar!"

O Dr. Mansfield imediatamente começou a correr.

Por favor... de novo não.

Capítulo 7

Robert ficou surpreso com o fato de que Shelly, entre todas as pessoas, foi a única a se opor.

"Não... de jeito nenhum." Robert tentou pegar a carta de volta dela, mas ela a puxou e apontou seus olhos verdes para ele. "A última vez foi a *última* vez, lembra?"

"A única vez?" Cal ofereceu.

Shelly lhe lançou um olhar.

"Não sei por que está tão empolgado - você quase cagou nas calças quando viu Jacky. Imagine se fosse você no porão lidando com James Harlop e não Robert? O que aconteceria? Todos nós já teríamos sido engolidos e transportados para o inferno pessoal dele".

Os pensamentos de Robert se voltaram imediatamente para o sentimento que o envolveu quando ele estava na margem macia do Marrow, olhando para as ondas. A maneira como ele estava tão quente - não quente, mas *satisfeito*.

Se ao menos eles soubessem...

"Robert? O que há de errado com você?" Shelly gritou, e Robert balançou a cabeça. Ele pegou a carta e, embora ela tenha recuado novamente, ele conseguiu arrancá-la dela.

"Olhe", começou ele, ciente de que o que estava prestes a dizer ia parecer paternalista, mas não conseguiu evitar. "Precisamos do dinheiro, Shelly - são cem mil dólares. Com esse dinheiro, poderíamos viver aqui por alguns anos... e sem preocupações com dinheiro, você e Cal podem ficar aqui bebendo e brigando o quanto quiserem."

Shelly rosnou.

"E quanto a você? Você também estava cagando nas calças, com medo da porra do escuro, se é que devo lembrá-lo. E agora, o quê? Você acha que é um caça-fantasmas de boa-fé?" Ela levantou as mãos e se virou de costas para ele. "Toda essa conversa sobre dinheiro é ótima, fantástica pra caramba, mas se você for pego por uma dessas aparições e for enviado para a Medula... você não pode levar seus malditos dólares com você para lá, Robert."

Robert estendeu a mão para o ombro dela, e ela se virou, com os olhos fixos nele.

Ele deixou sua mão cair.

"Vamos apenas dar uma olhada na cena; se for demais, vamos voltar atrás." Ele sacudiu a carta. "Vamos queimar essa carta e descobrir outra maneira de ganhar dinheiro." Robert indicou Cal com o queixo. "Talvez o Cal possa começar a fazer striptease."

Shelly sorriu, e ele sabia que a determinação dela estava vacilando. Cal também deve ter notado, pois ele se manifestou.

"Porra, se tivermos que recorrer ao strip-tease, estaremos bebendo

vinho da prisão e não uísque de décadas atrás, minha senhora", informou ele, esfregando a barriga redonda.

Robert estendeu a mão novamente, mas, dessa vez, quando a mão dele caiu no ombro de Shelly, ela baixou o olhar e não o afastou.

"Precisamos de você, Shelly. Cal e eu não podemos fazer isso sozinhos. Você sabe mais sobre esse assunto do que nós dois juntos."

Robert esperou e, por fim, Shelly olhou para ele. De repente, ele ficou impressionado com o quanto ela era bonita, especialmente quando estava sendo vulnerável, como estava agora.

Ela apertou os lábios.

"Tudo bem", ela finalmente cedeu. "Vamos dar uma olhada, mas é só isso."

Cal bateu palmas com alegria.

"Yippee! Vou buscar o Slimer e aquecer a perua. Ectoplasma à vontade!"

Robert riu. Ele não conseguiu evitar.

"O quê?" Cal respondeu, estreitando os olhos.

"O *quê*? Sério? Que diabos você está vestindo? Você parece um tipo de ninja fora de forma".

Shelly se juntou ao riso dele.

"Como se fosse uma espécie de salsicha de sangue inchada", acrescentou entre risos.

Cal olhou para baixo, para seu corpo, com o rosto franzido. Enquanto ele estava distraído, Robert deu um passo à frente e sacudiu o cinto preto que estava pendurado em sua cintura.

"Onde você conseguiu isso, afinal? É um roupão de banho ou algo assim?"

Cal deu de ombros e apertou a gravata na cintura. Ele usava uma camiseta preta de gola alta, sobre a qual vestia um roupão de banho preto e sedoso. Ele também usava um boné de beisebol abaixado e, com a gola alta como estava, apenas o rosto ficava exposto. Para completar o visual, ele estava usando um par de luvas de lã baratas.

"Não sei o que é... encontrei-o em uma caixa em uma das salas dos fundos. Há um monte de caixas que não são tocadas há anos. Talvez haja algumas pedras preciosas ou joias lá dentro."

Robert balançou a cabeça.

"Gemas ou joias? Como a recompensa de um pirata? De que diabos você está falando?"

Cal levantou uma sobrancelha.

"Nunca se sabe."

"Tudo bem, tanto faz, mas por que diabos você está usando isso?" perguntou Shelly, com as mãos nos quadris. "Acho que não quero ser

vista com você... além disso, será melhor para você ficar sozinha quando tiver sua grande chance. Sabe, quando você aparecer no programa *How To Catch A Predator*. Já estou vendo a manchete: "Homem de roupão de seda é visto distribuindo doces na escola primária".

"Rotundo? Vá se danar. Eu só pensei... eu pensei..."

Robert pensou em salvar o amigo, mas estava gostando que Cal fosse o único envergonhado, e não o contrário.

"Sim?"

"Você sabe, sobre não tocar e tudo mais. Pensei que se eu usasse isso, talvez eles não conseguissem chegar à minha pele."

Robert deu uma risadinha.

"O quê? Nós não sabemos. Talvez eles só precisem tocar sua pele."

Shelly fez uma careta. De repente, o humor havia deixado a sala.

"Tudo bem, tanto faz", acrescentou ela, ajustando a mochila no ombro enquanto se virava para a porta.

Robert correu atrás dela.

"O que tem na bolsa, Shelly?"

"Tampões", disse Cal rapidamente, puxando a retaguarda.

"Vá se foder."

"Oh, sensível, não é?"

Shelly ignorou o comentário.

"O que *tem* na sacola?" Robert perguntou novamente, genuinamente curioso.

Ela deu de ombros.

"Algumas coisas que podemos precisar." Ficou claro que ela não estava planejando se estender mais sobre o assunto, então Robert simplesmente deixou passar. Cal, por outro lado...

"Maxi pads?"

Shelly se virou e, por um breve momento, Robert pensou que ela fosse estender a mão e bater nele.

E ele não a teria culpado.

Em vez disso, ela apenas sorriu.

"Apenas tire o maldito roupão de banho, seu pervertido."

Robert sorriu, Cal franziu a testa e, juntos, o trio deixou a propriedade Harlop.

Capítulo 8

QUATORZE ANOS ATRÁS

Não foi uma tentativa de **suicídio**.

Era algo muito pior.

"Abaixe o bisturi, Andrew", ordenou o Dr. Mansfield com calma.

Ele mal reconheceu o homem à sua frente. Os olhos de Andrew Shaw eram pequenos e vermelhos. Seu cabelo, normalmente desgrenhado, agora estava uma bagunça completa. Até mesmo sua voz parecia diferente de alguma forma.

"Me chame de Dra. Shaw, ou vou cortar sua garganta."

O Dr. Mansfield engoliu com força ao ver o homem aproximar a lâmina do pescoço exposto da Sra. Dupuis. Andrew estava agachado atrás dela enquanto ela estava deitada na maca, completamente nua. Ele olhava por cima do ombro direito dela, com uma das mãos segurando a lâmina que agora estava tocando a pele coriácea abaixo do queixo, enquanto a outra palma estava pressionada firmemente contra a testa dela, prendendo-a à maca.

"Tudo bem, tudo bem, mas, por favor, abaixe o bisturi. Você não quer fazer isso".

"Ele não vai fazer isso", cuspiu a Sra. Dupuis. "Ele é um maricas de merda - ele não tem coragem de me matar."

A Sra. Dupuis havia se tornado a drogada irada, e o Dr. Mansfield fez o possível para ignorá-la. Mesmo assim, ele sabia que só tinha um pouco de tempo antes que ela tivesse um ataque. Personalidade fantasma ou não, essa versão da Sra. Dupuis ainda precisava de seus medicamentos. E, se não as recebesse, ela estava propensa a entrar rapidamente em convulsões violentas.

E com essa lâmina...

"Andrew..."

"Doutor!", gritou o homem de repente. *"Me chame de doutor!"*

O Dr. Mansfield ergueu as mãos.

"Desculpe, desculpe. Doutor, Dr. Shaw, por favor, deixe-a ir. Podemos conversar sobre isso."

Algo cintilou no rosto de Andrew, uma representação do homem que o Dr. Mansfield havia encontrado pela primeira vez ao entrar na ala, aquele em quem ele confiava o suficiente para entrevistar pacientes com ele.

O homem de quem ele teve pena, provavelmente por causa de sua formação médica.

E também porque ele estaria mentindo se não visse muito de si mesmo em Andrew Shaw.

Estúpido... como você pode ser tão estúpido?

"Podemos conversar sobre isso?" Andrew disse com uma careta, a nova versão de si mesmo, aquela sobre a qual o Dr. Mansfield até então só tinha lido, recuperando o controle. Ele se inclinou para fora da maca e soltou a testa da Sra. Dupuis.

"Está vendo? Eu lhe disse que essa vagabunda não consegue fazer isso."

Os dois homens ignoraram a mulher nua esparramada na maca, e Andrew agarrou a gola da camiseta dele e a puxou para baixo. "Você quer falar sobre isso?"

A princípio, o Dr. Mansfield não sabia a que Andrew estava se referindo, mas quando ele se inclinou ainda mais, viu uma grossa cicatriz rosada que corria do fundo de sua garganta antes de desaparecer sob a camisa.

Seus pensamentos se voltaram imediatamente para o comentário que Andrew havia feito sobre o transplante de Giselle e as palavras rabiscadas em todas as páginas do caderno como uma espécie de mantra demente.

Há alguém dentro de mim... há alguém dentro de mim... há alguém dentro de mim...

"Eu tinha apenas doze anos quando fizeram isso comigo", disse ele, com a voz seca e rouca. "Quando colocaram outra pessoa aqui dentro."

Ele retirou a lâmina do pescoço da Sra. Dupuis por um momento para cutucar a cicatriz.

A mulher gargalhou imediatamente.

"Eu lhe disse! Eu lhe disse! Eu lhe disse!"

"Mas foi só depois de alguns anos que percebi que eles não apenas colocaram outra pessoa aqui" - ele moveu o bisturi até a linha do cabelo e o usou para acariciar suavemente a têmpora - "mas que também colocaram alguém *aqui*". Andrew baixou a voz até que fosse um mero sussurro. "*Há alguém dentro de mim...*"

O Dr. Mansfield deu um pequeno passo à frente e Andrew imediatamente colocou a lâmina de volta na garganta da Sra. Dupuis. Seus olhos se arregalaram de repente e imediatamente se encheram de lágrimas.

"Por favor, por favor, papai, o que ele está fazendo comigo? Não quero que ele faça isso comigo", disse ela entre soluços.

A assustada criança de sete anos agora. O Dr. Mansfield balançou a cabeça, lutando para manter o foco apesar da insanidade que se espalhava pela sala.

"Dr. Shaw, eu sei que o senhor sente que foi injustiçado de alguma forma, que seus pais deveriam ter perguntado se o senhor queria o transplante, mas fazer *isso* não vai fazer com que o senhor melhore. O senhor sabe disso", disse ele, tentando desesperadamente apelar para o *outro* Andrew Shaw. "Você *sabe* disso e, além disso, não pode

machucar ninguém. Afinal de contas, você é médico."

Um sorriso começou a cruzar o rosto de Andrew, e o Dr. Mansfield sentiu seu coração afundar. Naquele sorriso lascivo, ele sabia que sua abordagem havia falhado. Ele imediatamente correu para a maca, mas, apesar de sua reação, foi lento demais.

"Ah, é aí que o senhor se engana, Dr. Mansfield. Eu não sou um médico *de verdade*."

"Por favor, papai..."

As palavras da Sra. Dupuis se transformaram em um gorgolejo quando Andrew enfiou o bisturi na garganta da mulher até o cabo. O sangue jorrou imediatamente do ferimento, quase atingindo o Dr. Mansfield, que ainda estava a um metro e meio de distância.

"Não!", ele gritou, lançando-se sobre a maca.

O homem demente arrastou a lâmina pelo pescoço dela, fazendo um fino corte vermelho em sua carne cor de cobre. O sangue parou de jorrar e, em vez disso, apenas fluíu em grossos riachos, encharcando a parte da frente do pescoço da idosa e seus seios caídos. O lençol embaixo dela ficou imediatamente vermelho intenso.

O Dr. Mansfield correu até ela, com seus instintos de médico assumindo o controle, sem qualquer noção de perigo para si mesmo. Andrew deu um passo para trás quando se aproximou, e o Dr. Mansfield colocou as palmas das mãos no pescoço da Sra. Dupuis, tentando estancar o sangue que jorrava dela. Ela estava começando a se debater, o que só serviu para fazer voar mais sangue. Agora, ele borbulhava de sua boca e seus olhos se reviraram.

"Socorro!" O Dr. Mansfield gritou, perguntando-se por que os enfermeiros e os seguranças estavam demorando tanto com a luz e o alarme piscando como estavam. "*Ajudem-me! Eu preciso...*"

Mas então ele sentiu algo frio pressionar sua clavícula e parou imediatamente de falar.

"Você não acredita em mim agora, Dr. Mansfield - você não acredita *que há alguém dentro de mim*. Mas você acreditará. Quando eu terminar com você, juro que acreditará. Juntos, vamos fazer história."

Capítulo 9

"As portas do Pinedale Hospital fecharam oficialmente em 25 de fevereiro de 2006, mas o hospital estava em constante declínio desde o incidente que ocorreu quase exatamente cinco anos antes."

Shelly fez uma pausa e lambeu os lábios.

"Vamos, por que está parando?" perguntou Cal.

Robert manteve os olhos focados na estrada à frente. Ele estava ouvindo apenas pela metade o que Shelly estava dizendo, apesar de entender que o que ela estava lendo era muito importante; que o Hospital Pinedale era importante, assim como a Sétima Ala.

Mas ele não conseguiu impedir que sua mente voltasse para Sean e para a pergunta que faria a ele quando tudo isso acabasse.

E o tutano; o tutano estava sempre em sua mente.

"Vou esperar o Capitão Caça-Fantasmas aqui, para me certificar de que ele acorde de seu sonho molhado antes de continuar."

Devo perguntar a ele o que significam os relâmpagos no céu? Ou o que era a água? A areia? Se algum dia verei Amy novamente? Se eu posso voltar, talvez?

O último pensamento o fez estremecer, mas ele não tinha certeza se era uma manifestação de excitação ou desconforto.

Ou talvez tenha sido um pouco dos dois.

De repente, uma mão bateu na parte de trás de sua cabeça.

"Que porra é essa, Cal?"

Robert lançou um olhar para o homem pelo retrovisor, mas Cal apenas o encarou, balançando a cabeça em sinal de desgosto. Embora a amizade deles tivesse sido prejudicada pela convivência, como acontece com qualquer pessoa, havia algo diferente nele desde que eles haviam expurgado os fantasmas de Harlop Estate. Ele estava, em uma palavra, distante. Robert também pensou ter detectado uma ponta de inveja disfarçada em sua sátira mordaz.

Não havia dúvida de que havia algo entre Shelly e ele, e Robert sabia que era natural que Cal, que a havia trazido para o grupo, ficasse um pouco enciumado.

Robert olhou para Shelly, que estava olhando para ele. Seus olhos verdes eram arregalados, delineados por um delineador grosso que ia além das pálpebras e formava uma ponta - olhos de gato. Esse delineador era a única maquiagem que ela usava - que ela sempre usava - e, no entanto, seus lábios eram sempre tão vermelhos e suculentos e...

"Estamos esperando por você, cowboy", disse Shelly suavemente. Como se soubesse o que ele estava pensando, a língua dela saiu e molhou o lábio inferior. "No que você está pensando, afinal? Ainda está pensando na Wendy..."

"Não, não", ele interrompeu, "nada disso".

Você não entenderia.

"Desculpe-me, estou cansado, só isso. Por favor, continue lendo. Estou ouvindo."

Cal resmungou alguma coisa, mas Robert não conseguiu entender as palavras. Uma rápida olhada revelou que o homem havia cruzado os braços sobre o peito e agora estava olhando para fora da janela, emburrado como uma criança petulante.

Sim, com certeza tenho inveja. Porém, não mais tão disfarçada.

Shelly olhou para ele como se não acreditasse, mas continuou mesmo assim.

"Ok, então esse maldito hospital? Pinedale? Fechou há cerca de uma década. Mas já estava em vias de sair por causa de um incidente..."

"Sim, nós ouvimos essa merda", disse Cal do banco de trás, com os olhos ainda fixos na janela. "Vamos para a parte boa."

Shelly rolou furiosamente a tela do seu celular.

"Em 17 de fevereiro de 2001, quase exatamente cinco anos após o dia em que a Pinedale fechou oficialmente suas portas, um paciente da Sétima Ala - a ala psiquiátrica - sequestrou o psiquiatra-chefe, Dr. George Mansfield. Os detalhes exatos do que aconteceu naquele dia fatídico nunca foram divulgados devido às regras de confidencialidade do paciente, mas com o passar dos anos mais e mais informações foram vazando. O que sabemos é que houve uma espécie de alteração envolvendo uma enfermeira da Sétima Ala e dois pacientes. Quando a poeira baixou, um paciente estava morto e o Dr. Mansfield foi sequestrado pelo outro paciente. A enfermeira também desapareceu, embora ainda não esteja claro se ela foi cúmplice ou vítima. Acredita-se que ela tenha fugido para a floresta atrás de Pinedale, e a polícia a procurou por dias a fio, mas não encontrou nada. Simplesmente não havia sinal da enfermeira, do paciente ou do Dr. Mansfield desaparecidos. Durante a investigação, que continua em aberto até hoje, a Sétima Ala foi temporariamente fechada, mas nunca reabriu.

"Dois anos se passaram sem nenhum progresso, depois três. Começaram a surgir rumores nas outras alas de Pinedale, com alguns pacientes afirmando que podiam ouvir o Dr. Mansfield dando ordens tarde da noite, quando não havia ninguém por perto. Foi nessa época que a primeira parte de um corpo foi descoberta: uma perna amputada - do joelho para baixo - foi encontrada no banheiro da Segunda Ala, enfiada em um vaso sanitário. Na semana seguinte, um braço foi encontrado na pia do banheiro feminino do Fourth Ward. O DNA confirmou que ambos pertenciam ao Dr. George Mansfield. À medida que a notícia do desmembramento do homem se espalhou, as pessoas simplesmente pararam de vir a Pinedale, e logo o hospital inteiro estava quase tão vazio quanto a Sétima Ala. Por isso, não

foi nenhuma surpresa que, em fevereiro passado, o Conselho de Administração tenha decidido que era do interesse de seus acionistas e da comunidade em geral que o Pinedale fechasse suas portas definitivamente. Todos os pacientes foram redirecionados para o North Halichuck Hospital, uma instalação muito mais nova, que fica a menos de trinta milhas ao norte de onde Pinedale está localizado. No momento, não há planos atuais para a instalação depois que os últimos pacientes forem transferidos para o NHH. Embora o corpo inteiro do Dr. George Mansfield nunca tenha sido encontrado, com base nos membros desmembrados, sua família e as autoridades presumiram que ele estava morto. A enfermeira e o paciente ainda são oficialmente considerados desaparecidos."

O carro ficou em silêncio quando Shelly terminou de ler o último parágrafo.

Então Cal disse a palavra que estava se repetindo na cabeça dos três.

"Desmembrado?"

Shelly deu de ombros, tentando se manter firme, mas, mesmo com o canto do olho, Robert percebeu que ela também estava abalada.

"O que está escrito... deixe-me...", ela começou a mexer no telefone novamente. "Deixe-me ver o que mais posso descobrir."

No minuto que se seguiu, Robert sentiu a mão de Cal em seu pescoço novamente, só que agora era uma cutucada suave para chamar sua atenção e não um tapa. Evidentemente, seu mau humor e o olhar fixo para fora da janela tinham acabado - por enquanto.

Ouvir sobre um homem sendo desmembrado tiraria qualquer um de sua depressão, ele supôs.

"Ele... qual é o nome dele, Steve? Steve lhe contou mais alguma coisa sobre a Sétima Ala?" Suas palavras estavam carregadas de medo e apreensão.

Robert balançou a cabeça.

"É Sean, e não. Ele não disse nada sobre isso, na verdade. Eu só sei o que você sabe - o que estava na carta", ele mentiu. Robert não havia lhes contado sobre o acordo de uma pergunta, mas isso não era para eles, de qualquer forma.

Seus pensamentos se voltaram brevemente para os últimos momentos com Amy, quando ela implorou para abraçá-lo, mas ele não deixou. Na época, ele estava assustado com a ideia de ser puxado para a Medula e não voltar, mas agora... talvez, se a oportunidade surgisse novamente...

"Ei, Robbo, você está se distraindo de novo? Que porra é essa, cara?"

"Desculpe."

"Eu perguntei onde você conheceu Sean."

Robert deu de ombros.

"Olhe, eu já lhe contei a história. Ele veio à minha porta com a carta da tia Ruth. Depois, eu o vi novamente em minha caminhada, fumando. É só isso, cara, de verdade. Não sei nada sobre ele. Talvez" - ele apontou o queixo para Shelly, que ainda estava olhando para o celular - "talvez, depois que Shelly terminar, ela possa pesquisá-lo no Google. O nome dele é Sean Sommers".

Shelly olhou para cima quando seu nome foi mencionado e Robert ficou momentaneamente surpreso com o fato de ela ter ficado pálida de repente. Até mesmo seus lábios ficaram em um tom de rosa suave.

"Pessoal, acho que vocês vão querer ver isso..."

Capítulo 10

QUATORZE ANOS ATRÁS

"Se você se aproximar de mim, eu o matarei. Eu o matarei assim como matei a Sra. Dupuis", cuspiu Andrew. Ele pressionou a faca ainda mais forte contra a garganta do Dr. Mansfield, desenhando uma fina linha de sangue.

Havia três seguranças e dois auxiliares bloqueando sua saída da sala. Todas as enfermeiras que inicialmente correram para ajudar a Sra. Dupuis já haviam se retirado para seus postos ou estavam isoladas na sala de espera, como era o protocolo.

Todos eles estavam seguros, exceto um. O Dr. Mansfield viu a farda azul-clara da enfermeira entre os três grandes seguranças.

"Andrew", começou Vern com severidade. O homem obviamente havia desconsiderado as instruções do Dr. Mansfield para ir para casa, e ele ficou imediatamente grato. Afinal de contas, Vern era um homem grande. Muito grande e muito forte. "Pense no que está fazendo - para onde está indo? Há policiais a caminho - eles chegarão a qualquer momento. Não há como você sair daqui."

Os olhos de Andrew se arregalaram nervosamente, e o Dr. Mansfield sentiu a faca raspando para cima e para baixo em sua carne enquanto sua mão se agitava.

"Está ouvindo isso, George? Eles acham que eu não vou conseguir sair daqui. O que você acha?"

O Dr. Mansfield engoliu em seco. Ele já havia lidado com psicopatas antes, é claro, mas nunca havia passado por uma situação como essa... uma situação com consequências tão extremas para si mesmo. Sua mente girava em círculos, tentando descobrir a melhor abordagem - como ele poderia salvar não apenas sua própria vida, mas também a de Andrew. Afinal de contas, apesar do que havia feito à Sra. Dupuis, ele merecia ajuda.

Ele estava doente, e todas as pessoas doentes mereciam uma chance de ficarem saudáveis novamente.

"Eh, George? O que você acha?" As mãos de Andrew estavam cobertas de sangue e, quando ele falou, seus pulsos se prenderam desconfortavelmente ao pescoço do Dr. Mansfield.

"Eu acho, eu acho que você pode acabar com isso, Dra. Shaw. Acabe com isso agora."

"Ah? Acabar com isso?" Ele empurrou a lâmina com um pouco mais de força: "Acabar assim?"

"Não!", gritou um dos auxiliares.

"Por favor", implorou o Dr. Mansfield, mudando imediatamente de tática. Sua esperança era tentar trazer o Andrew que ele havia

conhecido à tona novamente, mas com a lâmina cortando sua pele, ele não conseguia se concentrar. "Você não precisa fazer isso. Eu posso ajudá-lo, eu sei..."

Andrew riu.

"Você pode *me* ajudar? Veja, é aí que você se engana, George. Você não pode me ajudar - eu posso *ajudá-lo*. Eu sei como consertar essas pessoas. Você, por outro lado..."

Outra voz entrou na briga, uma que pertencia à mulher com a bata azul de enfermeira.

"Ele tem razão", disse Justine em voz alta o suficiente para ser ouvida por cima do alarme que continuava a soar. "Ele pode realmente ajudar essas pessoas. Você não quer isso? Todo mundo aqui não quer isso?"

Os olhos do Dr. Mansfield se estreitaram e ele sentiu a pressão em seu pescoço diminuir um pouco.

"Justine? Que diabos você está fazendo?", ele exigiu.

A mulher ergueu os olhos para fitá-lo.

"Estou ajudando o bom doutor", respondeu ela instantaneamente. "Você não leu o caderno?"

O Dr. Mansfield estava incrédulo, lembrando-se da única frase repetida várias vezes.

...há *alguém dentro de mim*...

"Era uma bobagem, Justine. Os rabiscos de um homem muito, muito doente. Você não pode..."

Ela franziu a testa e balançou a cabeça.

"Venha comigo, Andrew. Eu conheço uma saída... uma saída para os fundos e para as colinas, um lugar onde você possa escapar."

A faca estava novamente encostada em seu pomo de adão.

Os olhos de Justine se arregalaram de excitação.

"Venham, venham", disse ela, empurrando um dos seguranças para um lado e acenando para Andrew e o Dr. Mansfield.

"Se você tentar alguma coisa", sussurrou Andrew com os dentes cerrados, "não hesitarei em abri-lo".

Com a lâmina cravada em sua pele, o Dr. Mansfield não teve escolha a não ser dar um passo à frente quando Andrew o cutucou pelas costas.

No início, todos permaneceram enraizados, sem saber como reagir. Mas então Andrew gritou, e eles instintivamente abriram caminho.

"Está ouvindo isso? Saia da frente, *porra!*"

Vern fez contato visual com o Dr. Mansfield, esperando por uma indicação, qualquer sugestão - um aceno de cabeça, uma piscadela, um maldito engolir - para atacar. Mas George Mansfield era um psiquiatra, não um herói.

Ele baixou o olhar e voltou a se mover para frente.

Foi a última vez que ele viu Vern, ou qualquer um deles, novamente.

"Para onde está me levando?" O Dr. Mansfield ofegou.

A lâmina ainda estava pressionada firmemente em sua garganta e, a cada passo irregular que davam na encosta da colina, ela se movia, raspando como a navalha reta de um barbeiro que sofre de Parkinson.

"Você vai ver", disse Andrew, empurrando o médico para a frente mais uma vez. "Você vai ver."

Antes de sair do hospital, Justine havia prendido um pedaço de cabo e o enrolou nas mãos do Dr. Mansfield na frente dele. O terreno já era bastante difícil - íngreme e coberto de vegetação -, mas sem as mãos para se equilibrar, ele tropeçava a cada quatro ou cinco passos.

Seus joelhos estavam ralados e irritados sob a calça e o jaleco.

A polícia deve estar chegando em breve, não é mesmo?

Ele aguçou os ouvidos, tentando captar o som das sirenes, mas a única coisa que conseguiu ouvir foi o som do alarme vindo da janela quebrada em algum lugar atrás e abaixo deles.

"Mexa-se", ordenou Andrew, e o Dr. Mansfield acelerou o passo para evitar ser empurrado novamente.

Segurança? A segurança virá atrás de nós?

Justine, cujo rosto estava vermelho como beterraba e que tentava desesperadamente recuperar o fôlego, finalmente apareceu em sua periferia.

"Justine", implorou o Dr. Mansfield. "Não faça isso. Você é uma boa pessoa, eu sei disso. O que quer que você pense - o que quer que você pense que Andrew vai fazer por -"

De repente, algo duro atingiu a base de seu crânio, e estrelas brilharam diante de seus olhos. Ele gritou e caiu para frente, batendo o queixo e os cotovelos no terreno à sua frente.

Gemendo com a dor surda que parecia envolver toda a sua cabeça, ele se esforçou para rolar, mas não conseguiu com as mãos amarradas. Em vez disso, ele esticou o pescoço, tentando descobrir o que havia acontecido.

Andrew Shaw estava pairando sobre ele, com um olhar de soslaio e um olhar ardente nos olhos. Naquele momento, o Dr. Mansfield soube que esse homem faria qualquer coisa para provar sua teoria insana.

Ele só não havia descoberto ainda qual era o seu papel em tudo isso.

...há alguém dentro de mim...

Quando a escuridão começou a se apoderar dele, o olhar do Dr. Mansfield desceu lentamente até a mão esquerda de Andrew. Nela, ele segurava uma pedra do tamanho de um punho, manchada de sangue.

Seu sangue.

"Eu já lhe disse", sibilou Andrew. "O senhor deve se dirigir a mim como Dr. Shaw. Afinal de contas, estou prestes a fazer a maior descoberta psiquiátrica dos últimos cinquenta anos."

As pálpebras do Dr. Mansfield caíram e depois se fecharam completamente.

"E você, George Mansfield, vai me ajudar."

Capítulo 11

Robert engoliu com força. Seu estômago e sua constituição haviam endurecido depois de ver o que ele tinha na propriedade Harlop, incluindo o ferimento aberto no pescoço de James Harlop.

Mas isso era diferente. As imagens no celular de Shelly não eram de fantasmas, aparições ou quiddity, mas de partes reais do corpo. Pedacos ensanguentados e esfarrapados.

"Porra, guarde isso", resmungou ele, voltando a olhar para a estrada.

"Doente", acrescentou Cal.

"O quê? Agora vocês estão se tornando maricas? Quando fui eu quem disse que essa porra toda era uma má ideia, vocês foram rápidos em me dizer o contrário. Mas agora, quando há um pouco de sangue envolvido, vocês de repente ficam melindrosos?"

Shelly fez uma pausa, mas nem Robert nem Cal responderam.

"Olhem, vocês precisam ser mais espertos. Posso não estar nesse jogo há muito tempo, mas estou nele há mais tempo do que vocês dois juntos. E que porra é essa? Como é que sou eu que tenho de ser racional? Jesus, vocês não pesquisaram sobre a Harlop Estate na Internet e agora um homem lhes oferece dinheiro..."

"- Cem mil dólares -"

"- Foda-se, tanto faz, um cara lhe oferece um monte de dinheiro, e você acha que tudo o que vai ter que fazer é balançar suas bundas bonitas no ar, jogar uma máscara de gás ou um livro em um fantasma, e então, puf, estamos ricos? Você acha que esse é o mais novo capítulo de Atividade Paranormal? Atividade Paranormal: Edição Proposta Indecente?"

Robert olhou para Cal em seu roupão de seda e sentiu um sorriso surgir em seu rosto, apesar do tom de Shelly.

"Não é uma piada, Robert. Tivemos sorte da última vez... muita sorte. Na verdade, mal posso acreditar que você conseguiu sair do porão. Esta... esta é diferente. Desta vez, estamos em um lugar estranho - um maldito hospital, entre todas as coisas - e não temos ideia do que nos espera lá dentro. Sério, você acha que esses membros são ruins? Eu já li, eu já li..."

"Shelly, não estamos levando isso como uma piada", Cal a interrompeu, com um tom suave e reconfortante.

Shelly revirou os olhos.

"Não seja condescendente comigo. Isso vai ser uma merda, Cal. Mais foda do que a propriedade Harlop. Só espero que você esteja preparado para o que está por vir."

Cal deu de ombros.

"Não tenho ideia do que esperar, mas se há uma coisa..."

Quando ele fez uma pausa, o olhar de Robert se voltou para o espelho retrovisor. Cal tinha o mesmo olhar no rosto, aquele que ele tinha visto pela primeira vez quando o amigo falou sobre o acidente de trem, quando ele viu o amigo morrer. Naquela época, Robert achava que havia mais coisas na história, mas não insistiu. Uma pontada de culpa o atingiu inesperadamente.

Nos três meses que se passaram desde que moraram juntos, nem sequer lhe passou pela cabeça perguntar a Cal sobre o incidente. Ele estava muito envolvido em suas próprias merdas. No Marrow.

Foda-se.

Shelly falou em seguida, mas, dessa vez, seu tom, assim como o de Cal, ficou mais calmo. Havia também algo de presságio no ar, um sentimento que havia surgido quando Shelly leu aquelas palavras fatídicas.

Desmembrado.

Robert estremeceu.

"Só quero que vocês levem isso a sério. Isso... isso não é brincadeira. Podemos entrar neste hospital, nesta *Sétima Ala*, e nunca mais sair. E o lugar para onde a quiddity pode nos levar... bem, não há duendes e arco-íris lá, deixe-me dizer a vocês."

Cal limpou a garganta.

"Dissemos que daríamos uma olhada. Se for muito ruim, vamos embora. Isso é tudo o que há para fazer."

Os três acenaram com a cabeça e o carro ficou em silêncio.

"Pessoal?" Robert disse depois de alguns minutos.

"Sim?"

Robert levou o carro até o portão desbotado e parou.

"Estamos aqui. Contemplem o Hospital Pinedale em toda a sua glória."

Ninguém no carro riu.

Eles nem sequer sorriram.

O primeiro obstáculo era o portão, que estava tão desgastado e fraco que praticamente se desfez quando Cal tentou levantá-lo. O segundo se mostrou mais formidável.

"Tem certeza de que seu namorado não colocou uma chave no envelope?" perguntou Shelly, com seu humor característico voltando aos poucos.

"Não, apenas a carta", respondeu Robert com um encolher de ombros.

Shelly estendeu a mão e puxou ineficazmente o grosso cadeado de metal que mantinha a porta da frente firmemente fechada. Havia outro cadeado mais próximo da maçaneta, um pedaço de metal

menor, mas de aparência mais robusta, que também estava trancado.

Shelly deu de ombros.

"Então, é isso. Vamos para casa, então, rapazes", disse ela, meio séria.

Cal deu um passo à frente e Robert sorriu com seu súbito comportamento cavalheiresco. Os sentimentos do homem por Shelly eram mais profundos do que ele havia pensado.

"Deixe-me tentar."

Shelly se afastou.

"Fique à vontade, Sir Galahad."

Robert observava divertido, pronto para dar um passo à frente e impedir que o homem se machucasse. Isso até Cal enfiar a mão na parte de trás de seu roupão de seda e tirar um pé de cabra de tamanho normal.

Os olhos de Robert se arregalaram.

"Que merda é essa? De onde diabos você tirou isso?"

Cal deu uma risadinha quando começou a enfiar o pé de cabra entre a fechadura e a porta de metal.

"Você acha que eu só sou bom em cavar túmulos, Robbo?", grunhiu ele ao aplicar força na alavanca. Ela não se moveu. "Eu também sou..." Ele sibilou e aplicou mais pressão. "-Excelente em..."

Robert podia ver uma veia em sua testa começar a latejar. A fechadura, no entanto, não reagiu ao seu esforço. Com um empurrão violento, o pé de cabra escorregou e Cal enfiou a mão contra a porta.

"Merda...", disse ele, chupando o pequeno corte em seu dedo e colocando o pé de cabra de volta no lugar de onde o havia tirado por baixo do manto. "Não vai se mexer."

Shelly riu.

"O quê? Você tem alguma coisa na mochila da Hello Kitty que acha que pode usar melhor?"

"Tenho um maçarico aqui, mas acho que não vai adiantar muito para essa fechadura."

Robert ficou boquiaberto.

"Você *o* quê? Você tem um maçarico? Jesus Cristo, será que sou o único que não veio armado com uma oficina mecânica?"

"Parem de brigar e vamos encontrar outra maneira de entrar", disse Shelly.

Robert ainda se sentia um pouco nu, já que a única coisa que trouxera consigo era a carta que Sean lhe entregara. E, claro, a pequena foto quadrada de Amy.

Ele a levava consigo para todos os lugares, enfiada em sua carteira ou apenas no bolso.

"Tudo bem, mas você está liderando o caminho com seu pé de cabra, Cal."

Situado na parte de trás, encostado em uma grande colina, o Hospital Pinedale lembrava muito o Harlop Estate. Não tinha o mesmo pedigree, é claro, pois tinha menos de sessenta anos de idade, mas sua aparência era pior. Havia pichações por toda parte; pichações cobrindo pichações mais antigas, fazendo com que todas as pichações ficassem com manchas sem sentido. Era como se Jackson Pollack tivesse sido encarregado de pintar sobre a Mona Lisa.

Pinedale não era um hospital particularmente grande, o que não era uma grande surpresa, já que a cidade de Corgin tinha uma população de apenas 75 mil habitantes. Os olhos de Robert se voltaram instintivamente para cima e ele contou as janelas que estavam cobertas com tela de arame.

Sete andares... o último andar deve ser a Sétima Ala.

Cal sugeriu que eles ficassem fora de vista, pois ainda era o início da tarde e não seria bom se eles fossem confrontados armados com um maçarico e um pé de cabra.

Não, policial, não estávamos tentando invadir o hospital abandonado. Estávamos apenas abrindo uma oficina mecânica no estacionamento.

Robert apostaria baixo na possibilidade de conseguir se safar dessa.

O trio serpenteou pela lateral do prédio e depois se apressou em um estacionamento abandonado.

"Acho que temos que ir pelo outro lado", Cal ofereceu quando chegaram à esquina do prédio, que ficava encostado na encosta da colina. De perto, a colina era muito mais íngreme do que Robert havia pensado. Embora pudesse ver o topo, ele não tinha ideia do que havia além do bosque de árvores que brotava do topo.

Robert passou por Cal para dar uma olhada melhor na esquina do hospital. Embora houvesse árvores no topo da colina, a vegetação na encosta e atrás do hospital era bastante esparsa. Também parecia se abrir um pouco apenas alguns metros para dentro - havia pelo menos 30 centímetros de separação entre a parede externa e a colina.

"Passe-me seu celular, Cal", ele exigiu. Embora ainda estivesse ensolarado, a colina bloqueava a maior parte da luz natural.

Cal entregou seu telefone, com a lanterna já ligada. Robert pegou a lanterna e, em seguida, se inclinou para o canto do prédio e acendeu a luz lá atrás. Por um segundo, a única coisa que ele viu foram mais ervas daninhas.

"Você viu alguma coisa?" Cal perguntou, seu tom de repente ficou mais suave do que quando ele estava batendo na porta da frente.

"Não, acho que podemos passar, mas..." Robert balançou o celular para frente e para trás. "-Espere um segundo. Acho que tem uma janela aqui atrás." Ele desligou o celular e olhou para Cal. "Parece que *provavelmente podemos passar por ela.*"

Cal bufou.

"Vá se foder, eu me encaixo".

Robert foi o primeiro, depois Shelly. Fiel à sua palavra, com um pouco de ioga desajeitada e sucção rítmica para dentro e para fora de seu intestino, Cal conseguiu se espremer entre a parede e a lateral da colina. O esforço avermelhou seu rosto e o suor se formou em sua testa; Robert imaginou que aquele era o segundo maior exercício que o homem havia feito em anos.

O primeiro foi cavar os túmulos da família Harlop, é claro.

Como Robert suspeitava, ela se abriu alguns metros atrás do hospital e, após alguns segundos, eles puderam caminhar confortavelmente em fila indiana. Logo Robert viu seu olhar se desviar para o aterro à esquerda deles.

Foi assim que o paciente enlouquecido fugiu do hospital com o médico?

Desse ângulo, as árvores no topo pareciam enormes, pináculos gigantes que se dirigiam para a estratosfera. Ainda assim, ele não conseguia imaginar como a polícia nunca os encontraria.

"Robbo, preste atenção", disse Cal.

A luz da cela se desviou com seu olhar, e ele imediatamente focou o feixe fraco na grama à sua frente.

Quando se aproximaram da janela, a luz começou a se espalhar por algo na grama coberta de mato: cacos de vidro.

"Parece que não fomos os primeiros a voltar aqui", resmungou Robert, iluminando a janela quebrada para que todos pudessem ver. A abertura media pelo menos dois metros por dois metros - mais do que o suficiente para que todos pudessem passar por ela.

"Podemos caber", confirmou Robert ao inspecionar a soleira. Havia algo escuro na borda, algo que instintivamente o fez lembrar de sangue. Ele pensou em passar os dedos sobre a mancha, mas decidiu não fazê-lo.

Ele guardou isso para si mesmo, levantando a luz acima dela.

"Ei, Cal?", perguntou ele, com os olhos voltados para o interior escuro do hospital. A luz fraca não iluminava muito bem o ar cheio de poeira, lançando sobre os antiquados ladrilhos de linóleo preto e branco um brilho azul sinistro.

"O quê?"

"É a sua última chance."

"Para quê?"

"Para tirar essa roupa ridícula."

Shelly riu.

Robert estava prestes a se virar para ver a expressão no rosto do amigo quando um movimento de dentro do hospital chamou sua atenção.

"Vá se foder, Ro..."

"Espere!" Robert ofegou. "Tem alguma coisa aqui dentro!"

Capítulo 12

QUATORZE ANOS ATRÁS

O Dr. Mansfield começou lentamente a recuperar a consciência. Sua cabeça doía, seus olhos doíam e seus pulsos doíam.

Seu pescoço estava machucado e cru.

No início, ele não se lembrava de onde estava.

Saí depois do trabalho? Tomei alguns drinques a mais com uma das enfermeiras bonitas?

Uma imagem de Betsy, a mais nova enfermeira estagiária, jovem loira, seios perfeitos, em seu uniforme azul brilhante, passou em sua mente. Mas ao piscar várias vezes, ele percebeu que o rosto que estava vendo não era uma lembrança, mas sim real. Lentamente, porém, a pele lisa e cor de caramelo de Betsy começou a ficar mais pálida e, em seguida, começou a se alargar.

"Não", ele murmurou quando Justine se inclinou ainda mais para perto.

Ele tentou se afastar dela, mas seus braços e pernas estavam travados no lugar e ele não conseguia se mover. Trechos do que havia acontecido, de encontrar o bloco de anotações de Andrew Shaw, da Sra. Dupuis sangrando em sua cama e da caminhada até a colina atrás de Pinedale com o bisturi pressionado em sua garganta voltaram à tona.

Lágrimas brotaram em seus olhos.

"Onde... onde estou?", perguntou ele, com a garganta seca e a voz rouca.

Enquanto seus braços e pernas estavam presos a uma espécie de mesa de madeira, estendida ao lado do corpo, ele tinha liberdade para levantar e movimentar o pescoço. Parecia que ele estava em algum tipo de cabine com paredes marrons opacas e uma única janela à sua direita.

Estava completamente escuro lá fora.

À noite... quanto tempo fiquei fora? E onde diabos está a polícia?

"Ele está acordando", disse Justine suavemente, mas o Dr. Mansfield a ignorou. Em vez disso, ele girou a cabeça novamente, tentando absorver o máximo possível do ambiente ao seu redor antes que Andrew fizesse qualquer outra coisa com ele.

O cheiro de vegetação - musgo, talvez, ou folhas molhadas - encheu seu nariz.

Sim, uma cabana na floresta... Devo estar em algum tipo de cabana ou pavilhão de caça.

Ele não conseguiu localizar uma pia ou um vaso sanitário no espaço apertado de oito por dez pés, apenas um balde e algum tipo de

bacia de cerâmica reaproveitada.

Estadias de curto prazo... cabana de pesca, talvez?

"Dr. Shaw?" disse Justine, atraindo o olhar dele de volta.

A enfermeira estava olhando diretamente para a frente, sobre a cabeça do Dr. Mansfield. Inclinando a garganta para o teto, ele mal conseguia distinguir o contorno de uma figura pairando sobre ele. Havia uma lâmpada ou luz de algum tipo - sem *pia*, sem *eletricidade*, *provavelmente* - *atrás da* figura, iluminando suas feições com sombras. Mas quando a luz brilhou em uma lâmina de bisturi, o Dr. Mansfield, se antes tinha alguma dúvida, soube exatamente de quem se tratava.

"Sim", respondeu Andrew Shaw suavemente, "posso ver isso".

O homem moveu o que o Dr. Mansfield agora via ser uma lâmpada para um lado, banhando o lado esquerdo de seu rosto em um estranho brilho amarelo-alaranjado.

"Bem-vindo de volta, George."

O Dr. Mansfield engoliu com dificuldade.

"O que você vai fazer comigo?", perguntou ele, com um tremor na voz. Sua cabeça doía e falar só piorava a dor.

Mas ele tinha que convencer Andrew a deixá-lo ir. Na pior das hipóteses, ele tinha que empatar. Empatar por tempo suficiente para que a polícia o resgatasse.

Andrew mastigou o lábio enquanto contemplava uma resposta, enquanto o Dr. Mansfield ouvia o som de sirenes ou, melhor ainda, o som de pessoas do lado de fora da cabine. Ele não morava em Corgin, onde se localizava Pinedale - ele vivia mais perto de North Halichuck, que é muito maior -, mas, como um ávido caminhante, passava muitas horas do almoço atrás do hospital, vagando pelos mesmos bosques em que ele supunha estar agora.

Houve muitas ocasiões em que ele precisou usar seu relógio GPS para encontrar o caminho de volta. O plano original, segundo os rumores, era desenvolver a área atrás do hospital, transformar Corgin em uma metrópole movimentada. Até o momento, entretanto, isso havia se tornado uma espécie de sonho impossível. Os construtores alegavam que era muito caro, que cortar as árvores e aplainar os afloramentos rochosos os deixaria muito sobrecarregados. O Dr. Mansfield suspeitava que os protestos verbais dos ambientalistas eram o principal motivo pelo qual nada avançava. Em outros dias, isso não o incomodava. Na verdade, tornava suas caminhadas diárias mais agradáveis. No entanto, naquele momento, deitado nu, com os pulsos e os tornozelos presos pelo que pareciam ser cabos de extensão, ele desejava que eles tivessem cortado a maldita floresta.

Transformou-o em um maldito estacionamento.

"Vou provar para o senhor, Dr. Mansfield, que *há alguém dentro de mim*".

O homem olhou para o Dr. Mansfield com expectativa.

Ele não daria a Andrew a satisfação que ele tanto exigia.

"Andr-" Ele se conteve. "-Dr. Shaw, o que você está dizendo - que você tem um distúrbio, outra pessoa presa em sua cabeça por causa de um transplante que você recebeu quando era jovem - é simplesmente sem fundamento. Não é... não é verdade. Não pode ser verdade. Por favor, você precisa me deixar ir. Eu posso ajudá-la, Dra. Shaw. Mas não posso..." Ele se esforçou contra as amarras do pulso. "-Não posso ajudá-la aqui. Não assim. Por favor, precisa me deixar ir."

O Dr. Shaw hesitou, com o rosto começando a se desanimar. Por um momento, o Dr. Mansfield teve a noção de que a outra versão de Andrew, aquela que ele trazia consigo nas entrevistas com os pacientes, estava prestes a retornar.

Mas então os olhos de Andrew escureceram novamente.

"Há quanto tempo o senhor trabalha na Sétima Ala, Dr. Mansfield?"

"Dezesseis anos."

Ele não gostou da pergunta; algo lhe dizia que tudo aquilo estava levando a uma conclusão, da qual ele não queria fazer parte.

Malditos policiais - onde estão vocês?

"E quantas pessoas você já ajudou? Quantas você curou?"

O Dr. Mansfield deu de ombros o melhor que pôde, dada sua posição na mesa.

"Centenas."

Os lábios de Andrew se apertaram com força e ele balançou a cabeça. O bisturi apareceu novamente, só que dessa vez não estava erguido como uma lança, mas apontado diretamente para seu peito.

"Resposta errada", disse ele categoricamente. Em seguida, voltou-se para Justine. "Tire a roupa", ordenou.

Os olhos de Justine se arregalaram e, por um segundo, o Dr. Mansfield pensou que Andrew a havia levado longe demais, que o que quer que ele estivesse planejando era muito exagerado para ela. Mas, para seu horror, a enfermeira não hesitou; ela baixou a bata sobre os ombros e deixou-a cair no chão.

Seus enormes seios brancos caíam quase até o umbigo, com mamilos grandes e redondos como maçãs.

O Dr. Mansfield desviou o olhar, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

"O senhor vai realmente fazer parte de algo... de algo realmente especial, Dr. Mansfield."

O bisturi foi baixado e o Dr. Mansfield gritou enquanto lutava contra suas amarras.

"Justine, não deixe que ele faça isso! Por favor! Isso é loucura! Pegue-o..."

"Você finalmente vai ajudar a curar as pessoas, Dr. Mansfield",

sussurrou o Dr. Andrew Shaw ao abaixar o bisturi sobre o peito nu do médico. "Há alguém dentro de mim, e logo haverá alguém dentro de você."

Ele enfiou o bisturi em sua pele e o Dr. Mansfield começou a gritar.

"O que você fez comigo?" O Dr. Mansfield gaguejou. Suas palavras soaram estranhas para ele - sibilantes e manchadas, com uma inflexão estranha.

Ele tentou olhar ao redor, mas um de seus olhos estava escuro e a visão do outro estava embaçada.

"Olá!", ele gritou. "Dr. Shaw! Que diabos você fez comigo?"

Um gemido vindo da esquerda de repente chamou sua atenção. Sua cabeça foi instintivamente para aquele lado, mas era seu olho ruim e ele não conseguia ver muita coisa. Com o olho direito, ele conseguiu ver que ainda estava na cabine e que ainda estava escuro, mas não muito mais do que isso.

Um ataque de tontura o atingiu de repente e ele quase entrou em pânico, pois estava à beira de desmaiar. Ele fechou os olhos e tentou respirar fundo algumas vezes para não sucumbir ao pânico que se instalou dentro dele. Mas, na metade da primeira respiração, sentiu um estalido anormal no peito, seguido pelo que parecia ser um fluido penetrando na cavidade do corpo.

Que porra é essa?

"Ele está se enchendo de sangue", ele ouviu alguém dizer. Era a voz do Dr. Shaw, ou ele achava que era, mas havia algo errado com seus ouvidos também. Por trás da voz, ele podia ouvir o que parecia ser água corrente ou sangue correndo.

Um baque em seu peito e seu coração começou a vibrar.

Estou morrendo.

"Justine! Traga o coagulante para cá! Estamos perdendo ele!"

O olho bom do Dr. Mansfield tremeu e ele se virou para a direção geral da voz. Foi então que ele viu o objeto grosso e oblongo que estava perto da bacia de cerâmica. Estava efervescendo levemente, com a superfície coberta por uma camada de pequenas bolhas, e ele sabia exatamente o que era.

Era o pulmão dele.

De repente, as mãos estavam em seu peito, com uma pressão suave que parecia estranhamente reconfortante. Sua visão continuou a oscilar, sua mente vacilando. Ele pensou em Betsy e em algumas das outras enfermeiras que ele havia trazido para a Sétima Ala em seu tempo.

Pensamentos pacíficos e serenos; bons pensamentos.

Ele não pensou na Sra. Dupuis ou no Dr. Shaw, nem mesmo quando

o homem começou a gritar com Justine, dizendo que seu coração estava falhando, que ele estava tendo convulsões.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto do Dr. Mansfield quando ele sentiu o que restava de sua visão escurecer e o tempo pareceu ficar mais lento.

"Nós o perdemos", ele ouviu o Dr. Shaw murmurar, com a voz cheia de desânimo.

Houve uma longa pausa e, quando Justine falou em seguida, parecia que ela estava falando debaixo d'água, e ele mal conseguia entender as palavras.

"O que faremos com ele agora?"

Um suspiro de desprezo.

"Ainda temos muito dele... e outra pessoa virá. O Dr. Mansfield ainda fará parte dessa descoberta. Sorria, Justine, nosso trabalho ainda não terminou. Nem de longe".

Capítulo 13

"**Tem certeza?**" Shelly sussurrou. Ela havia se arrastado para trás dele e agora estava pressionada contra suas costas, tentando ter uma visão melhor do interior do hospital.

"Não sei", respondeu Robert. Ele tinha certeza de que havia visto algum movimento no final do corredor, mas quando olhou novamente, só viu sombras.

Por quase um minuto, ele se resignou a apenas balançar lentamente a lanterna do celular para frente e para trás, tentando identificar qualquer coisa que pudesse ter se movido.

"Espere um segundo", disse Shelly, soltando-se de Robert. Ela se agachou e tirou a mochila das costas antes de colocá-la dentro dela. Em seguida, retirou duas enormes lanternas de metal.

"Maçarico e lanternas? Você é cheio de surpresas, não é?" disse Cal. Shelly o ignorou, entregou uma para Robert e reservou uma para si mesma. "Ah, sim, já imaginava. Vou apenas iluminar o caminho com meu pé de cabra."

Shelly o silenciou, e Robert rapidamente devolveu o celular a Cal. Em seguida, ele voltou sua atenção para a janela quebrada, apontando a lanterna para dentro antes de ligá-la.

"Droga", ele jurou, recuando imediatamente e protegendo os olhos. "De onde diabos você tirou isso?"

Ao contrário do celular, a lanterna era incrivelmente potente, parecendo encher todo o hospital de luz artificial.

"Excedente do exército", respondeu Shelly, com a voz tingida de orgulho.

Com os olhos apertados enquanto seus olhos se ajustavam, Robert se voltou para o hospital. A janela ficava perto do centro de um longo corredor, cujo lado oposto era pontuado por várias portas simples colocadas em intervalos regulares; quartos de pacientes, ele supôs. Todo o lugar estava coberto de poeira - o chão, as paredes, a pequena escrivaninha à direita de Robert.

Se ele tivesse visto algo, deveria estar voando ou deslizando sobre o piso, pois nenhuma das espessas camadas de poeira parecia ter sido perturbada.

Ele engoliu com força.

A ideia de algo deslizando pelo chão poderia ter sido recebida com uma risada, mas a ideia de alguém - *Jacky Harlop* - *deslizando* pela lama do chão, *com seu cabelo dourado perfeito e a chuva caindo ao seu redor* não parecia mais engraçada.

Em ambas as extremidades do corredor havia portas idênticas e de aparência sólida.

Robert inclinou a lanterna ligeiramente para cima e captou as letras

vermelhas em uma placa cinza pendurada no teto.

Na primeira ala, estava escrito, e abaixo dela, *Ambulatórios*.

Ele se voltou para os outros.

"Não consigo ver nada... não parece que alguém tenha entrado ali há anos. Tudo está coberto de poeira."

Cal olhou em volta, observando a vegetação espessa na encosta da colina, depois voltou seu olhar para a janela quebrada.

"Nenhum rastro de qualquer tipo? De animais? Até mesmo pássaros?"

Robert balançou a cabeça.

"Bem, então", interveio Shelly, "o que estamos esperando? Vamos entrar."

Apesar de suas palavras, ela não se moveu.

"Então, você passou de não querer vir aqui para estar ansioso para entrar?" perguntou Cal.

"Por cem mil dólares, pelo menos vou dar uma olhada em um hospital abandonado, muito obrigada", respondeu ela. "Além disso, tive que passar duas horas no carro com vocês, seus filhos da puta fedorentos - preciso de um pouco de ar *fresco*."

Ainda assim, apesar de suas brigas, nenhum dos dois se aproximou da janela. Por fim, Robert assumiu a liderança, o que era apropriado, já que foi ele quem recebeu a carta de Sean.

E ele também era o único que estava desesperado para ter suas perguntas respondidas.

"Vamos fazer isso, então", disse ele, tentando, mas não conseguindo, incutir confiança em sua voz.

Robert balançou cautelosamente uma perna sobre o parapeito da janela e depois a outra.

A queda foi mais alta do que ele esperava, e ele aterrissou com um *barulho* e os joelhos travaram desconfortavelmente. Uma nuvem de poeira se agitou para recebê-lo e ele tossiu enquanto tentava, de forma ineficaz, afastá-la.

"Está limpo", disse ele, voltando-se para a janela. Ele se aproximou para ajudar Shelly a passar pela abertura, mas ela o afastou.

A aterrissagem dela foi mais graciosa do que a dele, mas ela ainda levantou quase tanta poeira quanto ele. Os dois começaram a tossir.

"Você tem alguma máscara de gás aí?" Robert perguntou, piscando rapidamente, tentando clarear os olhos.

"Sim", respondeu Shelly e, a princípio, Robert achou que ela estava brincando. Mas quando ela tirou três máscaras brancas de pintor, ele zombou.

"De verdade? Jesus, o que mais você tem aí dentro?"

"Tampões", disse ela com um sorriso malicioso, antes de aproximar a máscara do nariz e da boca. Robert também estava sorrindo quando

colocou sua máscara.

Shelly tinha razão, é claro; nada disso era uma piada ou algo para ser levado a sério. Mas, por alguma razão, Robert de repente se sentiu vivo pela primeira vez desde que Amy havia morrido. Ele não estava mais preso ao computador e, com o elemento adicional do perigo... tudo isso fez seu sangue bombear de uma forma que não fazia há meses.

E a sensação foi *muito* boa.

Cal entrou pela janela em seguida e, no típico estilo Cal, o fez em voz alta. Um grunhido, alguns palavrões, e ele finalmente estava lá dentro. Ele tirou a poeira da camisa e olhou para a máscara que Shelly lhe estendeu.

"Sério?"

Shelly assentiu e Cal colocou sua máscara.

Por um momento, todos ficaram parados no centro do corredor, Shelly e Robert apontando suas lanternas em ambas as direções, Cal com as mãos nos quadris, parecendo um ninja sindicalizado fazendo sua pausa obrigatória. Apesar de todas as conversas estimulantes que tiveram no carro e dos avisos de Shelly, eles não tinham chegado a um plano.

Na Harlop Estate, eles haviam vinculado a família Harlop aos itens que encontraram na casa, com base no que sabiam sobre eles. Mas aqui? No Hospital Pinedale? Eles não tinham ideia de quem iriam encontrar, muito menos o que essas pessoas prezavam. Robert supôs que havia um médico aqui, um que havia sido assassinado, desmembrado até, mas era um hospital... quem sabia quantos mortos eles poderiam encontrar.

"Então?", ele perguntou timidamente, tentando conter seus pensamentos descontrolados. Sua voz estava abafada pela máscara. "Para onde vamos agora?"

Shelly deu de ombros.

"A carta dizia a Sétima Ala, certo?"

Robert assentiu, e Shelly apontou a lanterna para a placa que ele havia visto antes.

Primeira ala: Clínicas ambulatoriais.

"Acho que isso significa que vamos subir, então, não é?"

Eles foram para a esquerda no corredor, apenas porque havia a imagem de uma escada acima da porta no final. Enquanto caminhavam lentamente, fazendo o possível para não levantar mais poeira, Robert começou a pensar em como estavam sendo tolos. Cal, evidentemente, estava pensando a mesma coisa, pois fez a pergunta que estava na ponta da língua de Robert.

"Então, o que faremos quando os encontrarmos? Quero dizer, temos que amarrá-los, certo? Enterrá-los, como os Harlops?"

Shelly, que estava liderando o caminho, parou tão repentinamente que Robert quase bateu em suas costas. Ela não se virou quando falou em seguida.

"Você pergunta isso agora?"

Cal deu de ombros.

"Bem... sim. Quero dizer, que porra vamos fazer?"

Shelly fez um barulho que Robert achou que poderia ter sido um suspiro, mas era difícil saber por baixo de sua máscara. Então ela começou a se mover novamente. Chegaram à porta e ela bateu com as duas mãos na barra, enchendo toda a ala com um barulho ecoante.

"Jesus, Shel", disse Robert.

Dessa vez, ela se virou.

"O quê, você acha que vamos acordar os mortos? Lamento lhe dizer, Robert, mas eles já estão acordados."

Com isso, ela entrou na escada, e Robert e Cal a seguiram.

Assim como a ala ambulatorial, a escada estava igualmente empoeirada e intocada.

Robert apontou sua lanterna para a escada de metal sinuosa acima. Ele podia ver a porta da segunda ala e da terceira, distinguíveis apenas pelos grandes números pintados em vermelho em sua superfície cinza fosca.

Shelly não hesitou e começou a subir imediatamente.

"Acho que devemos observar primeiro", ofereceu Robert. "Vamos esperar e observar. Se virmos o médico - como era o nome dele? Gainsfield?"

"Mansfield", Shelly o corrigiu.

"Se formos ver o Dr. Mansfield, podemos tentar falar com ele primeiro. Lembram-se do que vocês disseram sobre Jacky e Amy? Sobre como elas estavam confusas? Talvez a tranquilidade seja a mesma aqui. Talvez o médico queira apenas ser liberado para seguir seu caminho. Talvez possamos até perguntar a ele onde está seu corpo".

Cal, bufando agora em sua máscara, falou em seguida.

"Você quer dizer as partes do corpo dele?"

"O quê?"

"Ele foi desmembrado, lembra?"

Foda-se.

Robert havia se esquecido disso. E toda a sua conversa sobre o médico estava deliberadamente evitando mencionar o paciente que havia feito o desmembramento.

O que eles deveriam fazer com ele? Ter uma boa conversa? Um chá, talvez?

Robert balançou a cabeça, tentando limpar a negatividade generalizada que cobria seus pensamentos.

"Shel, você acha que temos que enterrar todas as partes do corpo? Ou apenas..."

"Se eu fosse você, estaria mais preocupada com o paciente", disse ela sem rodeios.

"O paciente?" Cal perguntou, com a voz vacilante.

Robert engoliu com força e, mesmo com seus melhores esforços, não conseguiu se livrar da sensação enervante que o invadiu.

Shelly parou de repente e se virou, olhando de Robert para Cal, cujos olhos estavam vermelhos e lacrimejantes por causa da poeira.

"Sim, você sabe? Aquele que fez o desmonte..."

Mas outra voz, dessa vez não do Robert, do Cal ou da Shelly, encheu a escada, e os três pararam.

"Para onde vocês estão indo?"

Era uma voz de mulher e vinha de algum lugar abaixo deles.

Robert, com os olhos arregalados, voltou-se para Shelly, mas ela não ofereceu nenhum apoio. Seu olhar estava fixo em um ponto abaixo deles, tentando ver quem havia falado.

"Alô?", perguntou a voz novamente.

Por alguma razão, essa pergunta tirou Cal de seu estupor e ele realmente respondeu.

"Oi? Tem alguém aí?"

Robert franziu a testa.

Não dá para ficar esperando e observando.

O rosto redondo e pálido de uma mulher apareceu de repente no nível inferior da escada.

"Oi", disse ela, sorrindo amplamente. "Você está aqui para ver o médico, certo?"

Robert sentiu-se balançando a cabeça, apesar de si mesmo, e sua mão instintivamente foi para a foto de Amy em seu bolso da frente. Para ele, era reconfortante saber que ela estava aqui com ele, mesmo que fosse apenas na forma de uma foto de passaporte.

"Bem, o Dr. Shaw está esperando por você. Ele está aqui na Sétima Ala."

Robert engoliu com força e, inesperadamente, Shelly estendeu a mão e agarrou seu braço. Ele quase pulou, mas isso não aliviou em nada o aperto dela.

Os dedos dela morderam a pele dele, fazendo com que a dor subisse e descesse pelo antebraço.

Dr. Shaw? Quem diabos é o Dr. Shaw?

A cabeça loira da mulher sumiu de vista, e eles ouviram enquanto ela descia várias escadas.

Robert pensou imediatamente na poeira que cobria o chão da Primeira Ala. Ou essa mulher não estava lá em cima há algum tempo - quanto tempo? Anos, talvez? -ou ela havia encontrado outra maneira

de entrar.

Ou...

"E aí? Você vem? O médico está esperando por você."

Os dedos de Shelly morderam ainda mais fundo o antebraço de Robert, e uma súbita sensação de pavor o invadiu.

...ou essa mulher que está nos atraindo para o porão não está viva.

PARTE II - Intervenção cirúrgica

Capítulo 14

NOVE ANOS ATRÁS

A mulher observava das árvores, seus olhos escuros espreitando por entre os troncos finos. Já era quase meia-noite, e a lua iluminava o hospital com finas correntes de luz azulada.

Havia apenas um carro no estacionamento, um sedã cor de champanhe com ferrugem grudada nas rodas. Ela observou em silêncio, esperando. Depois de cinco minutos, a porta do hospital rangeu e se abriu. Um homem atarracado, vestindo calça cáqui e camisa polo, saiu, com a luz da lua refletindo em sua cabeça careca. Ele manteve a porta aberta por alguns segundos, olhando para o corredor quase com desejo. Em seguida, fechou a porta, que se fechou com um baque metálico.

O homem tirou um cadeado do bolso, girou o suporte de metal sobre a porta e o trancou no lugar. Mesmo de seu ponto de vista no alto, a mulher podia ver que o cadeado era robusto, sólido. E mesmo assim, quando ele colocou um segundo cadeado, menor, mais abaixo, perto da maçaneta, um sorriso surgiu em seu rosto.

Depois de testar para ter certeza de que a porta não se mexeria, o homem se levantou e coçou a cabeça careca. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele acabou se virando e caminhando em direção ao carro. Embora tenha aberto a porta do carro imediatamente, ele hesitou antes de entrar, com o olhar voltado para cima.

A mulher não se mexeu, mas, por uma fração de segundo, ela pensou que os olhos deles se encontraram. Mas então o homem desviou o olhar e entrou em seu carro.

Ela o observou ir embora, e o sorriso em seu rosto cresceu de um sorriso para um sorriso de Cheshire.

O homem não a tinha visto.

Ninguém tinha.

Já haviam se passado cinco anos e, nesse período, eles haviam se esquecido completamente dela. Ela e *ele*.

Mas eles logo se lembrariam.

O tempo de observar e esperar havia chegado e passado. A hora de agir havia voltado.

A mulher se levantou, tirando as folhas do corpo, enquanto mantinha os olhos fixos no Pinedale Hospital.

É hora de acordar o médico, pensou ela enquanto voltava para a floresta. *É hora de acordar o médico e voltar ao trabalho.*

Já faz tempo demais.

Capítulo 15

Robert seguiu apreensivo a estranha mulher de cabelos loiros na altura dos ombros, vestida de enfermeira, pronto para dar meia-volta e fugir caso ela fizesse algum movimento brusco. Ele podia ouvir a respiração pesada de Cal logo atrás dele e, atrás de Cal, ele achava que podia ouvir Shelly também.

Naturalmente, seu primeiro pensamento foi que ela era uma aparição - uma das quiddity presas. Mas, depois de segui-la por mais de um minuto, ele não tinha mais tanta certeza. Por um lado, a bata dela era azul... desbotada, é verdade, mas definitivamente azul, enquanto tudo o que James e Patty Harlop usavam era um cinza desbotado. Até a pele deles tinha uma palidez doentia.

Mas Amy... Amy parecia tão real, sua camiseta tão rosa.

A cabeça de Robert começou a latejar e ele se viu recuando para o lugar escuro do qual havia saído tão desesperadamente há apenas alguns meses. Um lugar de confusão, onde as coisas não faziam sentido, mas tinham consequências distintas e graves.

"Por favor", disse a mulher por cima do ombro. "Por aqui."

A enfermeira, que já havia chegado ao nível do porão, usou um cartão-chave para ativar o leitor magnético à direita de uma pesada porta de metal.

O sinal sonoro resultante cortou a névoa que envolvia a mente de Robert, e duas coisas ficaram claras de repente: uma, que ele precisava, de alguma forma, colocar as mãos naquele cartão; e duas, que havia uma mancha de sangue no cartão de identificação branco e brilhante.

Quando ela abriu a porta e a manteve aberta para eles, Robert parou no terceiro degrau da escada. Ele se esforçou ao máximo para observar a mulher, semicerrando os olhos, inclinando a cabeça, procurando algo, qualquer coisa, que o ajudasse a verificar se ela era uma pessoa real ou um fantasma.

O problema é que ele não tinha um método infalível para determinar se ela era real.

Exceto um, mas isso estava fora de questão.

Ele tentou inclinar a lanterna, tentando enxergar *através da* mulher rechonchuda, mas havia muita poeira no ar e isso embaçou sua visão.

Além disso, Ruth e Amy pareciam tão *sólidas*.

Ele fez uma anotação mental para procurar uma solução para esse problema na Internet quando voltassem para a propriedade.

Talvez seja melhor perguntar a LBlack ou Sean sobre isso.

A enfermeira franziu os lábios em um sorriso fino.

"Ah, vamos lá. Ele está esperando por você."

Shelly limpou a garganta, e tudo o que Robert pôde fazer foi não se

virar e encará-la - ele não ia tirar os olhos da misteriosa enfermeira.

"Você disse - hã, você disse um doutor... *Shaw*?"

A mulher assentiu vigorosamente com a cabeça.

"Sim, é isso mesmo. Dr. Shaw. Ele está esperando."

"Tem certeza de que não está se referindo ao Dr. Mansfield?"

Algo escuro passou pelo rosto dela e, por um breve segundo, Robert pensou ter visto os olhos dela escurecerem, ameaçando se transformar em poços escuros. Mas quando ele piscou, eles voltaram ao normal.

"Ah, o Dr. Mansfield também está aqui em algum lugar. Mas ele não está mais no comando. Esse é o Dr. Shaw. Ele é o chefe agora."

Ela se inclinou para a frente de repente, e Robert recuou, uma ação que só fez o sorriso da enfermeira aumentar.

"Quer uma dica? Ele só gosta de ser chamado de doutor", ela deu uma risadinha. "Cometi o erro de chamá-lo de Andrew uma vez; não farei isso de novo, deixe-me lhe dizer."

A enfermeira acenou com a mão sobre a soleira da porta.

"Vamos lá, agora. Entre. Não quero irritar o médico. Normalmente, temos essa coisa de fazer o check-in dos pacientes..." Ela baixou a voz. "Uma perda de tempo, se você quer saber, mas um dos outros pacientes tem agido mal ultimamente e tem mantido o Dr. Shaw ocupado por um tempo. Então, por favor..."

Pacientes? Ela acha que somos pacientes?

Robert deu uma olhada rápida para Cal e depois para Shelly. As expressões nos rostos deles combinavam com as suas: confusas, desconfiadas e, é claro, assustadas.

Ele deu de ombros e tomou a iniciativa.

Eles tinham chegado até aqui e, além disso, embora a mulher fosse estranha, não parecia tão perigosa.

"Está bem", disse ele suavemente. Os últimos degraus de repente pareciam incrivelmente íngremes, e ele se lembrou da queda no porão da Harlop.

Dessa vez, porém, ele tinha uma lanterna e conseguiu chegar ao patamar sem cair. Seus olhos se voltaram para o leitor de cartão-chave e ele notou uma pequena luz verde no canto superior direito.

Há energia aqui? Ou ele funciona com algum tipo de bateria de longa duração?

Algo a se considerar, caso a lanterna não funcione.

Robert engoliu com força quando se aproximou da mulher e seu coração começou a acelerar. Como um último esforço para determinar se ela era real, ele apontou a luz diretamente para ela, e suas pupilas se dilataram.

A enfermeira protegeu seu rosto com o braço.

"Desculpe", resmungou ele, baixando a viga.

Ela certamente *parecia* real o suficiente. Ainda assim, antes que ele

estivesse a um braço de distância dela, Robert fez um gesto com a palma da mão aberta em direção à porta.

"Depois de você", disse ele com um sorriso fraco.

"Oh, um cavalheiro, não é? Bem, isso não é legal?".

Ela passou pela soleira e Robert esperou que ela passasse antes de agarrar a porta. Ela era pesada e ele teve que apoiar os pés para impedir que ela se fechasse.

"E depois de você", resmungou ele, indicando que Cal e Shelly o seguissem. Cal demorou um pouco, seu impulso para frente foi prejudicado pelo fato de que sua mão direita estava escondida atrás dele. Embora ela estivesse escondida sob o roupão ridículo, Robert teria apostado cem mil dólares que sua mão carnuda estava segurando o pé de cabra.

Isso fará muito bem se ela for um fantasma.

Shelly foi em seguida, seus olhos se fixaram nos de Robert quando ela passou.

Robert não conseguiu segurar o olhar dela. Era um olhar acusador, um olhar que dizia: *você nos meteu nessa confusão*. Um olhar que dizia: *"Se parecer que está tudo fodido, nós vamos embora?" Não foi isso que combinamos? O que foi, isso não é suficientemente ruim?*

Com uma respiração profunda, Robert entrou no longo corredor, que era indistinguível da Primeira Ala lá em cima.

Ele deu dois passos e a porta se fechou atrás dele com um clique alto.

Robert deu um pulo. Ele virou a cabeça para trás e ficou com a respiração presa na garganta ao ver o grande sete vermelho pintado na parte de trás da porta.

Então a enfermeira falou novamente, e ele se virou abruptamente para frente.

Ela estava andando para trás agora, com as mãos estendidas ao lado do corpo, como se estivesse comemorando.

"Bem-vindos, meus mais novos pacientes da Sétima Ala!", exclamou ela com um toque de alegria na voz.

Capítulo 16

NOVE ANOS ATRÁS

O Dr. Andrew Shaw respirou fundo e fechou os olhos, tentando se concentrar. Quando os abriu novamente, o bisturi em sua mão direita havia parado de tremer. Fazia muito tempo que ele não realizava nenhum tipo de cirurgia, muito tempo que ele não voltava ao seu hospital.

"Enfermeira, limpe minha testa, por favor", instruiu ele. A enfermeira usou gaze para absorver parte de sua transpiração.

"Obrigado."

O Dr. Shaw voltou sua atenção para o homem na maca.

Não importava quanto tempo ele havia ficado fora. Essa descoberta era importante demais para ser prejudicada por sua ansiedade.

O homem estava completamente nu; apenas seus órgãos genitais estavam cobertos por um pano azul. Ele tinha uma máscara de oxigênio presa ao rosto, obscurecendo suas feições, e um monitor de pressão arterial no dedo. À esquerda, estava a máquina de O₂ e o rastreamento digital de sua frequência cardíaca na tela. Era lenta e uniforme: 120/83.

Perfeito.

"Muito bem, Justine, você se lembra do plano, certo? O plano cirúrgico que examinamos?"

A mulher, uma criatura rechonchuda que era tão baixa quanto larga, assentiu com a cabeça, a pele macia sob o queixo tremendo loucamente.

"Sim."

"Repita para mim".

Os olhos da mulher se arregalaram e ela parecia assustada.

"Oh, oh, ok. Primeiro, você fará uma incisão logo acima da canela esquerda..."

"Os músculos mediais e depois a tíbia", corrigiu a Dra. Shaw.

"Ah, sim, os músculos mediais e a tíbia, e então você vai..."

O homem na maca se mexeu. Sua cabeça se moveu, apenas um pouco, não mais do que um ou dois centímetros, mas foi o suficiente para que o Dr. Shaw percebesse.

"Tudo bem, não importa isso. Vou remover a perna dele e entregá-la a você, certo? Depois que eu remover o tecido mole, preciso que você passe a serra para ossos. Vai ficar uma bagunça, mas você precisa ficar calmo. Ele deve..." O Dr. Shaw consultou seu relógio rapidamente. Eram três e meia. "- ele deve ficar inconsciente por mais duas horas. Deve ser tempo suficiente. Vou lhe passar a perna e você a colocará no gelo imediatamente, certo? Depois vamos levá-la para a

outra sala enquanto ele estiver se recuperando. Depois, é hora de pegar o irmão dele, certo?"

A enfermeira assentiu com entusiasmo, e o Dr. Shaw suspirou.

"Justine, você não pode *estragar* tudo."

Justine parou de sorrir.

"Não, doutor. Eu vou me lembrar."

A expressão do Dr. Shaw se suavizou.

"Ótimo. Agora vamos começar."

Demorou mais do que as duas horas que o Dr. Shaw havia planejado.

O problema era a serra de ossos. Ela era velha e não estava tão afiada quanto ele esperava. Na metade da tíbia do homem, ela se enroscou e parou. Quando ele tentou ligá-la novamente, ela se prendeu e ele não conseguiu soltá-la.

O homem na maca gemeu em sua máscara, que ficou embaçada.

"Merda", jurou o Dr. Shaw. "Justine, precisamos nos apressar! Pegue a outra serra."

Justine, com o rosto uma mistura de medo e ansiedade, ficou olhando para ele.

"Porra! Justine, pegue a maldita serra!"

O Dr. Shaw tentou ligar a serra de ossos novamente, mas a lâmina estava completamente presa no osso e se recusava a se mover. O motor começou a soltar fumaça.

"Ali! Aquela com cabo de madeira!", ele gritou, apontando um dedo para a serra na mesa de metal com todas as outras ferramentas.

Justine finalmente acordou e atravessou a sala correndo, com os quadris largos batendo no monitor de frequência cardíaca, fazendo-o rolar para longe. Como que em resposta ao empurrão, o traçado do homem subitamente aumentou de tom.

"Depressa, Justine! Ele está acordando! *Mexa-se*, porra!"

Justine aumentou a velocidade de seu andar. Ela pegou a serra e a levou até o Dr. Shaw, cujos olhos permaneciam fixos no homem na maca. As bochechas dele estavam apertadas, com vincos se formando nos cantos externos dos olhos; o efeito das drogas estava acabando, mas ele não podia lhe dar mais. Elas eram um bem precioso, e ele precisava economizar o pouco que lhe restava para o irmão do homem.

O Dr. Shaw arrancou a serra das mãos gordurosas de Justine e a instruiu a se levantar ao lado dele.

"Vou tentar enfiar esta lâmina entre a serra elétrica e o osso e, quando eu disser, dar um puxão na serra de osso. Assim que ela sair, empurrarei esta para dentro e a cortarei manualmente."

Justine assentiu novamente, e o sorriso estranho voltou ao seu rosto.

"Mas temos que nos apressar... isso não vai ser agradável, especialmente com ele acordando."

O Dr. Shaw, fazendo uma careta, verificou as ligaduras cirúrgicas em ambos os lados do joelho do homem. Elas ainda estavam apertadas, o que era bom. Um desliz e o homem sangraria, e eles só tinham três unidades de sangue fresco sobrando. Ele olhou rapidamente para Justine, avaliando-a enquanto ela olhava para o homem na maca. Seu olhar se desviou para os braços gordos dela, que pareciam escorrer para fora da bata.

Cinco anos na floresta, vivendo de frutas silvestres e pouca carne de caça - esquilos, ratos, coelhos ocasionais - e ela não parecia ter perdido nem um quilo.

Isso é bom... Justine tem uma constituição forte. Ela também é uma doadora universal... Se for preciso, e eu precisar de sangue...

O Dr. Shaw balançou a cabeça e se inclinou sobre a maca. Ele pressionou a serra ao lado da outra lâmina, estremecendo com o som que ela fazia ao passar pelo osso exposto.

"Tudo bem? Você está pronto?", ele perguntou, girando a lâmina levemente.

Justine assentiu com entusiasmo.

"Aos três: um... dois... três!"

Aos três, Justine puxou. No início, nada aconteceu; a lâmina estava enterrada muito fundo.

"Justine! Puxe! Puxe *e levante, porra!*"

Justine obedeceu, puxando com toda a sua força.

Houve um som de rasgo terrivelmente grosseiro, e a lâmina finalmente deslizou para fora. Justine cambaleou para trás quando foi solta, derrubando o monitor completamente e caindo de bunda no chão. Ela gritou, mas o Dr. Shaw a ignorou.

Agindo imediatamente, ele forçou a serra na ranhura existente e, em seguida, começou a movê-la para frente e para trás, lentamente no início, tentando entrar em um ritmo.

Mas então o homem na maca gemeu e seus olhos se arregalaram.

"Merda", jurou o Dr. Shaw. Não havia tempo para precisão.

Em um movimento suave, ele se ergueu sobre a maca, colocando as pernas do homem sobre as suas. E então, mais como um lenhador do que como um médico, Andrew se inclinou para o movimento de serrar, passando toda a extensão da lâmina para frente e para trás sobre a tíbia do homem com o máximo de vigor que conseguiu reunir.

Grunhindo com o esforço, com o suor escorrendo pela testa, o Dr. Shaw não percebeu quando os olhos do homem se abriram. Ele nem mesmo notou quando a outra perna do homem, a que não estava

sendo amputada, começou a se contorcer. O que chamou sua atenção foi a mão do homem, que batia desajeitadamente na parte de trás de seu braço enquanto ele bombeava furiosamente a serra para frente e para trás.

Seu primeiro pensamento foi que se tratava de Justine, mas uma rápida olhada por cima do ombro revelou que a enfermeira gorda ainda estava lutando para se levantar, como uma espécie de tartaruga obesa e virada.

Então ele notou a mão do homem.

"Merda! Enfermeira! *Enfermeira!* Segure-o!"

Justine finalmente conseguiu se levantar e se apressou. Com as duas mãos, ela agarrou o braço do homem e pressionou todo o seu peso sobre ele. Ela aplicou tanta pressão que o homem acordou completamente e imediatamente começou a gritar em sua máscara de oxigênio.

Embora as palavras estivessem distorcidas e abafadas, o Dr. Shaw sabia do que se tratava.

"O que você está fazendo comigo?", gritou o homem. Em seguida, ele soltou um grito horrível e agudo.

Felizmente, apesar de estar totalmente consciente agora, os sedativos ainda controlavam parte de seu corpo.

Um homem tão grande e musculoso como esse teria jogado o Dr. Shaw para fora dele como uma boneca de pano se ele tivesse recuperado o controle total de suas faculdades.

Só mais uma... só mais uma...

Mas foi preciso mais do que um; foram necessários mais sete golpes antes que a serra de repente conseguisse atravessar toda a tíbia. O Dr. Shaw, com os braços e os ombros doloridos, deu mais alguns golpes para cortar a fíbula, que era bem menor, e depois puxou rapidamente a perna do homem para fora do corpo e a segurou acima da cabeça como se fosse um troféu orgânico grotesco.

Em seguida, ele limpou o suor do rosto com o ombro e saltou da maca.

Quando o homem viu o que estava nas mãos do Dr. Shaw, seus gritos atingiram um nível febril. E então, incredivelmente, ele começou a se sentar.

O Dr. Shaw enfiou o membro no balde de gelo e correu para a porta da sala de cirurgia. A enfermeira Justine tentou segui-lo, mas o homem já havia recuperado o uso da mão o suficiente para erguer a mão e agarrar um punhado de seu cabelo loiro e seco. Seus olhos se arregalaram e ela gritou alguma coisa, mas, com a adrenalina nos ouvidos, o Dr. Shaw não conseguiu entender as palavras.

Ele usou o cartão-chave em seu quadril para abrir a porta e, em seguida, abriu-a, voltando para trás uma última vez.

Justine estava tentando afastar as mãos do homem, mas ele era muito forte. Não havia como ela lutar contra ele, especialmente com a forma como os dedos grossos dele estavam enrolados e torcidos em seu cabelo.

Foi uma pena; o Dr. Shaw precisava de ajuda.

Mas Justine o surpreendeu ao dar um puxão com o pescoço, e um grande tufo de cabelo e parte do couro cabeludo se soltaram. Um momento depois, ela estava ao lado dele novamente e, juntos, saíram do quarto, permitindo que a porta se fechasse rapidamente atrás deles, emitindo um bipe ao ser trancada.

Justine levou uma mão à nuca enquanto observava o homem. Quando ela a retirou, seus dedos estavam vermelhos de sangue, mas isso não fez nada para tirar o sorriso de seu rosto.

"Vamos embora", ordenou o Dr. Shaw. "Há mais trabalho a fazer esta noite. Muito mais trabalho."

Capítulo 17

Eles caminharam lado a lado pelo corredor, mantendo um bom espaço de dois ou três metros entre eles e a mulher que se apresentou como enfermeira Justine.

"Ouça, Justine?" Cal perguntou hesitante. Sua mão ainda estava presa ao pé de cabra escondido sob o roupão de banho.

"Sim?", respondeu ela sem se virar.

A cada passo, o cabelo dela se mexia um pouco e Robert notou que faltava um pedaço na parte de trás. Uma área que ela havia tentado, mas não conseguiu, cobrir completamente com a escovação.

"Acho que você pode ter nos confundido com outra pessoa. Não somos pacientes da Sétima Ala".

Justine parou e o trio imediatamente fez o mesmo. Em seguida, ela se virou lentamente para encará-los.

"Tem certeza disso? Quero dizer, se não são pacientes, então o que exatamente estão fazendo aqui?"

Robert olhou rapidamente para Shelly, mas ela apenas deu de ombros. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas demorou um pouco, esperando que Cal interviesse. Afinal de contas, foi ele quem começou o diálogo.

"Ah, estou apenas brincando com você. Eu sei por que você está aqui", disse ela com um sorriso.

Viva ou morta, havia algo muito errado com essa mulher.

"Você sabe?" Robert perguntou, com as sobrancelhas levantadas.

"Sim, é claro." Ela apertou um olho e apontou um dedo para Cal. "Você é... Cal." Ela apontou para Shelly em seguida. "Você é a Shelly." Ela parou em Robert, seu sorriso crescendo. "E, é claro, você é Robert Watts."

Robert ficou boquiaberto.

Foi uma armadilha; aquele bastardo do Sean nos fez ficar presos aqui com esse psicopata.

Justine riu.

"Como eu lhe disse, o médico..."

"Quem lhe disse nossos nomes?" exigiu Robert, com a garganta de repente incrivelmente seca. Quando ela não respondeu e, em vez disso, girou sobre os calcanhares e começou a se afastar, eles se mantiveram firmes.

"Ei!" Shelly gritou de repente. "Como você sabe nossos nomes? O Sean lhe disse?"

Justine parou, mas não se virou dessa vez.

"Sean? Não conheço nenhum Sean. Foi Leland quem me contou."

"Leland?" Cal perguntou, com a voz apenas em um sussurro. "Quem diabos é Leland?"

Justine suspirou.

"Leland Black..." Quando nenhum deles respondeu ao nome, Justine suspirou. "Mas talvez vocês o conheçam melhor como o Bode".

De repente, o sangue de Robert se transformou em gelo em suas veias.

Um lampejo de James Harlop, com o atizador cravado no crânio, estendendo a mão para baixo e agarrando suas mãos, surgiu em sua mente.

Sua esposa está aqui... e o bode também. E ele está chegando...

"Cabra?" Cal perguntou, balançando a cabeça. Ele olhou em volta. "Da última vez que verifiquei, isso aqui não é a fazenda do velho Mc Donald. De que *porra* você está falando?"

Cal se voltou para Robert em busca de apoio.

"Merda! Robert? Você está bem?"

Robert ainda não conseguia se mover, assombrado pelas palavras que James Harlop havia dito pela primeira vez e que Justine havia repetido.

É uma armadilha. Tem que ser.

Justine falou.

"Você deveria perguntar ao Robert sobre o bode, ele vai lhe dizer."

Agora era a vez de Shelly interromper.

"De que diabos ela está falando, Robert?"

Quando Robert continuou a ficar boquiaberto, com o medo percorrendo cada um de seus capilares, ela lhe deu uma cotovelada forte na lateral e ele finalmente se recuperou.

"Robbo? De que diabos ela está falando?"

"É que..." Ele se esforçou para conseguir dizer as palavras. "É só que, não sei, é só algo que James Harlop me disse antes..."

Ele se conteve antes de dizer, *antes de me levar para o Marrow.*

"- antes de amarrá-lo ao atizador da lareira."

Shelly semicerrou os olhos, uma clara indicação de que não estava acreditando na história dele. Mas antes que ela pudesse pressioná-lo, a enfermeira assobiou.

"Vamos lá. Vocês podem compartilhar histórias em outro momento - não queremos nos atrasar. Como eu disse, o médico tem um temperamento infernal."

Robert trocou um olhar com Shelly, que balançou a cabeça.

"Não vamos a lugar algum. Diga a esse médico... a esse Dr. Shaw que, se ele quiser nos ver, terá de vir aqui."

A expressão de Justine não vacilou quando ela se virou e se aproximou de uma das várias portas idênticas que ladeavam o corredor interno. Ela usou seu cartão-chave para destrancá-la e a abriu com expectativa.

"Como eu disse, o Dr. Shaw está ocupado com um dos outros

pacientes. Mas ele estará pronto para recebê-lo em breve. Por favor, entre em seu quarto."

Justine tinha um sorriso enervante no rosto, um olhar que fez Robert se contorcer.

Há algo muito, muito errado com essa mulher.

"Acho que... você está louco se acha que vamos entrar naquela cela", disse Cal. Em sua periferia, Robert viu a mão atrás de suas costas começar a se mover, ameaçando puxar o pé de cabra. Robert agarrou seu ombro, segurando-o.

A última coisa que ele queria ver era essa enfermeira corpulenta sendo espancada até a morte na Sétima Ala, por mais esquisita que ela fosse. Isso só daria a eles outro fantasma para expurgar.

Se ela estivesse viva, isto é, e Robert ainda não tinha certeza de nada.

Um uivo, um som seco e dolorido que era apenas remotamente humano, de repente encheu todo o corredor. Robert se encolheu instintivamente, agarrando com força o ombro de Cal. Shelly deslizou para perto dele.

"Em nome de Deus, o que foi isso?" Robert sussurrou sem fôlego.

"Eu o avisei que o Dr. Shaw está com um paciente agora. Mas ele vai terminar logo. E ele não ficará feliz se você não estiver em sua cela."

Robert, ainda tremendo por causa do barulho, respondeu rapidamente: "E eu já lhe disse que não vamos entrar lá".

Shelly riu novamente.

"Não é para vocês - vocês três - é só para você, Robert."

"Que se dane isso", sussurrou Cal. "Nenhuma quantia de dinheiro vale toda essa loucura. Vamos dar o fora daqui."

Shelly fez uma careta como se dissesse: "*Eu lhe disse que isso ia ser uma bagunça. Que não era uma brincadeira ou um jogo.*"

"Eu não estou..."

Finalmente, o sorriso no rosto de Justine desapareceu. Ele foi substituído por algo semelhante à tristeza.

"Por favor, há alguém lá dentro que quer ver você. Ela disse que sentiu sua falta".

O coração de Robert começou a acelerar novamente.

"Quem?" Ele deu um passo inconsciente para a frente, com a mão enfiada no bolso da frente, tocando a foto que estava lá.

No entanto, mesmo antes de Justine responder, Robert já sabia a resposta.

"Sua filha, bobo. Amy está lá dentro".

Robert foi imediatamente em direção à porta. No fundo de sua mente, ele sabia que aquilo era um erro, provavelmente apenas um truque, mas não tinha como se conter.

Ele *havia* visto Amy após a morte e, com o pouco que sabiam sobre a medula, talvez fosse possível que ela *voltasse*.

E o que ele não daria para vê-la novamente.

Por mais improvável que fosse esse cenário, a possibilidade era suficiente para impulsioná-lo.

Cal agarrou a parte de trás de seu braço, mas ele deu de ombros.

"É um truque, Robbo. Fique aqui!"

Mas a mente racional de Robert o abandonou.

Ainda mantendo distância de Justine, ele olhou para dentro do quarto. Mas quando ele espalhou o feixe de luz no cômodo, a lanterna de repente piscou e se apagou.

Assim como as luzes haviam feito na casa de Harlop todos aqueles meses atrás.

Seu coração disparou, lembrando-se do que Shelly havia dito sobre a estranha relação entre a quiddidade e as luzes.

Talvez ela esteja aqui.

"Robert! Robert, volte aqui!"

Robert se virou, mas o tempo havia desacelerado e, de repente, ele se sentiu tonto.

Shelly e Cal estavam correndo em sua direção, mas, apesar do alarme, algo no fundo de sua mente lhe dizia que ele deveria entrar na sala.

Que ele *tinha* que entrar no quarto, para o bem de Amy.

"Vá para dentro, o médico está quase pronto para você", disse Justine gentilmente.

Agora, na soleira da sala, Robert se virou de costas para os amigos. A lanterna piscou novamente, mas apenas por um segundo, iluminando as paredes bege. Semicerrando os olhos contra a luz forte, ele viu um pequeno coelho rosa e roxo apoiado em uma cadeira de madeira no canto.

"Sr. Gregorius!", ele gritou.

Ele correu até ela, mas, quando apertou seu estômago macio, teve uma percepção clara.

Não era o Sr. Gregorius; era apenas um coelho de pelúcia de uma loja de artigos de luxo.

Robert se virou para a porta bem a tempo de ouvir a fechadura ser acionada. Ela emitiu um bipe e, em seguida, o rosto de Justine preencheu a pequena janela retangular de vidro.

Ela estava sorrindo novamente e, como no porão da Harlop Estate, Robert estava mais uma vez sozinho.

Capítulo 18

NOVE ANOS ATRÁS

Uma batida forte vinda de uma das outras salas distraiu o Dr. Andrew Shaw e sua mão escorregou, enfiando a sutura muito fundo na perna do homem.

"Puta que pariu", ele murmurou entre dentes cerrados. Ele usou o ombro para limpar uma gota de suor antes que ela caísse em seu olho e, em seguida, retirou a sutura grossa da pele do homem e a recolocou no lugar. Ele estava prestes a fazer um novo laço quando o baque bateu na parede novamente.

"Porra, Justine, você quer fazer alguma coisa a respeito disso?" Ele esticou o pescoço para olhar para a mulher rechonchuda, que estava pairando previsivelmente sobre seu ombro. "Justine?"

"O quê?", perguntou ela, seu sorriso se transformando em uma expressão assustada.

O Dr. Shaw apertou os lábios com força, tentando manter suas emoções sob controle. Não seria bom para ele se descontrolar, especialmente enquanto Justine ainda tinha algum valor.

"O barulho. Vá fazer o homem parar de bater na parede".

Justine ficou olhando para ele por um momento, como se estivesse tentando decifrar suas palavras. Não era a primeira vez que ela agia dessa forma; às vezes, sua mente parecia travar mesmo com as instruções mais simples.

Ele amarrou a sutura, colocou a agulha na maca e examinou seu trabalho. Não estava perfeito - longe disso - e o fato de o gêmeo do homem ter acordado durante a amputação não ajudou em nada. Andrew achou que essa perna era um pouco mais curta do que a outra, mas teria de servir.

Com um suspiro pesado, ele se voltou para Justine, que ainda estava parada, esperando.

"Vá até lá. Faça-o parar para que eu possa me concentrar. Não me importa como você fará isso. *Apenas faça-o parar*".

A enfermeira finalmente pareceu entender e girou sobre os calcanhares, em um movimento desleixado e descoordenado, e foi até a porta. Antes que ela a abrisse, porém, o Dr. Shaw falou novamente.

"Faça-o calar a boca. Estarei lá em breve... estou quase terminando aqui."

Justine assentiu e saiu da sala, deixando o Dr. Shaw sozinho com seu paciente atual.

Para as ferramentas que eu tenho? Não é muito ruim. Nada mal.

O tom de pele não combinava muito - a metade inferior era um pouco mais escura do que a superior - o que era estranho,

considerando que o doador era seu gêmeo. Talvez um deles tivesse acabado de voltar das férias?

O Dr. Shaw balançou a cabeça.

A estética não importava. O que importava era provar sua teoria. Provar que o Dr. Mansfield estava errado.

De repente, seu peito começou a coçar, e ele usou a mão enluvada para coçar a grossa cicatriz rosa que ia da garganta até o umbigo.

Há alguém aqui dentro comigo.

Aquelas foram as palavras de Andrew, não as do Dr. Shaw, mas elas tinham tanto significado, tanto poder.

Um sorriso cruzou os lábios do Dr. Shaw quando ele se lembrou da última vez em que Andrew havia aparecido, há quase cinco anos.

Aquele tinha sido um dia produtivo, pois não apenas Andrew tinha sido enterrado, mas também foi a primeira vez que ele matou.

Seus olhos se turvaram quando ele se lembrou...

"Porra! Andrew, vá cuidar dessa mulher!" gritou o Dr. Mansfield.

Algo dentro dele estalou, assim como aconteceu depois do transplante e depois que o atendente gritou com ele. Ele podia sentir que a outra pessoa dentro dele começava a se elevar, a borbulhar na superfície.

Andrew caminhava lentamente, tentando manter o outro à distância, para permanecer no controle. Era uma luta constante porque ele estava lá - o Dr. Shaw estava sempre lá... observando... esperando o momento certo para se levantar.

As luzes do quarto da Sra. Dupius estavam apagadas, o que era estranho, pois os pacientes nunca tinham controle de suas próprias luzes. A mão de Andrew encontrou o interruptor, mas quando ele o acionou para cima e para baixo, o quarto permaneceu escuro.

Que porra é essa?

Ao apertar os olhos com força, ele mal conseguia distinguir o contorno da Sra. Dupuis na cama. Os lençóis tinham sido enrolados e jogados no chão, e as mãos dela estavam de lado, sugerindo que ela estava dormindo.

Ela não estava apenas gritando? Era ela? Poderia ter sido outra pessoa?

Andrew se perguntou se talvez a exaustão de seus ataques quase constantes nos últimos dias tivesse finalmente assumido o controle. Com isso em mente, ele se aproximou da cama e, ao mesmo tempo, observou o quarto enquanto seus olhos se ajustavam lentamente à escuridão.

Ele estava quase ao lado da cama de madeira simples quando percebeu que a Sra. Dupuis estava completamente nua.

Santo.

Envergonhado, Andrew desviou o olhar, seu rosto ficando imediatamente vermelho. Ele estava prestes a se virar e sair do quarto,

para avisar a uma das enfermeiras que a Sra. Dupuis precisava de um curativo, quando ela se mexeu, atraindo seus olhos de volta.

A mulher idosa estava olhando diretamente para ele, com os olhos arregalados, de alguma forma brilhantes, apesar da iluminação fraca.

"Jesus", ele ofegou, assustado com o movimento repentino. Ele estava prestes a se afastar quando a mão dela se lançou com uma velocidade que não condizia com sua idade. Antes que ele pudesse reagir, os dedos dela se fixaram nas bolas dele e apertaram.

Ele gritou, mas ela apertou ainda mais forte, impedindo o som antes que pudesse sair de sua garganta.

"Quero que você me foda", ela exigiu, sua voz quase sinistra. "Quero que você me foda *com força*."

Andrew engoliu e seus olhos percorreram o corpo nu de 80 anos dela, as palavras do Dr. Mansfield ecoando em sua cabeça.

Vá para a porra do quarto e cuide dela!

A confusão começou a passar por ele em ondas.

O Dr. Mansfield não poderia estar falando sério, poderia?

A língua da Sra. Dupuis saiu da boca e se agitou rapidamente, e seus olhos pareceram ficar ainda maiores.

Os olhos de Andrew percorreram a sala, tentando encontrar inspiração ou respostas em alguma coisa, qualquer coisa. Mas quando seu olhar passou pela janela quadrada sobre a porta, ele viu o carrinho da enfermeira. Havia um objeto refletivo em cima, saindo pela metade de uma arrastadeira azul.

Cuide dela!

As palavras do Dr. Mansfield ecoaram em sua cabeça.

A mão nodosa da Sra. Dupuis apertou ainda mais forte, e ele começou a sentir náuseas.

Foi então que o *outro*, o Dr. Shaw, fez sua jogada.

"Não", disse Andrew, mas já era tarde demais.

"Sim", respondeu a Sra. Dupuis. "Ah, sim."

O homem de jaleco fez um som de *tsk, tsk, tsk* com o canto da boca, com os olhos ainda fixos no carrinho da enfermeira.

Parece que alguém deixou um bisturi de fora. Isso é proibido. As enfermeiras não sabem que esses pacientes são perigosos?

Seus olhos se voltaram para a forma enrugada da Sra. Dupuis.

"Oh, eu vou transar com você", disse o Dr. Shaw, com os olhos brilhando. "E você vai adorar."

O homem na maca gemeu baixinho, tirando o Dr. Shaw de seu devaneio. Ele balançou a cabeça e enxugou mais suor da testa.

Estou perto, pensou ele, olhando para o membro enxertado do homem. *Desta vez, vai funcionar. Desta vez, você verá. Desta vez, ele começará a agir de forma diferente, assumindo a personalidade de seu irmão. Você verá. Eu nem sempre fui assim.*

Sua cicatriz começou a coçar novamente, mas dessa vez ele resistiu à vontade de coçar.

Há alguém aqui dentro comigo... mas ele não assumirá o controle tão cedo.

Capítulo 19

"**Abra a porra da porta.** Estou lhe avisando, moça, você não vai querer se meter comigo."

Cal estava segurando o pé de cabra à sua frente com agressividade, mas suas mãos estavam obviamente tremendo.

Justine não se mexeu, nem mesmo reconheceu sua ordem.

"Você me ouviu? Eu disse, deixe-o sair daí. *Agora.*"

Shelly havia se movido para perto dele, e ele podia sentir o coração dela batendo, embora ainda estivessem a vários centímetros de distância. Isso estava fazendo com que todo o corpo dela balançasse para frente e para trás.

Ainda não houve resposta; desde que a enfermeira obesa se afastou da janela do quarto de Robert, ela não disse nada. E, no entanto, ela ainda estava sorrindo.

Cal deu um passo à frente, levantando o pé de cabra ainda mais alto, certificando-se de que, mesmo que a cadela fosse míope, ela o veria agora.

"Eu vou lhe dar..."

Um rugido horrível, o mesmo rosnado gutural e gutural, o interrompeu.

Cal se encolheu e instintivamente aproximou o pé de cabra de seu corpo. Shelly estava diretamente atrás dele agora, com os braços envolvendo-o com força. Ele tentou ser corajoso, forte, mas suas mãos estavam tremendo tão violentamente que o pé de cabra se tornou um borrão.

Que porra foi essa? E o que, em nome de Deus, estamos fazendo aqui?

Mas ele sabia o que eles estavam fazendo aqui... ou, mais especificamente, o que *ele* estava fazendo aqui.

Durante anos, Cal fez o possível para esquecer aquele sentimento... o sentimento que o percorreu ao abraçar seu amigo de sete anos enquanto ele morria, com o sangue do garoto encharcando seus braços e pernas. Como ele poderia explicar a sensação de euforia absoluta quando a quiddidade de seu melhor amigo o deixou? Melhor ainda, como ele poderia explicar a busca desse mesmo sentimento por mais de uma década? Uma sensação que ele nunca conseguiu reproduzir?

Ele quase havia se esquecido de tudo antes de Robert implorar para que ele fosse até a propriedade Harlop. Naquele dia, tudo havia voltado à tona. Essa era a *verdadeira* razão pela qual ele estava aqui, neste lugar, a Sétima Ala, com uma enfermeira demente, Robert trancado em uma cela e promessas de encontrar um Dr. Shaw, sem dúvida, muito alegre.

Outro rosnado atravessou o corredor.

E isso... havia isso também, seja lá o que for.

Cal estremeceu.

"Esse é o George", disse Justine, como se estivesse lendo seus pensamentos.

"Quem diabos é George?" Shelly cuspiu.

A porta no final do corredor atrás de Justine se abriu repentinamente, batendo com força contra a parede oposta. A enfermeira imediatamente deu um passo para o lado enquanto uma fera enorme passava pela abertura.

"F-f-f-uck", gemeu Cal.

Shelly ainda estava agarrada a ele, mas ele tropeçou para trás mesmo assim, quase derrubando-a no processo.

O homem era gigantesco, com quase um metro e oitenta de altura e um peito e braços grossos. Mas, apesar de sua musculatura impressionante, havia algo ligeiramente estranho nele. Era como se Cal estivesse olhando para o reflexo do homem em um espelho que havia sido quebrado: seu rosto não estava bem alinhado, uma perna parecia mais longa do que a outra e um antebraço tinha apenas metade do tamanho do outro. E ele poderia jurar que o homem tinha um único e grande seio pendurado no centro do peito.

Shelly também xingou, mas o sangue estava tão alto nos ouvidos de Cal que ele não conseguiu ouvir exatamente o que ela disse.

"George, por que você não leva nossos convidados para seus aposentos?"

O homem não hesitou, simplesmente correu em direção a eles. Shelly permaneceu congelada, mas Cal foi subitamente imbuído de coragem. Enquanto o homem caminhava em direção a eles, com um andar desajeitado e a perna direita atrasada, ele colocou Shelly atrás de si novamente e deu um passo à frente.

Quando o homem se aproximou, Cal balançou o pé de cabra em uma trajetória ascendente. Mas, quando estava a um metro de distância, ele deu a primeira boa olhada no homem, e toda a sua força foi subitamente exaurida.

O homem foi costurado como um quebra-cabeça, com pedaços de carne apodrecida costurados em seu rosto, tórax e braços com suturas grossas e semelhantes a rendas.

Era o monstro de Frankenstein em carne e osso.

O pé de cabra atingiu a coisa que Justine havia chamado de George, mas ricocheteou inofensivamente em seu estômago duro. As vibrações subiram pelos antebraços de Cal, e o pé de cabra caiu de suas mãos.

O monstro parou, virou o rosto costurado para o teto e rosnou novamente.

Cal se virou e correu.

Em algum lugar no fundo de sua mente, ele sabia que Shelly

também estava correndo, mas sua visão de túnel era tão grave, seu medo tão palpável, que ele não conseguia nem ver para onde ela tinha ido.

Quando ele correu em direção à porta da sétima ala pela qual eles haviam entrado, encontrou Shelly já de pé, com as palmas das mãos batendo na barra de empurrar repetidamente.

"Abra a porta!", ele gritou. "Abra a porra da porta, Shelly!"

Ela não se virou; simplesmente continuou a bater na barra com as duas mãos.

"Ele não abre. Abre", ela ofegou.

Cal não parou de correr; no último segundo, Shelly se moveu para um lado e Cal bateu na porta com as mãos primeiro.

A dor subiu por seus pulsos quando suas mãos foram dobradas para trás.

Ele gritou e caiu imediatamente no chão.

"Porra!" Shelly gritou. Ela começou a tirar a mochila das costas, mas uma voz a fez congelar.

"Não os mate, George!" O tom de Justine era desesperado. "Não os mate!"

Cal, ainda gemendo por causa dos pulsos esmagados, virou de bunda para baixo.

George estava a 30 centímetros dele. Quando a enorme fera se abaixou até ficar a centímetros de seu rosto, Cal ficou congelado de medo. O cheiro de podridão e decomposição se tornou tão forte que fez seus olhos lacrimejarem, o que, felizmente, obscureceu sua visão dos pontos grossos, dos tons de pele incompatíveis que não se alinhavam direito e do corte horrível que ia do canto da boca até a orelha.

O cheiro se intensificou quando o animal chamado George falou.

"Bem-vindo à Sétima Ala, Cal", disse o monstro.

Shelly disse algo à sua esquerda, mas Cal já estava girando em um mundo de escuridão.

Capítulo 20

NOVE ANOS ATRÁS

"Acorde, George."

O Dr. Shaw se inclinou sobre o corpo, tomando cuidado para não se aproximar demais, caso o homem na maca reagisse como seu irmão havia reagido.

"George, está na hora de acordar."

O homem não se mexeu, o que provocou uma careta do Dr. Shaw.

O que está acontecendo? Ele deveria estar acordando agora... ele já esteve sob o efeito de tantas drogas que já deveria ter desenvolvido uma tolerância. A menos que...

"Enfermeira, quanto nitroso você deu a ele?"

Justine se virou para olhar para ele, com o rosto coberto de uma bagunça roxa. Ele não tinha certeza de como ela havia conseguido acalmar o gêmeo de George, mas não deve ter sido fácil. Seu nariz estava quebrado no alto da ponte, ela tinha um brilho sob o olho esquerdo e seus lábios, normalmente finos e quase inexistentes, estavam inchados e rachados.

E, no entanto, o sangue em suas mãos não parecia ser dela.

O Dr. Shaw deveria ter sido mais específico; ele deveria ter dito a Justine para calar o homem sem matá-lo, o que era uma possibilidade clara, dado o silêncio total e absoluto no resto da ala.

Ainda assim, ele poderia lidar com isso mais tarde. Sua preocupação mais urgente agora era o homem na mesa diante dele.

Aquele que ele havia batizado de George, em homenagem ao seu falecido mentor.

"Eu lhe dei o mesmo que da última vez", respondeu Justine com um encolher de ombros.

Um rastro fino de sangue escorreu da narina direita e ela fungou antes de limpá-lo com as costas da mão.

O Dr. Shaw se voltou para seu paciente.

O homem, como seu irmão, estava completamente nu, mas, ao contrário do irmão, sua perna não era a única coisa que havia sido alterada.

George era uma mistura de quase uma dúzia de indivíduos que ele e Justine haviam atraído para a Sétima Ala nos últimos meses.

Sua orelha esquerda pertencia a um motorista de ônibus cujo telefone havia morrido - graças a Deus pelas baterias de telefone insubstituíveis e de merda. Justine havia conseguido convencer o homem a dar a volta na lateral do hospital sob o pretexto de usar o celular dela.

O braço direito de George era de um vagabundo que eles

encontraram dormindo do lado de fora do hospital. Atraí-lo para dentro foi ainda mais fácil do que o motorista do ônibus; tudo o que tiveram de fazer foi deixar a porta entreaberta e, em uma noite particularmente fria, o homem veio até eles. Eles tentaram costurar a bochecha de uma prostituta no rosto de George, mas não funcionou; não importava o que fizessem, não importava o tipo de cola ou pontos que aplicassem, simplesmente não dava certo. Agora George ficou com uma cicatriz horrível que o Dr. Shaw fez o possível para suturar. O problema era que, toda vez que o homem abria a boca, a ferida reabria.

Não importava; afinal de contas, George não estava ganhando um concurso de beleza tão cedo - não era esse o seu papel. Em vez disso, eles optaram por suturar um dos seios da prostituta em seu peito. Essa parte era a favorita de Justine, e ele podia jurar que a mulher tinha ficado excitada, com o rosto corado e a respiração curta.

E, é claro, havia a mais recente adição: a perna de seu irmão gêmeo. O Dr. Shaw esperava que o fato de ser de seu irmão gêmeo ajudasse a facilitar o processo de cura.

A cada nova adição, George começava a mudar, e não era apenas o cheiro cada vez mais forte de podridão. Sua personalidade tornou-se menos coesa, mais reativa, até mesmo bestial.

Há alguém dentro de mim.

O Dr. Shaw pegou um dos muitos panos úmidos que haviam sido usados na cirurgia e foi para a cabeceira da maca novamente. Ele pressionou o pano contra a testa quente do homem e seus olhos se arregalaram. Um sorriso fino cruzou seus lábios.

Sem aviso, George gaguejou e depois tossiu. Um lodo marrom saiu de sua boca, e o Dr. Shaw inclinou a cabeça do homem para um lado para garantir que ele não se engasgasse.

"Ah, vejo que você está se recuperando", disse o Dr. Shaw. Ele não pôde evitar o enorme sorriso que se formou em seu rosto. George podia estar horrível, febril e fraco, mas estava vivo. O que era um progresso, considerando o que havia acontecido com os outros. Ao contrário do motorista de ônibus, do vagabundo e da prostituta, tinha sido um risco incrível atrair George e seu irmão para a Sétima Ala. Mas os gêmeos eram exatamente o que o Dr. Shaw estava procurando: homens fortes, musculosos, capazes de suportar e se recuperar de várias cirurgias.

No final, valeu a pena.

Estamos perto.

Os olhos de George se abriram e se moveram para frente e para trás tão rapidamente que o Dr. Shaw temeu que ele estivesse tendo uma convulsão. Mas depois de alguns segundos, eles se concentraram e o Dr. Shaw ouviu exatamente as mesmas palavras que o irmão do

homem havia dito há mais de uma hora.

"O que você fez comigo?" George sussurrou.

O Dr. Shaw passou um dedo sobre a sutura na bochecha do homem como uma carícia suave. Ele podia ver os molares do homem no corte quando ele falava, o que era estranho, mas ao mesmo tempo muito fascinante.

"Estou apenas tentando torná-lo completo novamente, George. Só estou tentando deixá-lo completo."

O rosto de George se contorceu de dor e vários dos pontos que marcavam seu couro cabeludo raspado e passavam por cima da orelha de retalhos se abriram. O sangue começou a escorrer lentamente do ferimento.

"George? Quem..." Ele tossiu novamente, trazendo mais lodo marrom. "-Quem diabos é George? Eu já lhe disse centenas de vezes que esse não é o meu nome."

O Dr. Shaw o silenciou.

"Você precisa relaxar... você precisa se curar para que eu possa mostrá-lo ao mundo. Assim, poderei provar a eles que eu estava certo - provar ao Dr. Mansfield que eu estava certo o tempo todo."

Ao olhar para o homem na maca, ele pensou ter visto lágrimas começarem a se formar nos olhos castanhos e arregalados de George. Olhando para aqueles olhos, o Dr. Shaw imaginou como seria transplantar um dos olhos azuis de seu irmão.

"O que você fez comigo?" George sussurrou novamente, com a umidade escorrendo por suas bochechas.

O Dr. Shaw sorriu.

Capítulo 21

Robert bateu contra o vidro grosso, mas tudo o que conseguiu foi deixar seu punho dolorido. Ele pôde ver uma *coisa* - um homem gigantesco e pesado - correndo em direção a Cal e Shelly, e então viu Cal atingi-lo no peito com o pé de cabra. A fera rugiu, e então seus amigos se viraram e correram. Robert pressionou o rosto contra a pequena janela, tentando desesperadamente ficar de olho neles, para ver o que aquela *coisa* estava fazendo com eles, mas, por fim, eles desapareceram e ele ficou apenas com a visão de Justine, parada ali, com aquele maldito sorriso estampado no rosto.

"Ei!", ele gritou. "Ei! Deixe-os em paz!"

Robert gritou até ficar com a garganta seca, mas não adiantou; ou Justine não o ouvia ou simplesmente o ignorava. Chorando agora, Robert se virou para trás, espalhando a lanterna pelo cômodo, procurando algo - qualquer coisa - que pudesse usar para arrancar a grossa porta de metal das dobradiças.

Não havia nada.

A maca estava coberta com lençóis encharcados com o que ele supôs ser sangue seco há muito tempo, e havia uma cadeira no canto sobre a qual ele havia jogado o coelho de pelúcia barato. O resto do cômodo estava completamente vazio.

Robert caiu de joelhos, dominado pela culpa e pela vergonha.

Ele era a razão pela qual Shelly e Cal estavam aqui; ele era a razão pela qual eles estavam prestes a ser dilacerados por aquele monstro - ou pior.

Isso pode levá-los até a medula.

E ele tinha uma sensação incômoda no fundo de sua mente de que a experiência deles não seria a euforia que ele havia sentido ao observar as ondas suaves e ondulantes.

Você foi escolhido, disse Sean certa vez.

Robert não tinha ideia do motivo, mas suspeitava que essa era uma das razões pelas quais ele tinha ido e conseguido voltar. Talvez fosse pelo fato de ter passado tanto tempo com a quiddity de Amy. Ou talvez fosse outra coisa completamente diferente.

Ele não sabia.

Ele não tinha ideia de como ou por que havia voltado do único lugar do qual era universalmente aceito que *nunca* se poderia voltar.

Ele não sabia de *nada*.

"Maldição", sussurrou ele, batendo nas coxas com os punhos. "Maldição."

Sua lanterna piscou e ele instintivamente a desligou, tentando economizar a bateria cada vez menor para quando precisasse dela - se precisasse.

Robert não perdeu a ironia de estar trancado em uma cela para pessoas com distúrbios mentais enquanto a confusão o dominava.

E talvez ele estivesse louco. Talvez a morte de sua esposa e filha o tenha levado a uma espiral de insanidade - sua maneira de lidar com a perda. Talvez tudo isso - tudo o que aconteceu desde então - fosse simplesmente fruto de sua imaginação.

Mas então ele se lembrou de Cal e Shelly. Real ou não, ele não podia ficar sentado sem fazer nada enquanto eles eram destruídos. Ele tinha que fazer alguma coisa... qualquer coisa.

Robert se levantou, voltou lentamente para a porta e olhou para fora.

Justine ainda estava lá, mas não estava mais olhando para frente. Em vez disso, parecia distraída com algo atrás dela.

Eram o Cal e a Shelly.

Eles estavam caminhando lado a lado, com a cabeça baixa e os pés arrastando.

O que eles estão fazendo? Por que estão voltando por aqui? Por que não fugiram?

Seus amigos estavam se movendo em direção ao que ele suspeitava ser uma porta do outro lado do corredor, que estava fora de sua linha de visão.

As lágrimas estavam escorrendo pelo seu rosto agora.

Por que?

Mas então Robert a viu novamente, e sua respiração ficou presa na garganta.

Era de fato um homem, ou pelo menos havia sido em algum momento. Robert sentiu repulsa como um soco no plexo solar quando observou a pele remendada, o peito no centro do tórax, a cabeça e a orelha desequilibradas. Era como se ele tivesse sido costurado por algum médico demente.

O Dr. Shaw está esperando por você.

Robert engoliu com força.

"Ei", gritou ele, batendo no vidro novamente, desta vez com os dois punhos. "Ei! Deixe-os..."

Mas um sussurro vindo de trás dele o interrompeu.

"Eles não podem ouvir você." A voz feminina era rouca e soprosa, não muito diferente da voz de Ruth Harlop.

Todo o sangue foi drenado de seu rosto.

"Este lugar... este lugar foi feito para manter as pessoas dentro. Bater na janela não o ajudará."

Robert girou sobre os calcanhares e, ao mesmo tempo, mexia na lanterna, tentando ligá-la. O simples botão, no entanto, de repente pareceu exceder sua destreza.

Era como se suas mãos estivessem cobertas por luvas grossas.

"Não! Não, não, por favor, papai, não acenda a luz."

Novamente, Robert ficou paralisado. A voz estava vindo do mesmo local, mas era diferente - uma voz de criança.

A imagem de Amy, do jeito que ela estava na fotografia em seu bolso, veio a ele então, e ele engoliu com força.

Não pode ser.

Mas quando a voz voltou a falar, ela havia se transformado novamente em outra coisa.

"Quero que você me foda!"

Robert encostou as costas na porta, esquecendo momentaneamente os pensamentos sobre seus amigos. Ele não conseguia ter certeza se havia uma ou três mulheres na sala com ele agora.

Robert finalmente conseguiu acender a luz. Inicialmente, o feixe de luz era tão brilhante que o cegou momentaneamente, e ele só ouviu alguém - ou *alguns* - *gritando* para sair do caminho. Quando seus olhos finalmente se ajustaram, ele viu uma forma agachada no canto da sala, em frente à cadeira. Sentiu-se aliviado quando percebeu que era apenas uma pessoa, e não três, mas a forma como ela estava agachada e encolhida, a pele fina e coriácea, a medula espinhal saliente, o fez pensar em Ruth Harlop.

"Ruth?", disse ele.

Não houve resposta.

Ele deu um pequeno passo à frente, mas as costas da mulher idosa começaram a se contrair e ele percebeu que ela estava soluçando.

Ele interrompeu seu avanço.

Essa não era Ruth Harlop, uma suspeita que foi confirmada por sua frase seguinte.

"Por favor", ela choramingou, "não deixe que o papai me machuque".

Robert balançou a cabeça, tentando pensar com clareza.

Ao contrário de Justine, ele tinha certeza de que se tratava de uma aparição, uma quiddity - só podia ser. Não havia ninguém na sala com ele momentos atrás.

Mas ela tinha... o quê? Uma personalidade dividida?

As palavras de Shelly no carro durante a viagem para Pinedale ecoaram em sua mente.

O Dr. Mansfield foi sequestrado por alguém com transtorno de personalidade dividida.

Ele segurou com mais força a pesada lanterna.

Poderia ser ela? Será que foi essa mulher idosa que matou o Dr. Mansfield?

"Quem é você?", ele finalmente conseguiu.

A mulher parou de soluçar e começou a levantar a cabeça lentamente. Seus olhos eram escuros, negros, e seu pescoço estava

dividido em um corte de orelha a orelha.

Robert tentou se forçar a *passar pela* porta atrás dele, sem sucesso.

Ela levou um dedo aos lábios.

"Shh, ele está chegando agora. O médico está chegando."

O corpo inteiro de Robert se enrijeceu.

"O que...?"

Mas então uma batida na porta o tirou de seu estupor e, apesar do perigo iminente que essa mulher representava, ele se virou. Seu primeiro pensamento foi que seria Justine, ou pior, aquela *coisa*, olhando para o quarto, mas não era nenhuma delas.

Em vez disso, ele foi recebido pelo rosto de um homem de aparência jovem, provavelmente na casa dos vinte e poucos anos, com cabelos castanhos desgrenhados e olheiras. Seus lábios estavam pressionados em uma linha fina.

Robert deu um salto para trás.

"O Dr. Shaw está aqui", ele ouviu a velha senhora sussurrar enquanto desaparecia. "Ele está aqui... ele está aqui... ele está aqui... ele está aqui..."

Capítulo 22

NOVE ANOS ATRÁS

"É isso", o Dr. Shaw bateu palmas. "É isso aí! Coloque a maior parte de seu peso em sua... sua perna *boa*. Sim, sim, é isso! *Isso mesmo!*"

Ele não conseguia acreditar em seus olhos. George conseguiu deslizar até a borda da maca e, colocando o braço sobre os ombros largos da enfermeira Justine, ficou parcialmente de pé. Shaw podia ver que a perna do homem havia se deslocado em torno do ferimento, a metade superior deslizando um pouco em relação à metade inferior - a perna de seu irmão -, mas parecia estar se mantendo.

O Dr. Shaw bateu palmas novamente.

"Sim! Isto é..."

Mas ele não conseguia pensar em um adjetivo apropriado para descrever o que estava vendo. Em vez disso, ele apenas se divertiu observando sua criação.

Justine grunhiu ao suportar o peso do homem enorme, seu rosto redondo assumindo um tom não natural de vermelho, mas juntos eles deram o primeiro passo.

Ele é ainda mais resistente do que eu pensava - do que eu poderia esperar.

De repente, um cheiro de podridão o atingiu, e o Dr. Shaw fez uma careta. O cheiro estava ruim hoje, talvez o pior de todos os tempos, mas o ferimento na perna parecia estar limpo.

"Dr. Shaw? E agora?" Justine perguntou com uma voz tensa.

O Dr. Shaw refletiu sobre isso por um momento. O fato é que ele só esperava que isso funcionasse pela metade... ele se preparou para a possibilidade de que George simplesmente caísse, com a perna transplantada se soltando e deixando-o sangrando. Mesmo com Justine como doadora, o homem já havia passado por tanta coisa que a perspectiva de sobrevivência era quase nula. Em sua mente, o Dr. Shaw chegou a imaginar que teria de colocar George no freezer com os outros, uma longa fila de doadores desavisados que haviam contribuído com suas vidas para esse projeto.

Mas agora que havia realmente *funcionado*, ele correu para descobrir como finalmente provaria sua teoria.

"Eu quero ver se você pode guiá-lo ao redor da maca. Talvez..." Ele olhou ao redor, seu olhar acabou caindo na parede a cerca de três metros de onde George e Justine estavam. "Talvez levá-lo para uma caminhada até a parede. Veja se ele consegue tocá-la e depois volte."

Justine grunhiu uma resposta afirmativa, e então eles giraram juntos. Os olhos do Dr. Shaw estavam fixos na perna transplantada de

George quando eles começaram a se mover. Mais uma vez, as duas metades pareciam deslizar fora de sincronia, o que era de se esperar, pois o osso não poderia ter se curado completamente tão rápido.

Mas ele aguentou. Aguentou pra *caramba*.

Um sorriso surgiu no rosto do médico.

O estranho casal deu mais um passo à frente, depois outro, com a perna transplantada de George deslizando mais do que andando ativamente.

Com os olhos arregalados, o Dr. Shaw observou enquanto a dupla chegava à parede. Ambos estavam respirando pesadamente por causa do esforço, tensos, exaustos, mas tinham realmente conseguido.

O Dr. Mansfield havia afirmado que isso não era possível, que mesmo que eles conseguissem anexar as partes do corpo e o paciente sobrevivesse, não havia nenhuma evidência que sugerisse que a pessoa adquiriria as personalidades divididas dos doadores.

Tolo, disse-lhe o Dr. Mansfield. Você leu muitos livros de ficção científica, Andrew. E essa ideia? A ideia de que os transtornos de personalidade múltipla são o resultado de duas pessoas presas em um só corpo? Bem, isso também é tolice. É um problema mental, uma deficiência de mentes fragmentadas. Uma doença que pode ser tratada, se não curada. No seu caso, porém...

E quanto à memória celular? Memória dos órgãos

-besteira de pseudociência não comprovada, Andrew. Pegue sua...

A imagem desapareceu quando Justine e George começaram a se virar e algo aconteceu.

No início, o Dr. Shaw não tinha certeza se a perna do homem havia cedido ou se Justine havia simplesmente se dobrado sob o peso de George. De qualquer forma, os dois caíram em uma pilha, Justine e George soltando gritos assustadoramente semelhantes.

Para a consternação do Dr. Shaw, Justine foi puxada para cima de George, e não vice-versa. Seu cotovelo bateu em uma bandeja de metal durante a queda, lançando ao ar, como confete metálico, um prato de plástico em forma de rim cheio de instrumentos cirúrgicos.

"Não!" O Dr. Shaw gritou, esperando que a perna do homem não tivesse sido ferida - ou pior, arrancada - na queda. "Não! Justine, saia de cima dele!"

A enfermeira se assustou e fez uma pausa antes de tentar rolar para trás e ficar de pé.

Ela era muito lenta.

George, apesar de suas óbvias deficiências, foi mais rápido. De alguma forma, o homem conseguiu se sentar em um movimento fluido e sua mão maciça, que era a sua, e não a do transplante menor e murcho, estendeu-se e agarrou a bata azul-clara da enfermeira Justine. Ela gritou e tentou se esquivar de quatro, mas o aperto de George era

forte e, quando ele a puxou, ela caiu de costas sobre ele. O joelho de Justine aterrisou na perna transplantada de George e o Dr. Shaw ouviu um som nítido de rasgo.

"Não!", ele gritou. Ele estava a 30 centímetros dos dois antes que a luta terminasse prontamente. Durante a luta, George pegou um bisturi e o segurou na pele branca e macia abaixo do queixo de Justine.

"Eu vou matá-la", sibilou George. O som passou pelo buraco na lateral de seu rosto, onde os pontos haviam se rompido novamente.

O Dr. Shaw examinou a situação de perto antes de agir. O braço bom de George estava em volta do peito de Justine, segurando-a com firmeza, enquanto o braço que segurava a faca havia pertencido ao motorista do ônibus. Era cinza e de aparência fraca em comparação com o outro, mas o aperto de George no bisturi parecia forte o suficiente - pelo menos forte o suficiente para cravar a lâmina no pescoço de Justine.

As palavras do Dr. Mansfield de repente ecoaram em sua cabeça.

Mesmo que os transplantes funcionem, não há evidências de que o paciente adotaria a personalidade dos doadores. Isso é uma tolice.

Andrew sentiu o sorriso em seu rosto começar a crescer.

Ah, é mesmo?

Seus olhos se voltaram para a expressão de puro ódio no rosto mutilado e cheio de pontos de George. O homem e seu irmão tinham sido orientadores de ensino médio, entre outras coisas, antes de Justine e ele os atraírem para a Sétima Ala.

Indivíduos bons e cumpridores da lei que tiveram carreiras ilustres no futebol universitário. Homens que cuidavam dos outros, que tentavam guiá-los para o caminho certo na vida.

A profissão certa, o esclarecimento pessoal.

O Dr. Shaw começou a se emocionar.

"Sim", disse ele, sua voz mal era um sussurro. "Sim, George, mate-a... mate-a... mate-a... mate-a..."

Capítulo 23

Robert ouviu um bipe mudo vindo de algum lugar do lado de fora da porta e, instintivamente, deu mais um passo para trás. Ele girou a lanterna ao redor, certificando-se de que a mulher velha e demente havia desaparecido e, depois de confirmar que ela de fato estava, afastou-se ainda mais do homem de cabelos desgrehados.

Suas costas se chocaram contra a maca no momento em que a porta se abriu.

O homem era mais baixo do que Robert imaginava, chegando apenas até o queixo. E, em vez de algum tipo de arma, como ele esperava, o médico estava segurando uma pasta nas mãos. Robert o avaliou rapidamente e depois olhou ao seu redor. Para sua consternação, ele não conseguia mais ver Cal ou Shelly, mas a fera também havia desaparecido.

Ele estava indeciso se isso era bom ou ruim.

Justine, no entanto, estava de pé atrás do Dr. Shaw, com o sorriso assustador ainda estampado em seu rosto pálido.

Posso empurrá-lo, posso passar por ele e fugir.

Os olhos de Robert voltaram para o cartão-chave que estava pendurado em seu quadril.

Mas não chegarei a lugar algum sem um desses...

Percebeu, então, que a razão pela qual Shelly e Cal foram forçados a voltar por esse caminho, por não terem corrido de volta para o primeiro andar e saído pelo mesmo caminho por onde haviam entrado, era o fato de estar trancado.

E eles não tinham a chave.

Quão estúpidos somos nós para seguir a Justine até aqui? Quão absolutamente retardados somos?

Mas, na época, eles ficaram tão surpresos ao ver alguém no hospital abandonado que suas faculdades racionais se fecharam.

Você está se comportando de forma estranha? Está se irritando mais do que o normal?

"Robert Watts?", perguntou o médico, erguendo o olhar.

Robert notou que o homem tinha estrias vermelhas e hematomas escuros que quase envolviam todo o seu pescoço e garganta.

"Que porra você quer de mim?" Robert cuspiu. "Onde estão meus amigos?"

O médico, que usava um jaleco branco sobre uma bata idêntica à de Justine, franziu a testa e olhou para sua ficha por um momento antes de fechá-la.

"Robert Watts, meu nome é Dr. Andrew Shaw. Sou o psiquiatra-chefe aqui na Sétima Ala."

Robert piscou os olhos, segurando a lanterna com mais força.

"O quê? De que diabos você está falando? O lugar está fechado há muito tempo..."

"Tsk, tsk, Robert. Posso lhe garantir que essa ala está, e tem estado, em pleno funcionamento há um bom tempo. Não deixe que" - ele ergueu os olhos para as luzes escuras acima - "a falta de energia o engane. Você sabe, o aumento do custo para manter a água corrente e tudo mais."

Ele riu, e Justine se juntou a ele.

Que porra é essa?

O Dr. Shaw parou de rir.

"Por favor, Robert, sente-se na cama."

Robert olhou rapidamente para trás, com uma careta nos lábios ao ver o lençol marrom escuro que cobria a cama.

"Robert?" Ele se virou para trás e viu o Dr. Shaw olhando para ele com uma sobrancelha levantada. "A maca, por favor."

"De jeito nenhum", respondeu Robert sem rodeios. "Eu não vou subir lá. Quero ver o Cal e a Shelly."

O Dr. Shaw suspirou.

"Seus amigos estão bem, eu lhe garanto. Eu os verei depois de você... você é - como posso dizer - uma *prioridade*. Você tem amigos em lugares altos", ele riu novamente. "- ou em lugares baixos, Sr. Watts."

Do que ele está falando? Ele está falando sobre o Sean? Ele conhece o Sean?

Quando Robert continuou a não se mover, a expressão do Dr. Shaw mudou, suas sobrancelhas se abaixaram e seus lábios se curvaram para baixo nos cantos.

"Suba na maca, Robert. Vá para lá ou chamarei o George", sibilou. "Se quiser ver seus amigos de novo, é melhor subir nessa cama."

Robert refletiu rapidamente sobre suas opções, com a visão da aberração com os pontos - *George* - piscando em sua mente.

Foda-se.

Ele recuou e deslizou o traseiro para a extremidade da maca, tomando cuidado para não se mover muito alto e entrar em contato com a metade superior suja do lençol.

Esse é o sangue da velha? Ela morreu neste quarto? Cortou sua própria garganta, talvez?

Ele dirigiu o olhar para o Dr. Shaw, que se aproximou cautelosamente com a enfermeira Justine a reboque.

Ou foi o bom doutor? Justine, talvez? É por isso que um tufo de cabelo está faltando na parte de trás de sua cabeça? Por causa de uma luta com uma mulher velha e demente?

"Ótimo." O Dr. Shaw se voltou para Justine. "Justine, amarre as pernas dele, por favor."

"O quê?" Robert gaguejou. Mas antes que ele pudesse entender completamente o que estava acontecendo, Justine passou pelo médico e estava sobre ele, com as duas mãos carnudas pressionando a coxa direita dele.

A lanterna escorregou de sua mão e ele a agarrou.

Depois de todo o cuidado que ele teve no corredor - certificando-se de que Justine estava longe o suficiente para que, se ela se sentisse inclinada a tocá-lo, ele pudesse se afastar -, tudo se resumiu a isso.

Previsível, esperado, mas totalmente inevitável.

Robert respirou fundo e fechou os olhos, esperando ser transportado instantaneamente para o Marrow. Ele estava preparado para ver as ondas, as ondas ondulantes batendo na costa e a fissura no céu... o céu escuro e agourento cheio de gritos...

Mas nada disso aconteceu.

Os olhos de Robert se abriram e ele percebeu que Justine já havia amarrado seu tornozelo esquerdo à maca.

"Não", ele gemeu, mas quando ela passou para a outra perna, ele continuou mancando.

A confusão tomou conta dele.

Por que não fui ao Marrow? O que isso significa? Significa... significa que a Justine é real?

Isso é real?

"Esse é um bom paciente. Gostaria que todos os meus pacientes fossem tão obedientes quanto o senhor, Sr. Watts. Isso tornaria minha vida muito mais fácil."

Capítulo 24

NOVE ANOS ATRÁS

"**Eu sei que você está** aí, Dr. Mansfield. Mate essa mulher, mate-a agora. Então você saberá que há alguém dentro de você."

Os olhos de George se arregalaram e a mão que segurava a faca começou a tremer.

"Eu não sou o Dr. Mansfield", disse ele, com a voz, assim como a mão, trêmula. "Não sei... não sei quem é."

O Dr. Shaw fez um som de cacarejo com a língua e cruzou os braços na frente do peito.

"É claro que você é. Assim como Frank, o motorista de ônibus, Julia, a prostituta drogada, e Vincent, o vagabundo. Você também é seu irmão. E, por último, mas não menos importante, você é o Dr. George Mansfield. Você é tudo isso".

"O que... o que você fez comigo? Você me transformou em uma espécie de aberração. Uma *aberração* podre e nojenta!"

O Dr. Shaw balançou a cabeça violentamente.

"Não, não, não, não é uma aberração. Você é um experimento médico. Verdade e testemunha do fato de que personalidades divididas não são o resultado de algo na mente, mas de um transplante de órgãos. Acha que é uma coincidência estar usando o braço do Dr. Mansfield para segurar o bisturi? Hmm?"

George deu uma olhada no braço que segurava a lâmina e seu rosto se abaixou como se a visse pela primeira vez.

"O que aconteceu comigo?", sussurrou ele, com cuspe pingando da boca e do buraco na bochecha. "Acho... acho que estou ficando louco... ou talvez isso seja um sonho e a única maneira de acordar é..."

O sorriso de Andrew se desvaneceu, pois ele antecipou o que aconteceria em seguida.

"Não!", ele rugiu e partiu em direção ao homem, que ainda segurava Justine com força no colo. A mão que segurava o bisturi se afastou da garganta de Justine e foi imediatamente para a sua. George soltou Justine e, com os olhos arregalados, ela se levantou.

"Saia do caminho!" A Dra. Shaw gritou enquanto corria em direção a ele. Ela era tão grossa que ele teve que contorná-la, e aí já era tarde demais.

"Isso é apenas um sonho", sussurrou George, e então enfiou o bisturi profundamente em seu pescoço, logo abaixo da orelha. Seus olhos se arregalaram e Andrew se lançou contra ele. Ele agarrou a mão do homem, tentando desesperadamente não permitir nenhum dano adicional. Felizmente, era a mão fraca de George, a mão transplantada, e Andrew conseguiu tirá-la do pescoço do homem.

Jogando a lâmina no chão, ele colocou as duas mãos sobre o ferimento, que já havia borrifado seu rosto e pescoço com sangue quente.

Ele se voltou para Justine.

"Pegue a gaze! Pegue a gaze e as suturas!", ele gritou para ela. Por um segundo, o rosto rechonchudo dela ficou olhando para ele. "Agora! Pegue a..."

Mas, de repente, uma mão subiu e agarrou sua garganta, e dessa vez não era a mão fraca de George.

Era seu ponto forte.

Ofegante, Andrew se virou de volta para o homem, olhando para seu rosto cheio de pontos. Seus olhos estavam ardentes, seu ódio era palpável.

Naquele momento, ele se viu diante de duas opções: tirar as mãos do ferimento do homem e permitir que ele sangrasse e rasgasse a mão de George que estava esmagando seu esôfago, ou manter a situação como estava e realizar seu sonho.

George nunca mataria. Isso tinha que ser outra coisa - outra pessoa.

Talvez Vincent? Ou Julia? Julia ficava muito má quando não tinha sua dose.

Quando sua visão começou a se estreitar, um sorriso surgiu no rosto do Dr. Andrew Shaw.

Há alguém dentro de mim.

Capítulo 25

"Você já ouviu pensamentos que não eram seus? Você já pensou que havia outra pessoa dentro de sua cabeça?"

Robert fez uma careta com os dentes cerrados. Seus olhos estavam arregalados, fixos na lâmina que o Dr. Shaw estava aproximando cada vez mais de sua panturrilha nua. O torniquete logo abaixo do joelho havia anestesiado a metade inferior da perna, mas a simples visão daquele bisturi brilhante fez seu coração disparar. Ele mal ouvia as palavras que o médico dizia; estava preso ao medo e tentando entender tudo.

"Você - você prometeu que deixaria meus amigos irem embora", ele conseguiu sussurrar. "Faça o que quiser comigo, mas você tem que deixá-los ir. Eles não merecem morrer aqui."

O Dr. Shaw deu uma risadinha.

"Prepare a gaze, Justine." Então, para Robert, ele disse: "Veja, esse é o problema com pessoas como você: você não sabe o que significa deixar-se realmente livre. Para ver o -"

De repente, um olhar distante passou pelos olhos do Dr. Shaw e seu bisturi pairou no ar. Robert reconheceu instantaneamente a expressão.

"-A medula?", disse ele suavemente, terminando a frase do médico por ele.

O olhar de felicidade no rosto do Dr. Shaw se transformou em um olhar de choque antes de se transformar em um sorriso.

"Oh, você é um conhecedor, não é? Fui avisado sobre você... o Bode avisou sobre você".

Robert engoliu em seco. As várias menções ao Bode estavam, de alguma forma, tornando-o mais real. Quando James Harlop ameaçou pela primeira vez que ele estava chegando, ele pensou que eram apenas as divagações de um louco prestes a morrer pela segunda vez.

Mas agora...

O que diabos é o bode?

Por alguma razão, no entanto, Robert sabia que aquilo tinha algo a ver com a fenda no céu... a abertura e os gritos que ecoavam pela Medula.

"O que é o... *bode*?", ele sussurrou.

O Dr. Shaw balançou a cabeça e sua expressão se endureceu. Claramente, ele também estava com medo do bode.

"Segure-o, Justine."

As mãos da mulher apertaram a cabeça dele, prendendo-a no lugar. Embora seus braços e pés estivessem amarrados, ficou claro que elas não queriam correr o risco de ele morder nenhum deles. As mãos de Justine estavam frias e úmidas em sua pele, mas não se pareciam em nada com as de James Harlop.

Ele tinha certeza de que ela estava viva. Quanto ao Dr. Shaw, no entanto...

"Meus amigos", sussurrou Robert.

O Dr. Shaw abaixou a lâmina até que ela estivesse a apenas alguns centímetros de sua panturrilha.

"Eu lhe fiz uma pergunta, Robert Watts."

Robert, com os dentes ainda cerrados e a testa encharcada de suor sob as mãos de Justine, não conseguia se lembrar do que exatamente o homem havia perguntado. Ele ficava olhando para a porta, esperando que o rosto de Cal aparecesse na janela, ou o de Shelly.

A linda Shelly, com a boca suja, que o salvou quando ele tinha certeza de que Patricia Harlop iria colocar as mãos nele.

Mas não havia ninguém lá - ninguém iria resgatá-lo dessa vez. Havia apenas escuridão.

Se ele quisesse sair dali vivo, teria que se ajudar.

"Perguntei se você já sentiu que há outra pessoa dentro de sua cabeça. Dizendo a você o que pensar? O que dizer?"

Robert pensou sobre isso por um momento, sobre como ele não estava agindo como ele mesmo. Ele tinha se irritado rapidamente, como Cal havia dito. E toda a situação com Jacky... era tão diferente dele.

Mas mesmo quando ele estava sob o controle da Harlop Estate e da família Harlop, ainda era ele que estava realizando essas ações.

O Dr. Shaw ficou impaciente e não esperou por uma resposta.

"Bem, eu tenho, Robert. Desde que me lembro, há outra pessoa em minha cabeça. E não consigo tirá-lo de lá, porque ele também está" - com a mão que não segurava o bisturi, o Dr. Shaw puxou a frente da camisa para baixo, revelando a parte superior de uma cicatriz grossa e rosada - "aqui dentro".

E com isso, o médico baixou o bisturi na parte de trás da panturrilha de Robert. Ele sentiu uma dor aguda, mas com as mãos que apertavam sua testa, ele não conseguia ver exatamente o que estava acontecendo.

Mas ele sentiu isso.

Um grito borbulhou em sua garganta e depois ecoou na pequena sala, ameaçando ensurdecer a todos. Robert tentou se contorcer, tentou de tudo para se libertar, mas as mãos de Justine e as tiras de couro eram fortes demais.

Um líquido quente encharcou sua perna, e ele sabia que o homem estava removendo sua panturrilha.

"Por favor!", ele gritou com a visão lacrimejada. "Por favor, meu Deus, deixe-me sair daqui!"

O Dr. Shaw não respondeu; ele permaneceu concentrado em sua tarefa.

Robert apertou os olhos com força, mordendo a parte interna do lábio com tanta força que sentiu o gosto de sangue. A escuridão ameaçou dominá-lo, mas ele a afastou.

Shelly e Cal estavam aqui em algum lugar, e ele tinha que salvá-los. Ele tinha que encontrar uma saída.

Robert forçou-se a hiperventilar, tentando de tudo para permanecer consciente enquanto o Dr. Shaw realizava qualquer cirurgia infernal que estivesse fazendo lá embaixo.

O tempo passou, um tempo que se estendeu, da mesma forma que havia acontecido na propriedade Harlop. Robert, desorientado, não tinha ideia se havia passado uma hora ou dez minutos.

Por fim, no entanto, ele sentiu uma pressão ser liberada na parte de trás da perna, como se uma carga pesada tivesse sido removida. Isso foi rapidamente seguido por um aperto incrível que se estendia por toda a canela.

Ele está me costurando agora. Está quase na hora.

O belo rosto de Shelly, com os lábios vermelhos demais em um beicinho, movendo-se para um beijo, passou em sua mente.

Não pode ser assim. Eu não vou permitir.

Um plano banal começou a se formar em sua mente. Um plano que era tão perigoso quanto tolo.

E insano; provavelmente era um pouco insano.

Mas com as tiras de couro e as mãos grossas de Justine em sua cabeça, ele não conseguia pensar em nenhuma maneira de sair daqui... pelo menos não no mundo físico.

Mais tempo se passou e, por fim, Justine soltou a cabeça dele e começou a mexer em uma seringa.

"Sinto muito pela dor, Robert. De fato, eu sinto. Mas não há muitas drogas disponíveis e, às vezes..." Ele deixou a frase se arrastar.

As pálpebras de Robert começaram a tremer e, como era de se esperar, o Dr. Shaw se aproximou dele. Ele estava segurando algo na mão, algo que parecia um ombro de porco, direto do açougue. Só que era menor e muito familiar.

Robert desviou a cabeça da visão macabra.

"Robert", disse o Dr. Shaw, aproximando-se ainda mais. "Preciso que você veja isso. Você deveria estar orgulhoso; você vai fazer parte de algo..."

Robert esperou até que o homem estivesse tão perto que ele pudesse sentir o cheiro do suor que emanava por baixo do jaleco. Então, ele se virou rapidamente para trás, com os olhos voltados para frente.

Embora seus pulsos estivessem amarrados, suas mãos ainda tinham bastante mobilidade. Robert esticou os dedos o máximo que a cinta permitia e, em seguida, prendeu a mão no pulso do Dr. Shaw.

Os olhos do homem se arregalaram imediatamente e depois começaram a ficar pretos. Ele tentou se afastar, mas o aperto de Robert era como ferro.

"Justine! Justine!", gritou o médico, mas já era tarde demais. Seu olhar se voltou para Robert. "O que você fez?"

Robert o segurou com firmeza e, enquanto olhava para os olhos negros do homem, começou a ver pequenas manchas brancas.

Pequenas e ondulantes ondas de neve.

Estou voltando...

PARTE III - Um retrato de Amy

Capítulo 26

"O que você acha que eles estão fazendo com ele?" Cal perguntou suavemente. Houve uma longa pausa e, por um segundo, ele pensou que talvez Shelly tivesse adormecido. Sua mão estendida a alcançou no escuro. Ela roçou em seu cabelo e ele instintivamente a puxou para trás.

"É você?", perguntou ela.

"Sim, só queria ver se você ainda estava acordada. Perguntei se você sabia o que estavam fazendo com ele."

Shelly suspirou, com uma expressão de dor.

"Que se dane se eu sei."

Cal sentiu as lágrimas surgirem, mas as forçou a sair.

Aquela coisa - aquela abominação - os havia levado para sua própria cela e ordenado que entrassem. Eles não tiveram escolha a não ser abrir mão de suas lanternas, pois era tudo o que podiam fazer para evitar serem tocados pela criatura apodrecida que Justine chamava de George, entre todas as coisas.

O nome, embora inadequado, tinha um toque estranhamente familiar.

Depois, o monstro prontamente os deixou sozinhos no escuro. Para esperar... Cal não conseguia nem imaginar pelo quê.

"Você tem seu celular?"

"Não. Acho que deixei cair."

Cal mordeu o lábio e esperou. Ele tinha a suspeita de que Shelly havia desistido, que iria simplesmente rolar e morrer. As respostas dela eram curtas, abreviadas, imediatamente seguidas de exalações pesadas.

Isso o lembrou, estranhamente, de quando seu amigo Mike morreu.

Cal não queria nada mais do que ter alguma fonte de luz para poder olhar em seus olhos. Para ver o que havia lá... *bem lá no fundo.*

Ele engoliu com força e afastou os pensamentos mórbidos.

Shelly era sua amiga, e recuperar aquele sentimento de todos aqueles anos atrás não valia o preço que ela teria de pagar... valia?

"Você se lembra do nome do médico? Aquele que foi, uhh, morto?"

"Mansfield ou algo do gênero."

"Seu primeiro nome? Era George?"

Houve outra pausa, e Cal esperou pacientemente. Além da respiração deles, o resto da sala estava felizmente em silêncio. Se eles não ouvissem nada por mais alguns minutos, Cal tinha se convencido de que iria procurar na escuridão com as mãos, tentando encontrar

alguma saída. Ou algo que pudesse usar para tirá-los dali.

Mesmo com coisas como George à espreita no Seventh Ward.

"Sim", disse Shelly por fim. "Acho que foi... você não acha - espere, você acha que aquela *coisa* é..."

"Não sei", admitiu Cal com um encolher de ombros. "Mas você viu o rosto dele... era - porra, eu não sei, eram várias pessoas costuradas juntas."

Só de pensar na visão das horríveis suturas que cruzavam as bochechas e a boca do homem já era suficiente para provocar um estremecimento involuntário.

"Talvez... mas o que isso importa, Cal? Estamos presos aqui, enquanto eles estão torturando o Robert. Enquanto ficamos sentados aqui no escuro esperando para morrer... para sermos levados para o Marrow. Para apodrecer por toda a eternidade."

"Morrer? Eu não vou morrer, Shelly. Vou mandar essa abominação para..."

"Eu disse a vocês para levarem isso a sério, eu disse a vocês, *porra*", interveio Shelly.

Cal estendeu a mão com a intenção de abraçá-la, mas errou e acabou atingindo-a no ombro. Para sua surpresa, ela realmente se inclinou para ele. Ela cheirava a suor, mas Cal não se importou. Ele a abraçou com força por um momento, saboreando o contato humano. As costas dela se encolheram ligeiramente, mas depois ela pareceu se enrijecer e se afastou dele.

"Você está certo, Cal. Não estou desistindo. Que se dane isso."

Cal sorriu na escuridão.

"Vamos procurar o Robert, então", disse ele.

"Porra, eu me esqueci completamente", disse Shelly com entusiasmo. A mudança de atitude dela foi tão repentina que Cal sentiu seu rosto se aquecer.

Foi o fato de me abraçar que fez isso? Foi isso?

"O quê? O que é isso?"

Ele ouviu algumas remexidas, depois um zíper sendo aberto, mas Shelly ainda não respondeu.

"O quê?", perguntou ele novamente, com o ritmo cardíaco acelerado.

Então, ele ouviu outra coisa - um som estranho de clique que não reconheceu.

"Shelly, o que você está fazendo?"

Mas suas palavras foram interrompidas quando a cela foi subitamente inundada por uma luz brilhante. Cal instintivamente levantou o antebraço para proteger o rosto e se encolheu diante do fogo.

Piscando rapidamente, seus olhos lentamente se ajustaram o

suficiente para ver o rosto sorridente de Shelly.

"Eu me esqueci completamente do maçarico", disse ela, com um sorriso crescente. "Vamos explodir nosso..."

"Espere", interrompeu Cal, "eles levaram nossa lanterna e o pé de cabra, mas não levaram sua mochila?"

"Gênios malditos eles não são", respondeu Shelly, ainda sorrindo. "Provavelmente nem mesmo..."

Mas uma pequena voz vinda de trás deles apagou a expressão instantaneamente.

"Você o viu?", perguntou a voz.

Shelly girou o maçarico tão rapidamente que ele fez rastros na visão de Cal.

Embora o maçarico fosse incrivelmente brilhante, ele não se espalhava bem e, embora pudessem ver uma cama de madeira antiquada coberta por um lençol a alguns metros deles, não conseguiam ver quem havia falado.

Então a voz falou novamente, e Cal congelou.

"Você viu minha orelha?"

Shelly moveu o maçarico em direção à voz do homem novamente, inclinando-se para frente com hesitação. Um homem saiu das sombras e um grito ficou preso na garganta de Cal.

Capítulo 27

Ondas... ondas que quebram suavemente...

Os olhos de Robert Watts se abriram lentamente e ele se viu de volta ao lugar para o qual desejava tão desesperadamente retornar.

Ele estava nas margens do Marrow - só que, desta vez, ele não era apenas um observador, como havia sido quando foi agarrado por James Harlop no porão da Harlop Estate. Agora, depois de passar os dedos ao redor do braço do Dr. Andrew Shaw, ele estava realmente *aqui*.

Robert estava de pé, com os pés afundando lentamente na areia quente e macia. Ele olhou para os dedos dos pés e, em seguida, levantou-os lentamente de uma só vez, deleitando-se com a sensação incrível da areia que se espalhava entre e sobre o topo de seu pé. Parecia uma bola de veludo em miniatura caindo em cascata sobre sua pele.

Um suspiro escapou de sua boca, um som que parecia ter uma viscosidade, saindo do orifício aberto e movendo-se lentamente pelo ar. Ele levantou o olhar e observou enquanto o som se afastava dele, mas acabou desaparecendo, deixando-o olhando para as incríveis ondas. As ondas, suaves, porém poderosas, batiam na costa cor de leite e café, a apenas dois metros de onde ele estava.

Ele deveria estar com medo; com base em tudo o que havia lido, em tudo o que Shelly havia lhe contado, ele deveria estar com muito medo, até mesmo aterrorizado, com a perspectiva de nunca mais voltar para casa. Mas ele só sentia uma emoção penetrante: realização pura e inadulterada. Era como se alguém tivesse introduzido sem dor um cateter em seu coração e o tivesse enchido de amor.

As ondas eram hipnotizantes e ele as observava enquanto elas quebravam na costa, todas aparentemente idênticas. Ele observava para ver se elas mudavam, se havia alguma diferença sutil baseada em correntes de ar ou de água invisíveis, ou no movimento de peixes ou vegetação que estavam escondidos fora de vista sob as águas azuis cristalinas. Era impossível, ele sabia; as ondas *tinham* que ser diferentes. Mas não importava quanto tempo ele observasse - o que poderia ter variado de alguns segundos a horas - elas eram todas idênticas, quebrando exatamente ao mesmo tempo, espumando exatamente à mesma distância na areia aveludada.

Por alguma razão, Robert se sentiu compelido a se mover e levantou o pé direito da areia, quase tonto com a sensação dos minúsculos grânulos grudados em sua pele nua. Depois que a tensão superficial se rompeu, seus pés pareceram deslizar e, em segundos, ele se viu na praia. Ele se agachou e estendeu as mãos, com a intenção de segurar o Mar de Medula em suas mãos, para ver se conseguia quebrar

a simetria hipnótica de tudo aquilo, mas antes que elas tocassem a água, uma voz o chamou e ele congelou.

Era uma voz que ele não ouvia há alguns meses, mas que conhecia bem.

Era a voz de sua falecida filha de nove anos, Amy.

"Papai? É você, papai? Está escuro aqui, papai." A voz dela estava tensa e totalmente fora de lugar nesse mar sagrado de serenidade. Robert recolheu as mãos e seu coração começou a acelerar. "Papai? Você me prometeu que aqui seria lindo, que seria..."

"Amy!", ele disse, sem conseguir se controlar. Seus olhos examinaram desesperadamente as ondas, tentando encontrar Amy em algum lugar. Mas ele não viu nada diferente de alguns momentos atrás. As lágrimas começaram a escorrer por seu rosto. "Amy?", ele perguntou novamente, com a voz mais desesperada agora.

"Papai, por favor..."

Então algo aconteceu - algo que já havia acontecido antes.

Algo não estava certo no Marrow.

O céu, cheio de nuvens macias e fofas e luz solar suave e quente, de repente cintilou. E então um relâmpago dividiu a atmosfera, sua aparência surpreendente durante o que ele considerava o dia perfeito de verão. Era como se o local fosse alimentado por uma lâmpada incandescente barata, que acendia e apagava, tornando-se menos luminosa a cada oscilação.

"Amy!", gritou ele, levantando-se.

Mas antes que ele pudesse terminar a palavra, o sol se apagou de repente. Em seu lugar, as nuvens se transformaram em chamas agitadas, um estranho caldeirão de fogo borbulhante logo acima de sua cabeça. Com a respiração ofegante, Robert tentou dar um passo para trás, mas não conseguiu - seus pés pareciam estar presos. Seus olhos se voltaram para baixo e ele gritou.

A areia, momentos antes tão macia e convidativa, havia se tornado um alcatrão preto e espesso, agarrando seus pés e tornozelos. Parecia até estar se movendo - não apenas borbulhando e fervendo, mas ele achava que podia ver *mãos* na lama. Coisas retorcidas e horríveis que se formavam e depois se rompiam, algumas delas formando punhos, outras o alcançando, estourando e caindo apenas alguns centímetros antes de fazer contato.

"Que merda!", gritou ele, tentando soltar os pés. Com um puxão incrível, seu pé direito se soltou e ele deu um passo largo, mas antes mesmo de colocá-lo no chão novamente, uma mão se formou, levantou-se e agarrou seu calcanhar, puxando-o de volta para o chão lamacento.

"Não!"

Um relâmpago iluminou o céu, uma explosão incrível, atraindo seu

olhar para cima. As chamas ainda estavam lá, mas agora ele podia ver contornos distintos nelas.

Rostos... está cheio de rostos.

Enquanto ele observava, horrorizado, os rostos aumentavam de tamanho, com seus contornos flamejantes mascarando sua própria expressão: bocas largas, narinas dilatadas, olhos esbugalhados. Eles entravam e saíam de foco, subindo à superfície e depois recuando novamente. Robert, sem acreditar no que estava vendo, piscou rapidamente, tentando clarear a visão. Mas cada vez que abria os olhos novamente, ele poderia jurar que havia mais e mais rostos aparecendo e desaparecendo, o nariz de uma pessoa se tornando o olho de outra, a boca de uma pessoa se tornando a orelha de outra.

Até que ele pudesse ver milhões dessas expressões torturadas se estendendo pela extensão infinita do mar.

"Bem-vindo, Robert", disse de repente uma voz baixa e grave atrás dele. "Eu estava esperando por você."

Com o suor escorrendo por todo o corpo, Robert se virou com força, arrancando os pés da lama. As mãos que o mantinham enraizado se soltaram inesperadamente, e ele girou, ficando de joelhos e com as mãos para cima.

Robert ergueu lentamente o olhar, com a respiração curta.

Havia um homem com uma jaqueta jeans desbotada a apenas alguns metros dele. Ele usava um chapéu preto de abas largas e abaixado, o que lhe projetava uma sombra sobre o rosto, e estava sentado em cima de uma pedra - que ele reconheceu imediatamente.

Ele não precisou ver as letras gravadas na rocha para saber que aquela era a lápide de Patricia Beatrice Harlop.

"Quem é você?" Robert sussurrou.

Capítulo 28

"**Não se aproxime mais**", advertiu Shelly, balançando o maçarico à distância de um braço. Cal se encolheu atrás dela, olhando por cima de seu ombro esquerdo, com os olhos arregalados. "Se você chegar **mais** perto, eu o incendeio, eu juro."

Era difícil avaliar a reação do homem, em parte porque ele parecia confuso, mas principalmente porque não tinha a metade esquerda do rosto.

"Eu... eu...", começou o homem, indo em direção a eles novamente.

Shelly estendeu ainda mais o maçarico.

"Pare!", gritou ela, e o avanço do homem cessou imediatamente. Por quase um minuto inteiro, nenhum deles se moveu. Na verdade, era difícil dizer se algum deles sequer respirava; o único som na sala era o assobio do maçarico.

Cal usou a pausa momentânea para observar seus arredores.

O quarto era pequeno, quadrado, com as paredes cobertas de tinta bege descascada. Havia a cama no centro e o que poderia ter sido uma janela nos fundos, agora coberta com um pedaço grosso de compensado. E então havia o homem. Ele era jovem, talvez com trinta e poucos anos, vestido com um agasalho cinza. Tinha cabelos castanhos curtos e uma barba bem cortada. Mas seu rosto era horrível, rivalizando até mesmo com a abominação que era George. O lado esquerdo havia sido completamente removido, revelando uma rede nojenta e brilhante de tecido fibroso. O olho daquele lado estava faltando, em seu lugar havia um buraco preto dentro do qual ele costumava ficar.

Cal sentiu uma onda de náusea atingi-lo, mas lutou contra a vontade de vomitar, sabendo que, se a fina camada de calma que envolvia essa quiddidade se rompesse, o maçarico na mão de Shelly, por mais ameaçador que fosse com sua chama branco-azulada, não os salvaria.

Ele engoliu com força, um ato simples que pareceu reanimar o homem. O lado de seu rosto que ainda tinha pele, o lado que ainda era *humano*, caiu.

Cal pensou que talvez ele estivesse franzindo a testa, ou fazendo uma careta, mas era impossível dizer com certeza.

"Sinto muito", disse ele suavemente, baixando o olho bom.

Cal sentiu Shelly ficar tensa diante dele e pensou que talvez ela estivesse perdendo a coragem. Ele apertou as laterais do corpo dela gentilmente, encorajando-a silenciosamente.

"Quem é você?", ela gaguejou.

O olho se ergueu novamente e se voltou para Shelly e Cal.

"Meu nome é Danny Dekeyser", respondeu ele simplesmente.

"O que você está fazendo aqui?"

O homem deu de ombros e parecia que ia dar um passo à frente novamente, mas Shelly empurrou a tocha e ele parou.

"Eu estava limpando... eu estava limpando e então..." Sua voz se arrastou. Sua mão foi lentamente até o rosto, sondando gentilmente a pele que faltava, o soquete vazio. "Então *ela* me pegou."

Cal estremeceu.

Ele não precisava de explicações sobre o que era.

George.

De repente, o maçarico se apagou e ele ouviu Shelly arfar. Ela se aproximou e mexeu no botão de gás e, felizmente, o maçarico voltou à vida antes de apagar.

O tempo estava se esgotando, Cal sabia. Ele não tinha certeza de quanto gás, propano ou o que quer que fosse que ainda restava da tocha, mas não imaginava que fosse muito.

E eles ainda tinham que usá-la para arrancar as dobradiças da porta, para sair daqui, para pegar Robert e levá-lo para o mais longe possível do Hospital Pinedale - a Sétima Ala - conforme suas pernas gordinhas o levassem.

Ele decidiu fazer as coisas com suas próprias mãos.

"O que você quer?", perguntou ele, tentando, mas não conseguindo, parecer assertivo.

Isso pareceu confundir Danny por um momento, e ele ficou parado, com o lábio inferior trêmulo.

"Eu só quero ir para casa", disse ele por fim, e Cal sentiu uma súbita tristeza pelo jovem. Ele se lembrou imediatamente de Patricia Harlop, que era tão magra que, como esse homem, suas maçãs do rosto pareciam não ter pele. E como ela estava confusa, presa em um lado quando obviamente pertencia ao outro.

Que ela pertencia à Marrow.

Cal não tinha certeza do que dizer em seguida. Evidentemente, Shelly também não sabia, pois também permaneceu em silêncio.

Depois de um momento, Danny repetiu a frase, só que dessa vez sua voz tinha uma qualidade desesperada que não havia antes.

"Casa... Eu só quero ir para casa."

Shelly limpou a garganta.

"Nós podemos ajudá-lo", ela sussurrou. "Podemos ajudá-lo, mas primeiro precisamos sair desta sala - sair da Sétima Ala".

Apenas a menção da "Sétima Ala" parecia fazer o homem recuar.

Cal se lembrou da visão e do cheiro horríveis da criatura que Justine havia chamado de George, e agora foi a vez dele de estremeecer.

"Você pode me ajudar a ir para casa?", perguntou ele, com a voz tão baixa que Cal teve que se esforçar para ouvi-lo por causa do som

do maçarico.

Shelly acenou com a cabeça.

"Sim, podemos ajudá-lo, mas temos que sair daqui primeiro."

O homem olhou para cima novamente.

"Você pode ajudar a todos nós?"

Um calafrio subiu e desceu pela espinha de Cal.

Todos?

Como se fosse uma deixa, as sombras em ambos os lados de Danny Dekeyser começaram a tremer e a se mover. Um segundo depois, outros começaram a dar um passo à frente, todos com os olhos baixos.

Dessa vez, Cal conseguiu abafar o grito, mas as mãos que agarravam as laterais de Shelly se apertaram com tanta força que ela ofegou.

Capítulo 29

"Estou surpreso por você não me reconhecer, Robert Watts", disse o homem de chapéu preto, com um toque de sarcasmo na língua.

Robert ficou olhando.

O homem levantou a mão lentamente e, por um momento, Robert pensou que ele fosse puxar o chapéu para trás, revelando seu rosto, e uma repentina repulsa tomou conta dele. Em seguida, o homem deu uma risada, um som horrível e áspero que só piorou sua náusea.

As entranhas de Robert se agitaram.

Em vez de levantá-lo, o homem puxou o chapéu ainda mais para baixo, a sombra que antes mostrava seu queixo agora cobria também os botões superiores de sua jaqueta jeans.

"Já me chamaram de muitas coisas ao longo dos anos, Robert. Agora me chamo Leland, Leland Black, mas algumas pessoas ainda insistem em me chamar de Bode."

O homem esperou e Robert sentiu um calafrio percorrê-lo.

O bode está chegando...

E então ele se lembrou de sua discussão com a entidade on-line conhecida como LBlack.

Seu coração disparou.

Como é que eu não percebi a conexão antes? Será que esse homem está me perseguindo? Como? Por quê?

Essas e outras perguntas ficaram circulando no cérebro de Robert.

"O que você quer de mim?", ele disse, ainda tentando, e falhando, em aceitar tudo isso.

Novamente, o homem deu uma risadinha.

"Você veio até mim, lembra-se? O que você quer?"

Robert refletiu sobre isso por um segundo.

Respostas... Eu quero respostas.

"Minha filha, Amy, ouvi sua voz..."

"Ah, sim, nove anos de idade? Cabelo loiro? Mais ou menos do mesmo tamanho?"

Robert engoliu com força.

"Se você a machucar..."

Leland riu novamente.

"Ela não está aqui, Robert - pelo menos não agora. E, além disso, eu nunca machucaria uma família. Mas há mais alguém aqui... alguém que não está feliz por você tê-lo levado do outro mundo."

O homem esperou ansiosamente, e então uma imagem de James Harlop apareceu na mente de Robert. Ele balançou a cabeça, tentando limpar a imagem repentinamente vívida do homem, completa com o buraco aberto e irregular sob o queixo.

De repente, outra voz interrompeu os gritos e gemidos onipresentes

acima.

"Ainda não terminei com você!", gritou a voz, a voz de James.

"Então, Robert", continuou Leland, "acho que é do seu interesse me dizer por que você está aqui..."

Como antes, uma imagem me veio à mente de repente. A imagem de Sean Sommers, com seu terno preto e paletó azul-marinho.

Se Robert pudesse ter visto o rosto do homem de jaqueta jeans, não teria ficado surpreso se ele estivesse sorrindo.

"Ah, eu deveria ter percebido... deveria ter percebido que essa era a intromissão de Sean."

A expressão de Robert tornou-se uma máscara de confusão. Ele tinha certeza de que não havia dito nada em voz alta.

O tempo diminuiu enquanto os ombros do homem pareciam cair em sua estrutura robusta.

"A pergunta é: o que *Sean* quer com você? Não pode ser apenas para enviar psicopatas como James Harlop para cá, pode? Vou admitir que ele foi corajoso em mandar *você*, entre todas as pessoas, para este lugar."

Robert se levantou, limpando a lama das mãos em suas coxas nuas.

"Podemos perguntar a ele juntos, talvez".

"Ele está... ele está aqui?"

Leland riu.

"Não, não agora. Mas ele será. Eventualmente, todos atravessam a Medula, Robert." O homem fez uma pausa, depois continuou, com a voz mais séria agora. "O que você sabe sobre Sean, Robert? O que você sabe sobre Sean, Robert? Você me olha com tanto desgosto, desdém, que me faz pensar se você olha para ele da mesma forma? Hmm? O que você *realmente* sabe sobre ele?"

A resposta era óbvia.

Ele não sabia nada sobre Sean Sommers.

"Bem, então. Vamos esperar. Afinal, eu tenho todo o tempo do mundo. Você, por outro lado..."

De repente, Robert sentiu uma dor aguda na parte de trás da perna esquerda e olhou para baixo.

"Oh, Deus", ele murmurou.

Sua panturrilha esquerda estava quase totalmente destruída, e o sangue escorria do ferimento, encharcando a parte de trás da perna. No local em que escorria para o chão, a superfície lamacenta parecia espumar com entusiasmo. O choque do sangue o fez cambalear e ele caiu de bunda no chão.

Que lugar é esse?

Robert olhou para cima novamente e ficou surpreso ao ver que Leland estava acima dele. Ele tentou se afastar, mas as mãos enlameadas estavam de volta, segurando-o no lugar.

Leland se inclinou lentamente, com o chapéu ainda abaixado. Então, ele estendeu a mão e Robert fez o possível para recuar.

Não adiantava; ele parecia enraizado no lugar, com cada um de seus músculos em convulsão, como se estivesse com tétano.

A mão do homem se esticou e depois agarrou sua panturrilha ferida.

A dor irrompeu por todo o seu corpo e, de repente, não era apenas o céu acima que estava envolto em chamas, mas ele também.

"Vamos apenas esperar, Robert. Esperar..."

Mas então algo aconteceu.

O céu se iluminou com um relâmpago novamente e a cabeça de Leland se ergueu, revelando, pela primeira vez, seu rosto.

Robert gritou. Mesmo quando o contorno de Leland Black começou a se desvanecer, o céu acima se iluminando, o fogo se extinguindo, ele gritou.

"Não! Não! *Não!*" rugiu Leland.

Robert Watts continuou a gritar, mesmo quando seu corpo foi lentamente devolvido à terra dos vivos.

Capítulo 30

Cal contou seis quiddity, mas, pelo modo como eles se moviam para dentro e para fora das sombras, poderia facilmente haver o dobro desse número.

Havia Danny, outro jovem mais ou menos da sua idade que não tinha parte do peito, uma mulher magra usando uma camiseta tão apertada que ele podia ver todas as curvas de seu amplo e único seio e as marcas de pegadas que salpicavam a parte interna de seus braços como dezenas de picadas de abelha. Havia também a mulher velha e nua, que de vez em quando caía na gargalhada. Havia também um homem negro baixo, sem um braço, e uma montanha de homem, que se parecia com George, mas ao mesmo tempo não se parecia; ele estava mais *inteiro*. Ainda assim, ele tinha que se apoiar por causa da falta de uma perna.

Cada um deles é uma alma torturada presa entre mundos.

"Nós vamos... vamos ajudar todos vocês a voltar para casa", disse Cal, hesitante.

Danny se voltou para as pessoas ao seu redor. Houve uma espécie de troca silenciosa, e Cal teve a suspeita de que o destino deles dependia do que fosse dito... ou não dito.

"E então?" Shelly perguntou com impaciência. "Temos um acordo ou não? Vocês ficam aí, me deixam derrubar essa porta e depois voltamos para buscá-los."

Danny acenou com a cabeça.

"Nós apenas... nós apenas queremos..."

"- Sim, nós entendemos. Você só quer ir para casa. Porra, não queremos todos?"

Cal fez uma careta diante da franqueza de Shelly. Ainda assim, o que isso importava agora? Se essas quiddity quisessem atacá-los, se apegar a eles, tocá-los, molestá-los, fazer a porra que quisessem, um maçarico de mão não iria salvá-los.

"Ótimo", disse Shelly de repente. "Agora vou me virar e começar a trabalhar nessa porta, e o Cal aqui vai ficar de olho em vocês. Qualquer um de vocês se dirige à porta e..."

Novamente, Cal ficou incrédulo.

"Humm, Shelly, eu nem mesmo-" *tenho uma lanterna*, ele ia dizer, antes que Shelly enfiasse o cotovelo em sua lateral. Ele grunhiu e, pela primeira vez, ficou grato pelo pneu sobressalente que praticamente cobria todo o seu corpo.

Em seguida, ela se virou rapidamente, girando com imprudência. Cal teve que se inclinar para trás para não se queimar com a tocha.

Shelly começou a trabalhar com a confiança de um mecânico experiente, colocando a chama quente contra a dobradiça superior da

grossa porta de metal.

No início, Cal ficou apenas olhando para a escuridão atrás deles, aquela que ele sabia que continha a quantidade de pelo menos seis pessoas. Mas isso era incrivelmente enervante, e ele sentiu que estava começando a ceder. Embora a sala estivesse quase totalmente escura, ele se convenceu de que podia ver algumas sombras se movendo, pulsando para frente e para trás.

O que ele deveria fazer? Mesmo que eles estivessem subitamente sobre ele, se ele pudesse vê-los, o que ele poderia fazer?

Shelly tinha razão; eles não sabiam nada sobre essas pessoas - não tinham nenhum livro, máscara de gás ou atizador de lareira para prendê-los.

Eles estavam realmente desamparados.

Em vez de enlouquecer com coisas fora de seu controle, ele se voltou para Shelly. Ela havia trabalhado rapidamente com a primeira dobradiça e agora estava trabalhando na segunda. Apesar de sua aparência robusta, aparentemente os arquitetos da Seventh Ward não haviam considerado pacientes psiquiátricos com ferramentas em chamas.

A luz era tão brilhante, em tal contraste com o espaço atrás deles, que Cal teve de desviar o olhar quando a chama lambeu a dobradiça de metal. Ele estava admirado com o fato de Shelly ser capaz de estar tão perto quanto ela estava, já que as faíscas se espalhavam a pelo menos 30 centímetros do ponto de contato.

Havia muita coisa que ele não sabia sobre seu sexy compadre caça-fantasmas, ao que parecia.

Ela afastou a chama da porta por um momento.

"Cal, coloque as duas mãos na porta", ela instruiu, e Cal obedeceu imediatamente.

A porta era fria ao toque, e ele percebeu nitidamente que estava se apresentando para a quiddity atrás dele. Sentiu-se como se estivesse sendo admitido em uma prisão sobrenatural.

"E agora?"

Shelly desligou o maçarico de repente e, depois que o traço em seus olhos desapareceu, eles estavam novamente imersos na escuridão.

"Solte-me", ela sussurrou.

"Soltar?"

"Solte", repetiu Shelly.

"Que se dane, e depois?"

"Então vamos correr, Cal. Corra o mais rápido que puder".

Capítulo 31

Os olhos de Robert se abriram e praticamente saltaram de sua cabeça, com um grito preso em sua garganta. Ele ainda podia sentir o cheiro de sua própria carne queimada onde Leland o havia agarrado.

O que aconteceu? Como eu voltei?

Ele olhou rapidamente ao redor e percebeu que Justine e o Dr. Shaw já haviam saído da sala, deixando-o quase na escuridão. Ele esticou o pescoço, tentando se sentar, mas sua cabeça caiu novamente.

As correias em seus pulsos e tornozelos ainda estavam firmemente amarradas.

Robert fechou os olhos e tentou entender o que havia acontecido, mas tudo o que ele viu foram os rostos no céu em chamas, rostos que acabaram se transformando em um que ele reconheceu: O de Amy.

Ajude-me, papai, você prometeu...

Lágrimas escorreram por seu rosto e ele começou a soluçar.

Como passei de uma mudança para uma nova casa com Wendy e Amy para aqui? Para ser amarrado em uma maca na Sétima Ala de um hospital abandonado, indo e voltando entre os vivos e os mortos?

Mas ele sabia; ele sabia como tinha chegado até aqui.

Isso foi obra de Sean Sommers.

As palavras de Leland de repente ecoaram em sua cabeça: *O quanto você realmente sabe sobre ele? Sobre Sean?*

Robert ouviu um som de arranhão e seus olhos se abriram imediatamente.

Havia alguém bem ao lado dele mexendo na pulseira de couro em seu pulso direito.

"Que porra é essa?" Robert sussurrou, tentando novamente se afastar.

O homem olhou para ele com olhos tristes e pesarosos. Ele era mais ou menos da altura de Robert, talvez um pouco mais alto, e tinha estatura mediana. Seu rosto era anguloso e ele tinha óculos apoiados no peito de seu jaleco branco.

"O que você está fazendo comigo?" Robert sussurrou.

"Desculpe, mas você estava tremendo e eu... e eu..." Ele deixou a frase se arrastar.

"Você o quê? Está trabalhando com a Dra. Shaw?" Ele baixou o tom de voz e olhou para o homem. "Você veio buscar mais do meu... meu corpo?"

Houve uma pausa enquanto o homem parecia refletir sobre o assunto. Então, ele levantou os óculos e os colocou na ponta do nariz. Ele parecia mais velho agora, talvez na casa dos cinquenta anos.

"Você estava entrando em choque - uma convulsão - então fiz a única coisa que podia. Eu o toquei."

Robert abriu a boca para dizer algo, mas depois hesitou. Ele olhou para o médico, pensando bastante.

"Você é... você é o Dr. George Mansfield?"

O médico suspirou.

"Sim."

E então ele se deu conta. O médico - aquele que havia sido desmembrado, mas que agora estava misteriosamente inteiro - havia tocado seu corpo aqui, no mundo real, e foi o toque dele que deve tê-lo trazido de volta da Medula.

Robert engoliu com dificuldade e se sentiu culpado pela veemência de seus comentários anteriores. Esse homem o havia ajudado.

Salvou-o.

O que isso significava para o Dr. Mansfield, no entanto, não estava claro, mas Robert achava que as ações do homem não seriam isentas de penalidades.

"Obrigado", ele sussurrou. O homem grunhiu uma afirmação e, em seguida, o fecho em seu pulso tremeu e a pulseira se soltou. Robert imediatamente afastou o braço do homem, tomando cuidado para não tocá-lo, e então começou a trabalhar na outra tira.

Quando as duas correias foram soltas, ele esfregou os pulsos alternadamente. Havia marcas vermelhas grossas de amarração em cada um deles e uma dor surda em seus ossos. O Dr. Mansfield não estava mentindo quando disse que ele estava tendo convulsões; seu corpo devia estar se debatendo com muita força para gerar uma dor tão profunda.

Com a parte superior do corpo agora livre, ele se sentou, gritando com a dor que subiu pela panturrilha direita.

Após várias respirações profundas com os dentes cerrados, Robert finalmente se recompôs.

"Por quê?", ele perguntou ao Dr. Mansfield, que respeitosamente havia se afastado da maca.

O homem deu de ombros.

"Eu fiz um juramento - um juramento para salvar vidas, Robert." O homem olhou para suas mãos e os cantos de seus lábios se voltaram para baixo. "Não importa a forma que eu assuma."

Robert olhou para o homem com curiosidade. Ao contrário dos membros da família Harlop, o Dr. Mansfield parecia estar bem ciente de sua situação.

Do fato de que ele estava, de fato, morto.

Um forte estrondo vindo de algum lugar do lado de fora do quarto de repente atraiu seu olhar do médico para a janela que dava para o corredor. Havia um brilho fraco de luz vindo de algum lugar fora de vista, e Robert de repente voltou à realidade.

Cal e Shelly estavam aqui em algum lugar.

"Tenho que sair daqui", murmurou ele.

Rapidamente, ele se abaixou e começou a soltar a tira do tornozelo esquerdo. Em seguida, passou para a direita, mas seus olhos se fixaram na panturrilha e ele congelou.

Faltava um pedaço enorme de pele e músculo, mas isso não era o mais irritante. Havia três manchas escuras e queimadas que se estendiam por quase toda a parte inferior de sua perna, agora muito mais fina. E elas terminavam em pontas afiadas.

A marca da mão de Leland... onde ele me tocou.

Robert tentou se lembrar do rosto daquele homem, que ele havia vislumbrado quando o homem virou o olhar para cima, mas não conseguiu. Sua mente havia erguido um bloqueio mental, protegendo-o do horror. No entanto, só de pensar nisso, todo o seu ser se encheu de ansiedade e repulsa.

Robert afastou esses sentimentos e terminou de se desamarrar. Com um estremecimento, ele conseguiu se abaixar da maca. A dor subiu por toda a sua perna direita, mas ele estava pelo menos agradecido por Leland ter cauterizado o ferimento, estancando o sangramento.

Pelo menos, isso já era alguma coisa.

Mancando, ele conseguiu se arrastar para frente. Encontrou suas roupas espalhadas pelo chão e as vestiu rapidamente, com a mão indo imediatamente para o bolso direito da frente. Seus dedos começaram a massagear a foto de Amy.

Em seguida, ele olhou ao redor. Quando seus olhos se depararam com a luz vermelha de LED ao lado da porta, seu coração se afundou.

"Acho que posso ajudar com isso", disse o Dr. Mansfield de repente, e Robert se virou para ele com curiosidade. O homem estava segurando um cartão-chave contra a luz limitada, e Robert não pôde deixar de sorrir.

Ele a estendeu para ele, e Robert a pegou cuidadosamente, certificando-se de não fazer contato. Em seguida, ele foi até a porta e a pressionou contra o leitor. Ele emitiu um bipe e depois ficou verde.

"Tudo bem, vamos procurar Cal e Shelly... e o Dr. Shaw", disse ele para si mesmo, antes de abrir a porta e entrar no corredor.

Capítulo 32

O som da porta caindo para dentro foi incrivelmente alto. Cal se encolheu, mas imediatamente pulou sobre ela e foi para o corredor, grato por estar fora da sala cheia de fantasmas, mesmo que eles fossem os mocinhos.

Sim, bons fantasmas... a que diabos o mundo está chegando?

Shelly o seguiu rapidamente para fora e, então, ele não pôde deixar de se voltar para a sala de onde haviam acabado de escapar. Sem a porta, alguma iluminação ambiente - *de onde vem a luz? Há uma janela em algum lugar? Não estamos embaixo da terra?* - e com um olhar pesado, ele se concentrou no contorno de Danny. O homem deu um pequeno passo à frente, e outras figuras ao seu lado, a outra quiddity, também deram um passo à frente. Por um instante, Cal pensou que eles iriam continuar se movendo, renegar o acordo e cair no corredor com eles. Mas eles pararam, e Cal pensou ter visto os lábios de Danny se moverem, pronunciando a palavra "Casa".

Cal assentiu com a cabeça e se voltou para Shelly quando a quiddity recuou de volta para as sombras de onde vieram.

Ela tinha os olhos arregalados e o cabelo loiro estava preso em tiras suadas na testa. Foi então que ele percebeu que sua bravata, sua coragem, havia sido minada, que o que havia acontecido na sala a havia tirado dela.

Agora era com ele.

Mas em casa...

Como se estivesse lendo seus pensamentos, Shelly disse: "Para casa? Como podemos mandar todos eles para casa?"

Cal a alcançou, puxando-a para perto de si.

"Shh", disse ele, com os olhos voltados para a sala agora escura.

Shelly o afastou, colocou o maçarico de volta na mochila e fechou o zíper, depois de verificar se a ponta havia esfriado o suficiente para não correr o risco de derreter a bolsa. Depois de terminar, ela olhou para ele novamente, mas, dessa vez, quando falou, sua voz estava mais suave.

"Como, Cal?"

Cal mordeu o lábio ao pensar sobre isso.

Sim, Cal? Como podemos encontrar um objeto que signifique algo para seis ou sete almas torturadas? Almas que não conhecemos antes? Nem mesmo sabemos seus nomes...

"Vamos pensar em algo. Mas, por enquanto, vamos procurar o Robert. Talvez ele saiba o que fazer."

Shelly colocou a bolsa no ombro e se levantou.

"E Frankenstein? E quanto a ele e seu maldito monstro? Não ouvi falar..."

De repente, um berro atravessou o corredor, ecoando para cima e para baixo por tanto tempo que Cal pensou que continuaria para sempre. Por fim, porém, o som desapareceu e ele foi deixado na quase escuridão novamente, olhando para Shelly com expressões idênticas e horrorizadas.

Sim, também tivemos que lidar com isso.

Ele esperava que Robert tivesse algumas ideias.

O som de um bipe e uma porta se abrindo atrás dele o fez girar sobre os calcanhares. Shelly instintivamente se moveu atrás dele, mas sem o pé de cabra, Cal se sentiu como um ninja incrivelmente inepto em um roupão preto. Então, ele fez o que qualquer homem faria em sua situação: preparou seu corpo para correr.

E ele quase o fez - quase correu. Mas quando a porta se abriu e um Robert de aparência abatida saiu, ele congelou. Sem saber o que estava vendo, se era real ou não, ele simplesmente ficou boquiaberto.

Shelly, por outro lado, arfou.

"Robert!", exclamou ela, e então correu até ele, quase derrubando Cal no processo. Mas quando chegou a menos de três metros dele, ela parou.

Cal subitamente recuperou o controle de seu corpo e também deu um passo à frente.

"Shelly? O que há de errado?" Quando ela não respondeu, ele acelerou o passo. "Robbo? Você está bem?"

O homem tinha um olhar distante nos olhos, que Cal reconheceu depois de seu encontro com James Harlow no porão.

Será que ele...?

"Estou bem", disse ele de repente. O amigo de longa data de Cal deu um passo à frente, mas foi difícil, com a perna direita não tanto se dobrando quanto se arrastando. E ele estava fazendo uma careta.

Shelly apontou para ele, e Cal pensou que a mulher finalmente havia se soltado. Ele estendeu a mão para abaixar o braço dela, mas ela resistiu.

E então ele também viu.

Havia um homem atrás de Robert, avançando lentamente. Ele usava um jaleco de laboratório e tinha um par de óculos antiquado no nariz, do tipo com cordões de contas que os bibliotecários haviam tornado clichê.

"Uhh, Robert", disse ele lentamente. "Talvez você queira vir até aqui."

Robert mancou mais dois metros para frente.

"Rápido, Robbo... tem alguém atrás de você!"

Capítulo 33

"Este é o Dr. Mansfield", disse Robert calmamente, abrindo espaço para que o médico desse um passo à frente. Cal ficou com o queixo caído e pensou ter visto Shelly engolir visivelmente.

"O quê?" Shelly balbuciou.

"Eu vou ajudá-lo", disse o Dr. Mansfield, com o olhar baixo.

"Robbo? Que diabos está acontecendo? Ele está...?"

Robert acenou com a cabeça.

"Sim, ele é."

Cal franziu a testa e acenou com a cabeça.

"Ah, que bom, porque, por um segundo, achei que você estava perdendo a cabeça."

Para completar, Robert deu um passo lateral para longe do médico, que permaneceu no lugar. O movimento fez com que a dor voltasse a subir por sua perna. Leland Black pode ter cauterizado o ferimento, mas não fez nada para aliviar a dor.

"Ele...?"

"Não", Robert respondeu rapidamente, não querendo que ele terminasse a frase e que o Dr. Mansfield dissesse algo que ele não poderia explicar mais tarde.

"Que diabos há de errado com sua perna?" perguntou Shelly.

Robert resistiu a olhar para baixo, para a calça jeans. Apesar de coberta, a parte inferior da perna direita parecia mais estreita para ele. Essa era outra coisa que ele não tinha tempo, ou talvez nem soubesse como, para explicar. Ele tinha a sensação, lá no fundo, estimulada por sua interação com Leland, de que ele, Cal e Shelly estariam mais bem servidos se expurgassem a Sétima Ala de quiddity mais cedo ou mais tarde.

Havia algo no céu agitado de rostos que o fez pensar que, quanto mais tempo a quiddity ficasse aqui, mais poderoso Leland se tornaria.

"Nada", disse Robert rapidamente. "Apenas uma história para *contar* em outro dia. Mas, agora, temos trabalho a fazer."

Ele deu um passo à frente e ficou chocado ao ver que Shelly realmente acompanhava seus movimentos... ela deu um passo para trás.

"Estou bem, Shelly. De verdade. Precisamos começar a trabalhar."

Ainda assim, apesar de suas palavras, ele esperou que ela desse o primeiro passo. Mas ela não o fez; foi Cal quem deu um passo à frente e colocou o braço em volta dos ombros dela.

"Vamos", ele disse a ela em um tom alto o suficiente para que Robert pudesse ouvir. "Ele está bem. Agora vamos acabar com alguns fantasmas."

Ela hesitou, mas um leve puxão a estimulou a se mover. Robert não

a culpava por sua atitude apreensiva. Afinal, ele estava mancando, provavelmente pálido de morte por causa da perda de sangue, e havia o fantasma de um médico desmembrado à sua esquerda.

Sim, Robert provavelmente também teria hesitado um pouco em dançar o tango com ele mesmo.

De repente, um grunhido alto encheu o corredor, e todos os olhos se arregalaram, inclusive os do Dr. Mansfield, procurando suas origens. Era mais alto do que antes.

"Precisamos sair do corredor", disse Robert engolindo um gole depois que o som sumiu. Seus olhos finalmente pousaram nas fileiras de portas que se alinhavam em ambos os lados do corredor. Ele não estava muito interessado em voltar para a cela, mas a perspectiva de ficar preso aqui fora pela fera suturada sem um plano - como antes - era insondável. "Vamos entrar em uma dessas."

Cal levantou uma sobrancelha.

"Você tem uma chave?"

Robert mostrou o cartão-chave com a foto do Dr. Mansfield.

Cal sorriu.

"Com certeza é melhor do que usar um maçarico".

Agora foi a vez de Robert levantar uma sobrancelha.

"Maçarico?"

"É uma longa história."

"Andrew Shaw nem sequer era um médico de verdade", disse o Dr. Mansfield em voz baixa. "Ele nunca concluiu seu curso de medicina. Mas quando ele foi admitido aqui pela primeira vez, eu o deixei acompanhá-lo. E, por um tempo, tudo estava bem. Para ser sincero, acho que fiquei cego pelo fato de que, além de finalmente ter ajuda na enfermaria de alguém com pelo menos algum treinamento médico, eu gostava dele, acredite ou não. Sabe, eu não diria que a Hell Week dos SEALS é igual à faculdade de medicina, mas há semelhanças. Quero dizer, você é muito pressionado... muito mesmo, muitas vezes por um médico idiota que só quer reduzir sua própria carga de trabalho e não tem interesse em realmente treinar alguém. De qualquer forma, acho que senti um pouco do que ele sentiu, sabendo o quanto eu estava estressado e o tamanho da ansiedade que enfrentei naquela época. Fiquei com pena dele". O Dr. Mansfield respirou fundo antes de continuar. "Talvez por isso eu tenha ignorado os sinais, ou talvez ele os tenha escondido muito bem. Deus sabe, ele não teria sido o primeiro. Alguns de meus pacientes... bem, digamos que eles podem ser muito convincentes. Mas, por dentro, a personalidade que insiste em ser chamada de Dr. Shaw, aquela que conhecemos aqui, tinha uma obsessão em formação. Isso também não é muito incomum para a

personalidade recessiva; eles se apegam a algo - uma ideia, uma noção, talvez - porque têm pouco controle sobre qualquer outra coisa. Em geral, isso não representa um grande problema, exceto nos raros casos em que a personalidade recessiva realmente ganha domínio. Foi o que aconteceu com Andrew e com o Dr. Shaw".

O médico fez uma pausa como se estivesse se lembrando de algo específico, com Shelly, Cal e Robert olhando para ele.

"O Dr. Shaw tinha este... este *caderno*, algo que eu..." Ele deixou a frase se arrastar, depois balançou a cabeça e se recompôs. "Ele tinha essa ideia, veja, essa ideia de que personalidades divididas não eram apenas mentais, não estavam apenas em seu cérebro, mas também eram físicas. Quando criança, ele havia se submetido a um transplante de pulmão e, pouco tempo depois, desenvolveu uma personalidade dividida. *Há alguém dentro de mim*, ele costumava dizer repetidas vezes. Ele culpa o doador do pulmão, mas não foi isso. A verdade é que ele foi abusado quando criança, o que provavelmente foi o gatilho para sua ruptura mental - que, aliás, também foi o motivo pelo qual ele precisou de um transplante de pulmão."

O Dr. Mansfield suspirou.

"Mas essa é uma história para outro dia... as coisas estavam indo bem, mas um dia eu perdi a paciência e o pressionei demais. Eu deveria ter me lembrado do arquivo do caso dele, que o mesmo tipo de coisa durante a faculdade de medicina que o trouxe aqui, para a Sétima Ala, fez com que ele fosse expulso da faculdade de medicina. Só que, por alguma razão, quando o empurrei para *este* lugar, o Dr. Shaw saiu. Talvez tenha sido eu, talvez tenha sido o ambiente, ou talvez tenha sido pura má sorte. Mas, seja qual for o motivo, dessa vez, quando o Dr. Shaw veio à superfície, ele ficou."

O médico parou de falar novamente e Robert pensou que aquele era o fim da história, o que provavelmente era apropriado, pois o tempo estava se esgotando.

"Dr. Mansfield, o senhor...?"

Shelly ergueu a mão, impedindo-o. Havia luz suficiente do corredor entrando pela janela para que ele pudesse ver a expressão severa no belo rosto dela.

"O que aconteceu depois?", sussurrou ela, com a voz rouca.

O Dr. Mansfield demorou muito tempo para responder, tempo que Robert achou que seria melhor aproveitado para elaborar um plano de como lidar com a questão.

"Ele pegou pedaços de mim... pegou pedaços do meu corpo e os suturou em outros, tentando provar sua teoria insana."

"George", sussurrou Shelly.

O Dr. Mansfield assentiu com a cabeça.

"Não funcionou... ele era muito agressivo, e eu... eu... eu..."

Ele não conseguia dizer as palavras, e Robert desejou poder acalmar o homem. Mas ele não podia tocá-lo - a última coisa que ele queria fazer era voltar para o lugar horrível com Leland Black e o céu em chamas.

Mas também havia a Amy. Leland havia dito que ela estava bem, mas...

Papai, você prometeu...

"Por favor", disse Robert por fim, sua própria voz soando tensa. "Não há necessidade de continuar."

O Dr. Mansfield olhou para ele, com os olhos escuros.

"Mas ele não parou por aí... ele seduziu outras pessoas - fez com que elas viessem para cá com a ajuda de Justine, que viu algo nele, eu acho. Ela costumava ser minha enfermeira, mas era instável, facilmente persuadida, crédula. E o Dr. Shaw cortou - *Jesus* - cortou os corpos, costurando-os, dando meu nome às suas criações macabras. Eles..." Seu corpo se contraiu de repente, e Robert levantou uma sobrancelha.

O Dr. Mansfield estava chorando, e essa constatação fez Robert parar; ele não tinha ideia de que fantasmas pudessem chorar.

"Essas outras pessoas são assim", disse Cal suavemente.

Robert se virou para ele.

"Que outras pessoas?"

Cal engoliu com força.

"Em nossa cela... havia outros, pessoas com... partes do corpo faltando, pessoas horrivelmente desfiguradas."

O Dr. Mansfield assentiu com a cabeça.

"Os experimentos do Dr. Shaw."

A palavra fez a parte de trás da perna de Robert se contorcer, mas ele resistiu à vontade de se coçar.

Um experimento... é o que sou agora também.

Um grito gutural encheu o corredor de repente e, embora tenha sido abafado pela pesada porta da cela, havia uma urgência que não existia antes.

Robert engoliu com força, imaginando o que o Dr. Shaw estava fazendo com o homem que ele chamava de George... e qual era o papel do pedaço de sua panturrilha que estava faltando.

"É melhor nos apressarmos", disse ele rapidamente. "Cal, você e Shelly vão procurar Justine. Ela está viva, isso eu posso confirmar."

Cal parecia incerto, mas o aceno de cabeça do Dr. Mansfield pareceu convencê-lo.

"Provavelmente é por isso que o Dr. Shaw também está preso aqui - Justine mantém a narrativa. Vocês lidam com ela. O Dr. Mansfield e eu encontraremos Andrew Shaw e George e os enviaremos para o Marrow."

Algo passou pelo rosto do Dr. Mansfield quando ele disse isso, e Robert se perguntou, não pela primeira vez, quais seriam as repercussões de trazê-lo de volta da Medula, das garras do Bode.

Ele fez uma anotação mental para perguntar ao Dr. Mansfield mais tarde, depois que tudo estivesse terminado.

"Robbo? Porra, tem certeza? Como?"

Robert balançou a cabeça.

"Não tenho certeza, mas..."

"Podemos simplesmente ir embora", disse Shelly suavemente.

"Podemos simplesmente rastejar de volta pela janela do jeito que entramos, dar o *fora* daqui."

Foi Cal quem respondeu.

"Eu não vou, não posso. Fiz uma promessa àquelas pessoas - àqueles *idiotas* - na cela."

Robert acenou com a cabeça.

"E o Dr. Mansfield me salvou." Ele olhou para o homem, cujas bochechas pálidas ainda estavam úmidas de lágrimas. "Não vou deixá-lo aqui por mais tempo."

Ele ficou olhando para Shelly por um momento enquanto ela mastigava a parte interna da bochecha. Por fim, ela acenou com a cabeça.

"Está bem", disse ela suavemente. Em seguida, ela tirou a bolsa do ombro e a estendeu para ele.

Por um momento, Robert pensou que isso significava que ela iria fugir e deixá-los aqui, e seu coração se afundou. Mas então ela falou novamente e ele respirou fundo.

Shelly não estava indo a lugar algum.

"Você vai precisar disso mais do que eu. Não se preocupe com Justine, vamos colocar aquela vadia no lugar dela."

Então, ela o alcançou quase desesperadamente, e Robert quase se lançou sobre ela. Ele respirou profundamente o cheiro dela e depois se afastou.

Olhando fixamente para aqueles olhos verdes, Robert quase foi dominado pelo desejo de beijá-la. De pressionar seus lábios contra os lábios vermelhos brilhantes dela.

Mas o momento passou e eles se separaram. Robert se voltou para o Dr. Mansfield.

"Você disse algo sobre um caderno, doutor?"

O homem acenou com a cabeça.

"Tudo bem, vamos pegar isso primeiro... provavelmente vamos precisar."

Capítulo 34

Cal encontrou uma lanterna em uma mesinha perto da sala em que estavam confinados. Foi um achado fortuito, pois ele havia feito a mesa girar ruidosamente quando esbarrou nela no escuro. Ele também encontrou seu pé de cabra, que prontamente pegou e enfiou no bolso escondido na parte de trás da calça. Só então ele se livrou do roupão preto; não só Shelly e Robbo estavam certos - ele parecia ridículo - como também era mais restritivo do que parecia.

Embora agora estivessem armados com uma lanterna - tendo dado a outra para Robert -, eles hesitaram em usá-la, com medo de que o Dr. Shaw ou George estivessem por perto.

No fim das contas, Justine não era muito difícil de encontrar, mesmo no escuro. O problema é que George também não era.

"Você ouviu isso?" Cal perguntou baixinho enquanto eles passavam pela porta que haviam aberto e desciam por um segundo corredor. Esse era mais escuro do que aquele de onde tinham acabado de sair e também mais estreito. Havia também menos cômodos, espaçados irregularmente. Eles só precisaram dar alguns passos para saber onde deveriam concentrar sua atenção. A luz se espalhava pela janela retangular da terceira das cinco portas.

Shelly acenou com a cabeça.

"Estou ouvindo", ela sussurrou.

O som de uma respiração pesada e difícil, como se alguém tivesse dificuldade para recuperar o fôlego depois de uma corrida, se infiltrou na enfermaria silenciosa do hospital.

Agachados para evitar serem vistos pelas janelas, eles se arrastaram pelo corredor, com Cal tomando a dianteira. Ele tirou o pé de cabra de trás das costas e o segurou com uma das mãos, enquanto Shelly o seguia de perto, com a mão encostada nas costas dele para manter contato e a outra segurando a lanterna, pronta para ligá-la a qualquer momento.

Quando se aproximaram da terceira porta, os sons de respiração ficaram cada vez mais altos.

Cal correu para baixo da janela depois de indicar que Shelly deveria ficar do outro lado da porta. Em seguida, com as costas dos dois encostadas na parede, ele se virou para encarar o amigo.

A luz que vinha da janela era fraca, mas, por estar tão perto dela, ele conseguiu distinguir seu rosto.

Ele tinha visto a troca de palavras entre Robert e Shelly quando eles se abraçaram, e isso o magoou profundamente. Foi ele quem trouxe a Shelly para cá, e, caramba, se ele não tinha saudades daquela bunda. Além disso, era ele quem passava quase todos os dias com ela quando Robert estava trancado em seu quarto.

Ele, no entanto, quando ela olhava para ele agora, parecia apenas assustada. No entanto, quando ela olhava para Robert...

Shelly fez uma careta como se dissesse: "*Que diabos vamos fazer agora?*"

Cal deu de ombros e voltou a se concentrar.

A respiração voltou e ele teve dificuldade em acreditar que fosse outra pessoa *além de* George, que deveria ser o problema de Robert. Mas Robbo tinha feito o caminho inverso com o Dr. Mansfield - se o Dr. Shaw e George estivessem aqui, na sala, a apenas um ou dois metros de distância, só havia uma coisa que eles poderiam fazer: correr. Mas ficar agachado ali, de costas para a parede, não estava servindo de nada. E eles tinham uma lanterna, que poderia ser usada para cegá-los se fosse absolutamente necessário.

E o pé de cabra, eles também tinham isso. Só que a última vez que Cal o usou contra George, não tinha terminado exatamente como ele queria. Talvez se eles tivessem o maçarico...

Cal balançou a cabeça. Eles não tinham mais isso - Shelly havia dado sua mochila para Robert.

Ele suspirou profundamente e fechou os olhos por um momento. Quando os abriu novamente, apontou para a janela, o sinal universal de "*vou dar uma olhada*".

Shelly fez uma careta, claramente desconfortável com a ideia, e ele observou enquanto ela segurava a lanterna com as duas mãos.

Eles não tinham outra opção.

Com os nervos à flor da pele, Cal respirou fundo três vezes e depois se levantou, com as coxas agradecendo o alívio de ficar de cócoras.

Meu corpo não foi feito para trabalhar com pá. Ou agachar. Ou correr, o que provavelmente terei de fazer em apenas um...

Antes de perder a coragem, ele virou lentamente a cabeça e espiou para dentro do quarto.

Todo o sangue foi imediatamente drenado de seus membros, e ele só conseguiu segurar o pé de cabra.

A cena dentro da cela era incrivelmente bizarra... e horrível. Os olhos de Cal foram primeiro para a maca, sobre a qual jazia o monstro conhecido como George. Ele estava nu, com seu horrível corpo costurado, uma amálgama de outros, à mostra. Seus olhos estavam fechados, com a cabeça apoiada em um dos lados. Todos os outros ferimentos, inclusive o horrível e ressecado rasgo em sua bochecha, pareciam velhos, em algum estágio de apodrecimento ou deterioração. Tudo, exceto a perna direita. Havia um pedaço de carne em sua panturrilha que parecia mais fresco do que o resto; parecia menos cinza, menos *morto*. E havia gaze e toalhas encharcadas de sangue embaixo do pé.

Acho que foi por isso que houve toda aquela gritaria.

Ele voltou sua atenção para a outra pessoa que estava na sala, e ficou aliviado quando percebeu que era Justine.

Só que isso não durou muito tempo - foi um sentimento passageiro e fugaz. A enfermeira estava sentada em uma cadeira no canto da sala, de costas para ele. Ela estava se vestindo, colocando a bata azul-clara sobre seu corpo pálido. Cal vomitou ao ver o estado de suas costas nuas.

Assim como George, sua pele era uma bagunça, uma colcha de retalhos de pontos e cicatrizes que teriam feito um mapa em relevo de Utah parecer uma pista de patinação. Só que isso era diferente; George era um monstro, uma aberração hedionda que estava morta há muito tempo, enquanto Justine... bem, ela estava viva, não estava? Robert e o Dr. Mansfield pareciam ter certeza disso.

Havia marcas de marcas, sulcos profundos em suas costas, alguns dos quais ainda não haviam cicatrizado. Sob a carne macia da omoplata direita, havia uma ferida do tamanho de uma bola de beisebol que brilhava e que, a cada respiração, parecia enrugar-se levemente.

Cal vomitou novamente, uma reação visceral que tirou seu olhar da janela. Piscando rapidamente, ele olhou para cima novamente, evitando o contato visual com Shelly. No entanto, no processo, a mão que segurava o pé de cabra caiu apenas uma fração de centímetro e bateu contra a porta. Foi o mais sutil dos sons, um pequeno "ting", quase inaudível. Mas no instante em que isso aconteceu, a cabeça loira de Justine se virou.

Cal deveria ter se jogado no chão; se ele tivesse se jogado, talvez Justine tivesse voltado a fazer qualquer coisa horrível que estivesse fazendo, fazendo o som passar por um rato ou apenas o piso rangendo.

Talvez ela tivesse ficado no quarto.

Mas quando Cal viu o peito da mulher, ele congelou novamente.

Os seios de Justine haviam desaparecido, substituídos por uma carne horrível, esticada e coriácea.

Claramente, ela também havia feito parte dos experimentos do Dr. Shaw.

E, no entanto, ela havia sobrevivido.

Os olhos da mulher se fixaram nele, e isso tirou Cal de seu estupor de repulsa e ele caiu.

Mas já era tarde demais.

Justine o viu e estava chegando à porta.

Capítulo 35

"É isso aí", disse o Dr. Mansfield, indicando a gaveta de cima de uma escrivaninha perto do fundo de um pequeno escritório. Era irônico que o escritório fosse menor até mesmo do que a cela em que ele estava preso anteriormente - apesar de todos os rumores sobre esse lugar, ele realmente parecia ser um lugar onde os pacientes vinham em primeiro lugar. O consultório era do Dr. Mansfield, mas o cartaz com o nome dele havia sido rabiscado com o que Robert sabia que só podia ser sangue e agora estava escrito: SHAW.

"Lá?" Robert perguntou, sentindo-se desconfortável por algum motivo. Ele não queria se separar de seus amigos, mas de forma alguma iria mandá-los para lidar com George e o Dr. Shaw. *Não* havia como; afinal de contas, eles só estavam aqui por causa dele.

O Dr. Mansfield acenou com a cabeça e Robert se aproximou rapidamente, tomando cuidado para manter o feixe da lanterna baixo.

"Foi você que o colocou aqui? Ou foi ele?", ele perguntou ao abrir a gaveta. Ela estava cheia de pedaços de papel aleatórios, que Robert empurrou para o lado. Ele estava procurando um bloco de notas azul, do tipo espiral antiquado.

"Ele fez isso. Depois que eu vi o - bem, depois que encontrei o Dr. Shaw, ele... ele me levou embora. Eu nunca mais voltei vivo."

Robert fez uma pausa, sentindo a estranheza das palavras. Se alguém tivesse dito algo parecido com isso há mais de três meses, ele provavelmente o teria mandado para cá, para a ala psiquiátrica - não para purgar a inquietação, mas para que fosse internado. Agora, porém, elas quase pareciam normais.

Quase.

"Entendi", disse ele, e suas mãos se fecharam em uma pasta azul desgastada, exatamente como o Dr. Mansfield havia descrito. Robert a retirou da gaveta. A curiosidade o dominou e, antes de saírem do escritório em busca de Shaw e seu monstro de estimação, ele a abriu.

Ele exalou involuntariamente enquanto folheava as páginas.

Na primeira linha de cada página, havia o nome de um paciente, mas o restante das linhas era preenchido com a mesma frase: *Há alguém dentro de mim...*

Robert folheou rapidamente até a última página, mas percebeu que ela estava rasgada.

"Página faltante?", perguntou ele, sem esperar realmente encontrar algo que pudesse ser percebido, ou mesmo diferente dos rabiscos que preenchiam o resto do livro.

Mas o rosto do Dr. Mansfield escureceu de repente, e Robert segurou o livro para que o homem o visse.

"A última página?", perguntou o médico suavemente.

Robert virou a borda rasgada para frente e para trás.

"Sim, acho que sim. Por quê?"

"Porque, isso..."

Mas outra voz respondeu à pergunta para ele.

"- Era a página *dele*", disse o Dr. Shaw.

Robert largou o livro e levou a lanterna até a altura dos olhos, ao mesmo tempo em que o Dr. Mansfield se virou para encarar a voz.

Andrew Shaw estava parado na porta do escritório, com as mãos ao lado do corpo e sangue pingando dos dedos. Enquanto os dois homens observavam horrorizados, ele enfiou lentamente a mão no bolso do jaleco.

Robert começou a respirar rapidamente, sem saber o que fazer em seguida.

E se ele sacar uma arma? Um bisturi? Ele pode me cortar? Ele pode cortar o Dr. Mansfield? Isso faria diferença?

Tantas perguntas percorreram sua mente que ele se trancou.

Mas, felizmente, Andrew não tirou uma arma de seu jaleco. Em vez disso, ele tirou um pedaço de papel.

"Andrew, você precisa..."

O Dr. Shaw parou de abrir o papel e voltou seu olhar para o Dr. Mansfield, com as sobrancelhas baixas.

"Eu lhe disse para me chamar de Dra. Shaw."

Em seguida, ele voltou a desdobrar o pedaço de papel.

"Isso é loucura... pense no que está fazendo, Dra. Shaw. Você estava no caminho certo para se tornar um médico - você estava destinado a ajudar as pessoas, não a prejudicá-las", implorou o Dr. Mansfield.

A expressão de Andrew ficou presunçosa e, em vez de responder, ele leu o jornal.

"Paciente nº 001, Dr. George Thomsen Mansfield. Há *alguém dentro de mim...*"

Robert afastou lentamente a lanterna do rosto de Andrew enquanto continuava a ler a mesma frase, o que parecia ser dezenas de vezes. Ele moveu o feixe de luz para frente e para trás em torno do peito do homem com movimentos simples e sutis, mudando ligeiramente o ângulo. Embora o homem não fosse completamente sólido, ele também não era tão transparente quanto James ou Patricia Harlop.

Algo está mudando, pensou Robert de repente. *E isso tem a ver com a fenda na Medula.*

Eles não tinham a mesma qualidade... eram mais reais de alguma forma.

Mais permanente.

Andrew finalmente terminou de ler, com uma expressão orgulhosa, como se tivesse acabado de compartilhar a descoberta médica mais importante do século passado, em vez de apenas falar bobagens.

"Isso... isso não está ajudando as pessoas. O que você fez comigo não foi ajudar. Nem o que você fez com Justine, com os outros... você deveria ajudar as pessoas", continuou o Dr. Mansfield. "Por favor, apenas me passe o papel."

Andrew virou-se para encarar o médico e, por um breve segundo, sua expressão passou de presunçosa para suave, até mesmo triste. Ficou claro para Robert, naquele momento, que o Dr. Mansfield estava tentando apelar para Andrew, a outra personalidade enterrada por todos esses anos, e não para o Dr. Shaw.

E, para seus olhos não treinados, parecia estar funcionando.

Quando o Dr. Shaw falou em seguida, sua voz parecia até diferente.

"Eu só *queria* ajudar as pessoas, Dra. Mansfield. Ajudar pessoas como eu, pessoas que eram boas, mas que tinham outra pessoa presa aqui dentro." O homem levantou um dedo e bateu em sua têmpora, deixando uma mancha de sangue na linha do cabelo.

"Sim, sim, é isso mesmo, Andrew. Eu sei que você queria ajudar. Foi por isso que o coloquei sob minha proteção, lembra?"

Andrew acenou sutilmente com a cabeça.

"Pedi que me ajudasse porque sabia que você era bom... e porque você também era inteligente."

Novamente, Andrew assentiu com a cabeça.

"Eu só queria ajudar..."

O Dr. Mansfield deu um passo à frente, com a intenção de confortar o homem que estava à beira de um colapso, quando Andrew enfiou a mão esquerda no bolso de seu jaleco. No momento em que o Dr. Mansfield o alcançou, Andrew se inclinou para frente e colocou sua mão direita no ombro do homem.

Embora o Dr. Mansfield não estivesse ciente do que estava acontecendo, Robert podia ver tudo com uma clareza vívida.

"*Não!*", ele gritou, mas já era tarde demais.

O rosto do Dr. Shaw se abriu em um sorriso lascivo quando ele tirou o bisturi do bolso. Em seguida, recuou e cravou a lâmina brilhante profundamente nas entranhas do Dr. Mansfield, torcendo-a e girando-a à medida que entrava em seu corpo.

"Eu lhe disse quando o matei da primeira vez", sibilou o Dr. Shaw, "*estou ajudando você*".

O Dr. Mansfield ofegou e tentou se afastar, mas o aperto de Andrew em seu ombro e o bisturi se mantiveram firmes. Em seguida, o homem muito mais forte, que Robert poderia jurar que parecia mais sólido do que há apenas alguns segundos, levantou a cabeça para o céu.

"George!", ele gritou a plenos pulmões. Um sorriso sinistro se formou em seus lábios quando ele se voltou para o Dr. Mansfield. "Vou gostar de matá-lo novamente, assim como você vai *adorar* sua visita ao Bode."

Capítulo 36

Cal praguejou baixinho e olhou para Shelly. Ela estava olhando para ele, com os lábios vermelhos e grossos pronunciando as palavras *"que porra é essa?"*

"Ela me viu", ele sussurrou, "ela me viu, porra".

Shelly começou a se levantar, mas Cal a incentivou a se sentar com vários gestos agressivos.

"Ele também está lá dentro", disse ele, com os olhos arregalados.

Não havia necessidade de especificar quem era "ele" - a expressão em seu rosto deixava isso bem claro.

"Que diabos vamos fazer? Fazemos...?"

Eles ouviram um sinal sonoro e a porta começou a se abrir de repente. Cal e Shelly ficaram paralisados.

"Dr. Shaw?" Justine perguntou timidamente através da abertura de três polegadas.

Cal, ainda agachado, tentou se tornar o menor possível. Ele ficou aliviado quando percebeu que, embora seus olhos tivessem se encontrado, ela não parecia tê-lo reconhecido.

"Doutor? O senhor..."

A porta se abriu um pouco mais e Justine entrou com um pé no corredor. Cal tentou se afastar dela, mas ele era muito lento e a ponta do tênis gasto dela esbarrou no pé de cabra.

"O que está acontecendo?"

Justine olhou para baixo e, dessa vez, quando seus olhos se encontraram, não havia dúvida de que ela sabia quem ele era. Para uma mulher tão grande e danificada, ela se movia com uma rapidez surpreendente. Também não ajudou o fato de que as pernas de Cal estavam doloridas por ter se agachado e que ele estava se inclinando para trás.

"George!" Justine gritou. "George, dê o fora daqui!"

E então ela atacou Cal, e foi a vez de Cal pedir ajuda.

"Shelly!", ele gritou uma fração de segundo antes de ela aterrissar sobre ele.

Cal não gostava de exercícios, saúde e, por último, mas não menos importante, de lutar. Assim, quando se deparou com uma psicopata enlouquecida de 90 quilos vindo em sua direção, ele fez o que qualquer pessoa em sua situação teria feito. Em vez de levantar os braços, com um pé de cabra na mão, ou tentar sair do caminho, ele tentou pegá-la de pé e depois jogá-la sobre sua cabeça.

Ele já tinha visto isso em um videogame e parecia bastante fácil.

Na vida real, porém, o resultado foi um fracasso total. Cal só conseguiu levantar uma perna a tempo, e isso não foi suficiente para sustentar Justine. Ela desabou em cima dele, seu peso forçando o ar

dos pulmões de Cal.

A enfermeira tinha um cheiro desagradável e, quando as mãos dela caíram sobre ele, tudo o que ele pôde fazer foi virar a cabeça para o lado. As unhas dela penetraram profundamente em sua bochecha, imediatamente fazendo sangue sair. Cal tentou levantar as mãos para se defender, mas elas estavam presas sob o peito e a barriga dela.

"Shelly!", gritou ele, quando Justine bateu com o punho do martelo na lateral de seu rosto, salpicando sua visão com estrelas. Em um movimento desesperado, Cal levantou os quadris e, de alguma forma, conseguiu deslocar a maior parte do peso dela em direção à parede. Então, ele ouviu um clique quando a porta da sala de cirurgia se fechou. Ao mesmo tempo, Shelly se levantou, juntou as duas mãos e as ergueu acima da cabeça.

Cal fechou os olhos na expectativa do golpe massivo.

Um golpe que nunca veio.

Em vez disso, ele ouviu um baque surdo e sentiu todo o peso de Justine se acumular de uma só vez. E, então, o ar lhe foi tirado novamente.

Lutando para encher os pulmões, o hálito horrível de Justine o atingiu quando a bochecha dela encostou na sua. Cal abriu a boca para gritar, mas, antes que o som pudesse sair, o sangue de Justine se espalhou pelo seu rosto, fazendo-o engasgar e tossir.

Mas o que...?

Cal abriu os olhos, a poucos centímetros dos de Justine, que estavam fechados. Frenético, ele balançou os quadris, fazendo com que o corpo inconsciente da enfermeira balançasse o suficiente para que ele saísse de baixo dela.

"Foda-se, foda-se, foda-se!", gritou ele, cuspidando sangue no chão e, ao mesmo tempo, limpando a boca com as mãos.

Ele olhou para cima e viu o impossível: Justine parecia estar levitando a apenas alguns centímetros do chão, com o sangue da nuca escorrendo das bochechas caídas e formando um rastro constante no chão. A pele ao redor de seus olhos estava ficando azul e sua respiração estava incrivelmente difícil.

Cal sentiu novamente seu estômago revirar.

Como isso é possível?

Ele ergueu os olhos um pouco mais e viu Shelly em pé sobre Justine, com as pernas abertas, a pesada lanterna em uma das mãos, com a extremidade manchada de vermelho e manchas cor-de-rosa. Seus olhos estavam semicerrados e sua expressão era feroz.

Cal ficou boquiaberto.

"Você levou uma surra de uma garota", disse Shelly com um sorriso.

"Uma *maldita* garota."

Capítulo 37

Os pés de Robert pareciam estar incrustados no gelo. Ele ainda estava segurando a lanterna na mão, mas ela parecia totalmente ineficaz contra Andrew e seu bisturi. Seus olhos percorreram a sala, procurando qualquer coisa que pudesse ser usada, uma distração bem-vinda para a confusão que o dominava.

Andrew pode matar o Dr. Mansfield... de novo?

Os dois homens já estavam mortos, disse Robert tinha certeza. Tudo o mais, no entanto...

O que ele sabia com certeza era que não queria que o Dr. Mansfield fosse enviado para o Goat. O homem merecia mais do que isso. Afinal de contas, ele havia salvado Robert.

Agora era sua vez de retribuir o favor, se é que isso era possível.

Seus olhos caíram sobre a mochila que Shelly lhe entregara, e a voz dela atravessou seu cérebro.

Maçarico!

O gelo que prendia suas pernas de repente derreteu e ele pegou o maçarico por puro instinto. Ele não tinha ideia do que faria com ele, mas quando Andrew enfiou a faca mais fundo e o sangue começou a escorrer da boca do Dr. Mansfield e pingar no chão, qualquer aparência de racionalidade o abandonou.

De alguma forma, Robert conseguiu acender o maçarico na primeira tentativa e ele sibilou, iluminando o cômodo em um tom de amarelo que lutava com o azul incandescente da lanterna que ele havia colocado sobre a mesa. A iluminação sinistra o fez se lembrar do Marrow depois que Leland apareceu e o céu mudou de nuvens para chamas.

A luz refletiu nos olhos do Dr. Shaw, fazendo com que as órbitas escuras brilhassem enquanto ele continuava a bater a mão para frente e para trás.

Seu punho estava quase completamente enterrado dentro do Dr. Mansfield agora.

Robert saiu de trás da escrivaninha, segurando o maçarico com a chama de 10 cm à sua frente.

"Andrew, deixe-o ir!" Robert gritou. A única resposta do Dr. Shaw foi olhar fixamente nos olhos do Dr. Mansfield e enfiar a lâmina ainda mais fundo. Um coaxar oco se juntou ao sangue que jorrava da boca do Dr. Mansfield.

Robert deu mais um passo à frente e, dessa vez, o Dr. Shaw se virou para encará-lo.

O homem estava ainda mais sinistro agora que seu rosto estava voltado para as chamas; todo o seu rosto pálido parecia tremeluzir e brilhar.

"Você acha que isso vai me machucar?", ele riu um riso seco. "Você não aprendeu nada, Robert Watts? Leland não lhe ensinou *nada*?"

Robert estava avançando enquanto o outro homem falava, mas quando o nome de Leland foi mencionado e a imagem do homem de chapéu que surgiu em sua mente, ele parou.

O Dr. Andrew Shaw riu e girou a faca novamente.

"Você não pode me matar com isso", disse ele, levantando o queixo em direção ao maçarico. "*Você não pode* me matar de jeito nenhum."

Robert olhou para a chama e, no fundo, sabia que o que o homem estava dizendo era certo. O conforto insignificante que ela lhe oferecia era superficial; uma tocha não faria nada a um homem morto como Shaw.

Mas a lâmina do homem, por outro lado, parecia mais do que capaz de ferir o Dr. Mansfield, que gemeu e caiu.

O desespero tomou conta de Robert enquanto ele olhava para o rosto cintilante do psicopata.

Se a tocha não o ajudaria, o que ajudaria? Como ele poderia salvar seus amigos? Sua filha?

Ele estava a ponto de desistir, de se resignar a usar o maçarico e ver o que acontecia, quando a boca do Dr. Mansfield começou a se mover.

Não havia como ouvir o homem por causa do assobio da tocha, então ele tentou ler os lábios.

O pedregulho? O moldador? O mais frio?

Robert apertou os olhos com força, sabendo que a qualquer momento Andrew poderia tirar o Dr. Mansfield de sua lâmina e vir atrás dele. E, quando ele chegasse a Robert, não precisaria cortá-lo; bastaria tocá-lo e Robert estaria novamente nas mãos de Leland.

Seus olhos continuaram a percorrer a sala em um ritmo frenético até que ele ficou tonto e foi forçado a apoiar uma mão na mesa para manter o equilíbrio.

Sinto muito, Cal. Sinto muito, Shelly. Eu...

Mas então seus olhos se voltaram para o bloco de notas azul que ele havia pegado da escrivaninha mais cedo.

A pasta!

Robert se lançou sobre ela.

As palavras de Shelly, que pareciam ter sido ditas há muito tempo, soaram em sua cabeça.

Você precisa vincular a quiddity a algo... algo que tenha significado para eles.

Ele pegou a pasta e a ergueu para Andrew como se fosse uma espécie de efígie. A expressão do Dr. Shaw, que antes era de uma alegria maníaca, de repente ficou séria.

"Não faça isso", disse ele simplesmente. E então ele usou a mão que

estava segurando o ombro do Dr. Mansfield para empurrá-lo para fora do bisturi. O Dr. Mansfield caiu no chão, imóvel.

"Não faça isso", advertiu o homem.

Robert não hesitou. Antes que Andrew pudesse atacá-lo, ele levou o livro até a ponta do maçarico e o incendiou.

"Não!" berrou o Dr. Shaw. Quando o homem estava a 30 centímetros de Robert, ele lhe atirou o livro em chamas e recuou.

O Dr. Andrew Shaw não conseguiu se conter. Ele deixou cair o bisturi e, em seguida, agarrou o livro em chamas com as duas mãos, apertando-o contra o peito em uma tentativa de abafá-lo.

Robert não sabia se os quiddity eram particularmente inflamáveis ou se era apenas porque Andrew Shaw estava ligado a um objeto que significava algo para ele, mas ele se inflamou como se estivesse encharcado de querosene.

E, a julgar pela maneira como ele embalou o livro em chamas contra o peito com as duas mãos, isso significava mais do que *algo* para ele.

Isso significava tudo.

O Dr. Shaw estremeceu e, de repente, sua figura se tornou menos *completa*. Os olhos do homem se arregalaram, e Robert percebeu imediatamente que o homem com as chamas subindo pelo jaleco e lambendo seu rosto, derretendo seus cabelos castanhos desgrehados, não era mais o Dr. Shaw.

Era Andrew Shaw, o estudante de medicina obediente e inteligente que o Dr. Mansfield havia descrito.

A tristeza tomou conta de Robert inesperadamente quando ele viu o contorno do homem começar a vacilar.

O homem não disse nada enquanto queimava, o que de certa forma piorou as coisas. Ele não chorou, não gritou, não implorou por sua alma. Ele simplesmente desapareceu em silêncio, seu corpo queimando rapidamente, lembrando a Robert a aparência do céu na Medula, a maneira como os rostos torturados cresceram e encolheram, berrando em chamas.

E então Andrew Shaw desapareceu; a única evidência de que ele havia estado lá era uma pilha de fuligem no centro da sala.

Robert ficou olhando para aquela pilha por um bom minuto, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. Então, ele ouviu um gemido suave e lembrou-se de que o Dr. Mansfield ainda estava encolhido em uma bola no chão. Ele correu até ele, agachou-se e quase o tocou antes de se lembrar.

"Dr. Mansfield?", disse ele, esperando apenas parcialmente uma resposta.

Mas o Dr. Mansfield o surpreendeu ao erguer os olhos e virar a cabeça para encará-lo.

"Sinto muito", disse o homem suavemente, seguido por uma tosse e um fino jato de sangue que escorreu pelo queixo.

"Desculpe? Pelo quê?"

"EU..." Mas o homem não conseguiu terminar.

"Está tudo bem, Dr. Mansfield", Robert o consolou. Ele deu uma olhada no corpo do médico, tentando descobrir o que diabos ele iria fazer. O homem estava de lado, com os joelhos dobrados em direção ao peito e as mãos segurando a barriga. O sangue estava começando a se acumular sob seu corpo.

"O que vai acontecer em seguida?" perguntou o Dr. Mansfield inesperadamente.

Robert hesitou e, em seguida, respondeu com a primeira coisa que lhe veio à mente.

"Eu não sei..."

Mas Robert achava que sabia. Por dentro, ele *sabia*.

Esse homem não estava indo para as margens serenas do Marrow.

Não, o Dr. George Mansfield estava indo para o outro lugar. Aquele com as chamas, os rostos no fogo, as mãos enlameadas na praia. Ele estava indo ver Leland Black.

Trazer Robert de volta significava que ele estava destinado a responder ao Bode.

"Doutor, *eu*, doutor!"

Os olhos do homem se voltaram para dentro da cabeça e ficaram escuros como breu, com brancos e tudo.

"Doutor!"

Robert sentiu um formigamento nas pálpebras e sabia que as lágrimas estavam chegando. Mas então um grito profundo e estrondoso encheu a Sétima Ala e ele as afastou.

Havia mais trabalho a ser feito.

Havia outro George que precisava ser expurgado.

Capítulo 38

"O que vamos fazer? Que porra vamos fazer?" Cal implorou desesperadamente. Um grito de George soou no corredor, e ele olhou rapidamente para a sala. O monstro ainda estava amarrado, mas agora estava acordado e puxando com força contra as amarras. A julgar pela forma como o couro estava começando a rachar, estava claro que elas não aguentariam por muito tempo.

"Merda, Shelly. Que *porra* vamos fazer?"

Seus olhos se desviaram de Shelly, que ainda estava na mesma pose dominante, com a lanterna em uma das mãos, para Justine.

A mulher não estava levitando como ele havia pensado, mas *estava* sufocando até a morte. Seu rosto ficou azulado e bolhas começaram a se formar nos cantos de seus lábios.

Sua bata ficou presa na porta quando ela se fechou e agora a mantinha paralela ao chão, com a abertura do decote em V pressionando sua garganta, cortando seu suprimento de ar.

"Deixe a vadia morrer", disse Shelly sem rodeios.

Cal fez uma careta e seus olhos se reviraram novamente.

Que diabos devemos fazer?

Justine era provavelmente a pior do grupo, pior até do que George, porque ela estava *viva*, mas ainda assim não parecia certo deixá-la morrer aqui desse jeito.

Ele levantou a mão e puxou seu cabelo.

"Porra", ele gritou.

Havia um som de agitação no cômodo, mas ele não se atreveu a olhar. O que quer que eles fossem fazer, seja sair ou libertar Justine, tinham que ser rápidos.

Cal levou a mão da cabeça ao ferimento no rosto, sibilando de dor. Não havia dúvida de que o trabalho manual de Justine deixaria uma marca.

Não tão ruim quanto George, mas ruim mesmo assim. De repente, Cal se lembrou de Danny Dekeyser, o homem que havia fornecido o rosto que estava costurado no monstro dentro da cela.

Você promete que vai nos ajudar? Que nos mandará para casa?

Os olhos de Cal se voltaram para Justine quando um pensamento lhe ocorreu. Era um tiro no escuro, mas se funcionasse, resolveria muitos dos problemas deles.

"Rápido", disse ele, ajoelhando-se na frente da enfermeira que estava morrendo. "Ajude-me a tirá-la da porta."

Em um primeiro momento, Shelly não se moveu e Cal olhou para ela.

"Por favor, Shel, eu tenho um plano."

Novamente, nada.

"Pelo amor de Deus, Shelly, apenas me dê uma mãozinha!"

Shelly finalmente entrou em ação, alcançando rapidamente a porta. Ela tentou abri-la, mas ela não cedeu.

"Pegue o cartão-chave", disse Cal, levantando a cabeça de Justine. Um chiado horrível escapou dela quando ela finalmente respirou fundo. Sua palidez azul desapareceu um pouco e, por um segundo, Cal pensou que ela fosse acordar e atacá-lo novamente. Mas, enquanto sua respiração se regularizava, ela permaneceu inconsciente.

Shelly se jogou no chão e começou a vasculhar os bolsos da mulher. A cabeça de Justine estava tão pesada que Cal teve que usar as duas mãos para segurá-la.

"Você o encontrou?"

"Olhando... foda-se."

"O quê?"

Shelly passou um fio esticado que ia da cintura da bata de Shelly até a porta. Como a própria bata, o cartão-chave estava preso dentro do quarto. Isso significava que eles teriam que cortar as roupas da mulher.

Houve um som alto de estalo vindo de dentro da sala, seguido de um gemido profundo e ressonante.

E isso também significava que George poderia usar o cartão para sair.

"Corte as roupas, Shelly, rápido!"

Ela olhou para ele, com uma sobrancelha levantada.

"Com o quê? Você acha que eu tenho uma tesoura de tricô no bolso de trás?"

Cal xingou baixinho e olhou em volta.

"Aponte a lanterna para lá", instruiu ele, indicando atrás de si.

Shelly obedeceu, e a luz refletiu no pé de cabra.

"Pronto! Pegue o pé de cabra. Use a ponta afiada para rasgar o tecido."

Shelly correu até ele e o trouxe de volta.

Cal, ainda segurando a cabeça da enfermeira para que ela pudesse respirar, indicou um ponto no pescoço onde o tecido havia se desgastado levemente.

"Comece por aí. Quando você fizer um buraco, podemos simplesmente rasgá-lo."

Houve outro estalo vindo de dentro do quarto - o que fez dois. Cal só esperava que fossem as correias das pernas de George, porque se fossem os braços, ele poderia soltar as pernas.

E então eles teriam segundos e não minutos.

Shelly, sentindo sua urgência, colocou a lanterna no chão e usou as duas mãos para colocar a extremidade curva do pé de cabra na área desgastada. Ela empurrou com força e Justine gemeu.

"O quê?", perguntou ela quando Cal lhe deu uma olhada.

Em seguida, ela puxou e Cal ouviu o som satisfatório do tecido se rasgando. Ele soltou a cabeça dela novamente e, juntos, ele e Shelly arrancaram a camiseta do corpo dela. Quando terminaram, Justine caiu de cara no linóleo duro, e Cal ouviu o barulho do que ele suspeitava ser o nariz dela se quebrando.

Ela merecia isso.

"Certo, rápido, pegue uma perna."

Mas, novamente, Shelly hesitou. De fato, ela parecia congelada.

Cal pegou a lanterna e a apontou para ela. Nem mesmo a luz brilhante apontada diretamente para os olhos dela provocou uma resposta.

Sua expressão era de puro horror. No início, Cal pensou que ela estava olhando para a porta, que George estava saindo, mas depois percebeu que ela estava olhando para as costas de Justine.

Cal não conseguiu dar outra olhada, pois apenas a lembrança das feridas abertas, das cicatrizes, dos pontos, foi suficiente para forçá-lo a engolir com força.

"Não olhe", disse ele entre um gole e outro. "Não olhe, apenas *puxe*."

Shelly piscou e ergueu um braço na frente do rosto para se proteger da luz forte e bloquear a visão horrível.

Com a outra mão, ela se abaixou e agarrou uma das pernas de Shelly, enquanto Cal agarrava a outra.

Os dois se levantaram e começaram a puxar, grunhindo enquanto arrastavam Justine pelo chão. Uma rápida olhada para trás revelou um rastro sinuoso de sangue do rosto dela nos ladrilhos escuros.

"Para onde estamos indo?" Shelly grunhiu.

Cal deu um puxão forte e eles aceleraram o passo, agora a pelo menos doze metros da porta da cela.

"Voltar para..."

Mas então eles ouviram um bipe, e a testa de Cal começou a suar frio.

"Puxe!", ele gritou. "Shelly, *puxe*, porra!"

Cal e Shelly mal haviam puxado o corpo ainda inconsciente de Justine pela soleira da cela quando George passou correndo.

Suando, Cal encostou as costas na parede, rezando para que o monstro não o visse. Por pelo menos um minuto, ele ficou ali com Shelly ao seu lado, esperando e ouvindo. Mesmo depois de os passos do monstro terem se afastado do alcance do ouvido, eles permaneceram enraizados no lugar.

Capítulo 39

Robert ficou paralisado.

Mesmo quando os passos pesados e desequilibrados se aproximavam, ele não conseguia se mover. Ele sabia que deveria correr ou, na pior das hipóteses, se esconder atrás da escrivaninha antes que George se aproximasse, mas não o fez.

O medo era parte disso, mas havia algo mais também, algo que ele não entendia muito bem.

George dobrou a esquina e preencheu a porta do escritório, sua respiração pesada era audível mesmo com o assobio do maçarico que estava sobre a mesa.

Eles se olharam, e Robert fez o possível para se manter firme. Foi uma experiência enervante, algo que exigiu todo o seu esforço, principalmente devido aos pontos horríveis e ao formato inclinado e irregular de sua cabeça.

"Vou arrancar seu coração", disse George por fim. A fera deu um passo desequilibrado para frente, mas Robert ainda não se mexeu. Sua falta de medo aparente pareceu deixar George inseguro, pois ele parou depois de apenas um passo. Foi então que Robert viu o músculo da panturrilha ensanguentado na perna direita de George.

Seu músculo da panturrilha.

Robert engoliu em seco e, instintivamente, puxou a perna direita da calça para cima. Ele não sabia ao certo por que havia feito isso - talvez pensasse que isso poderia incitar algum tipo estranho de parentesco, já que George agora possuía uma parte dele, ou talvez fosse apenas para mostrar que ambos haviam sido feridos pela mesma pessoa. Mas quando os olhos negros e escuros de George se fixaram no ferimento, eles se arregalaram de repente.

George ofegou e recuou desajeitadamente.

"Você foi tocada por ele! Pelo bode!"

Os olhos de Robert rapidamente se voltaram para baixo e se fixaram nas três marcas cinzentas e alongadas de garras.

"Eu não vou voltar", gritou George, antes de se virar e sair correndo com seu andar desequilibrado para fora da sala.

Robert esperou por um momento, contemplando as palavras do monstro.

Voltar? Ele já esteve lá antes? Pensei que ninguém voltasse...

Mas o próprio Robert era uma prova clara de que era possível voltar.

Então, algo o invadiu, um súbito desejo - necessidade, até mesmo - de mandar George de volta para o Marrow. De bani-lo.

E esse tempo era essencial.

Não havia como ele deixar que essa questão permanecesse com os

vivos.

Robert fez uma careta ao sentir dor na perna e, em seguida, correu atrás do monstro, com a mão fechando o cartão-chave do Dr. Mansfield que ainda estava guardado em seu bolso.

Em circunstâncias normais, Robert não teria tido nenhum problema em pegar a besta cambaleante, especialmente devido às pernas irregulares do homem. Mas sua própria perna começou a doer quanto mais ele subia o aterro atrás do hospital. E o vento frio que mordida sua pele no escuro parecia apenas acentuar a sensação.

Era quase como se ele pudesse sentir os dedos de Leland ainda agarrando sua carne, queimando-a com seu aperto venenoso.

George havia sumido de vista há algum tempo, mas não foi difícil seguir seu caminho; ele era grande e desajeitado e, mesmo que não tivesse deixado rastros óbvios na vegetação, o som de sua batida teria levado Robert até ele.

A lua brilhava intensamente quando Robert subiu o topo da colina nos fundos do Pinedale Hospital, bufando e respirando pesadamente, esfregando a parte de trás da perna dolorida, onde faltava um pedaço da panturrilha. Felizmente, estávamos no final do outono e o luar atravessava as árvores sem folhas como estilhaços enevoados.

O ritmo de Robert estava lento agora, a parte de trás de sua perna tremia a cada poucos passos. Levou quase meia hora até que ele a visse e, se não fossem as árvores quebradas e as pegadas grossas, ele provavelmente teria passado direto.

Enterrada na encosta de uma pequena colina, pouco visível em meio a um afloramento de rochas e vegetação densa, estava a porta de um pequeno barraco em ruínas.

Robert lembrou-se do que o Dr. Mansfield lhe dissera, sobre ter sido arrastado do hospital e depois torturado em uma cabana na floresta.

Ele sabia que essa era a cabana.

E George estava lá dentro.

Robert se arrastou o mais silenciosamente que seu corpo dolorido permitia até a lateral da cabine. Então, ele deu uma olhada na janela. O vidro estava arranhado e sujo, e ele tinha apenas uma pequena área livre para ver o interior.

Havia sangue por toda parte; manchas marrons nas paredes, no chão, na lateral da bacia de cerâmica. Como se isso não bastasse, havia uma grande pilha de panos no canto que estavam completamente encharcados com o material. Robert também viu uma pequena mesa - uma mesa de piquenique modificada - com o que parecia ser uma pilha de cabos de extensão em cima dela.

E ferramentas: havia várias ferramentas cirúrgicas espalhadas ao acaso pelo local, ocupando quase todos os centímetros quadrados do espaço empoeirado do balcão.

A respiração de Robert ficou presa na garganta quando seus olhos finalmente caíram sobre George, que estava enrolado em uma montanha de bolas no canto.

Ele parecia estar chorando.

Robert engoliu e entrou na cabine.

Capítulo 40

Foi Justine quem tirou Cal e Shelly de sua paralisia.

A mulher gemeu e tentou levantar a cabeça do chão. Sua primeira tentativa falhou; seu cabelo estava pegajoso com sangue e se agarrou ao chão antes de puxá-la para baixo novamente. Ela foi bem-sucedida em sua segunda tentativa.

Shelly lhe deu uma cotovelada na lateral, indicando que agora era a hora de colocar em prática seu plano mestre. Ele percebeu pela careta no rosto dela que ela não estava esperançosa. Como que para reforçar esse ponto, ela pegou a lanterna da mão dele e a segurou com força, pronta para atacar Justine novamente.

"Aponte para ela", ordenou Cal.

A luz era tão brilhante que Justine sibilou e virou o rosto para longe deles.

"Levante-se", ordenou Cal. "Levante-se, porra."

Justine cuspiu uma gota grossa de sangue no chão e depois gemeu ao se ajoelhar. Cal mal conseguia olhar para ela com os buracos em suas costas que sibilavam e assobiavam a cada respiração.

Como ela ainda está viva?

Com um grunhido difícil, Justine se levantou e só então se virou para encará-los. Justine não era tímida; pelo contrário, ela sabia que estava horrível, com o corpo cheio de cicatrizes e uma bagunça, e abriu os braços para mostrar a eles sua forma nua em toda a sua glória machucada e maltratada. Um olhar de esguelha começou a se formar em seu rosto, revelando dentes frontais rachados e manchados de um vermelho profundo.

"George vai pegar você", disse ela. Sua voz era nasalada, seu nariz estava inclinado um quarto de polegada para a esquerda. "Ele vai pegar você, e depois vai acabar com você."

Shelly levantou a lanterna e apontou-a diretamente para os olhos dela. Justine sibilou novamente e levantou o antebraço para cobrir o rosto. Enquanto ela estava distraída, Shelly olhou para Cal.

Cal assentiu com a cabeça, como se dissesse: *"Eu entendo isso"*.

Em algum lugar do outro lado da ala, George gritou, e Cal sorriu.

"Parece que seu amigo Frankenstein está ocupado".

Justine riu.

"Ele vai pegar você. Depois de acabar com seu amigo Robert, ele vai pegar você."

Cal limpou a garganta.

"Danny, você ainda está aqui?"

O sorriso de Justine caiu de repente.

"Danny?"

Shelly lhe lançou um olhar, mas ele a ignorou.

Cal achava que sabia o que Danny e os outros quiddity mais queriam, o que significava algo para eles.

E todos eles tinham isso em comum.

Houve um lampejo de movimento atrás de Justine quando Danny deu um passo à frente, com seu rosto mutilado banhado em sombras.

"Estou aqui", disse ele suavemente.

"Ótimo. E quanto a seus amigos? Eles também estão aqui?"

Justine baixou o braço e olhou em volta nervosa. Por um segundo, Cal pensou que ela poderia correr e se preparou para atrapalhá-la se ela corresse em direção à porta.

Como resposta, mais vítimas de Justine e do Dr. Shaw saíram das sombras.

"Não", Justine gemeu baixinho. "Não."

"Ah, sim", respondeu Cal com um sorriso.

E então ele sentiu a mão de Shelly em seu ombro. Ele olhou para ela, e ela também estava sorrindo agora.

Ela entendeu.

A única coisa que essas quiddity queriam acima de tudo era a vida que lhes foi roubada prematuramente. E, embora Cal não pudesse lhes dar isso, ele podia lhes dar alguém vivo. Alguém que significasse algo para eles, a quem pudessem se vincular, algo que pudessem levar até a Medula.

E então, como Cal temia, Justine tentou correr, mas Danny foi rápido demais. Ele estendeu a mão e a cravou no ombro de Justine. A mulher gritou e tentou se contorcer, mas o irmão de George saiu das sombras e colocou um braço musculoso em volta da cintura dela. Suas unhas arranharam o membro, mas, ao contrário das marcas que haviam feito no rosto de Cal, elas causaram pouco dano ao braço musculoso.

Mais braços e membros surgiram da escuridão, e logo todas as almas presas da Sétima Ala que Justine e o Dr. Shaw haviam torturado por quase uma década se apresentaram.

E todos eles queriam um pedaço dela.

Eles a arrastaram para o chão, com as mãos agarrando e puxando, socando e agarrando. Ela continuou a gritar, mas Cal bloqueou o som.

Algo puxou Justine em direção aos recônditos escuros da cela, e Shelly baixou a lanterna alguns centímetros. Antes que ela se afastasse completamente, porém, Danny se virou para ele e o encarou nos olhos.

Os brancos do homem desapareceram, substituídos por simples orbes negros.

Obrigado, ele disse.

E então eles recuaram para a escuridão.

"Vamos", disse Cal, virando-se para Shelly. Ele agarrou o braço dela

e a girou gentilmente em direção à porta. "Vamos procurar o Robbo."

De braços dados, eles saíram da sala ao som de carne rasgada e gritos de uma mulher.

Você teve o que merecia, vadia.

Capítulo 41

"Ele realmente se foi?"

Robert acenou com a cabeça.

"Mandei-o de volta - ele não vai mais machucá-la."

A fera que se elevava sobre ele parecia sorrir... se é que essa expressão facial era possível em suas feições mutiladas. Os olhos de George eram sólidos orbes negros em sua cabeça. Até mesmo o do lado esquerdo, aquele que tinha um retalho de pele suturado que não era o seu, era sólido, sem piscar.

"Ele me fez fazer aquelas coisas... ele tem um jeito..." Sua frase foi interrompida.

Robert engoliu com força.

"Você precisa ir agora", disse ele, tentando parecer calmo e assertivo ao mesmo tempo.

A resposta de George foi imediata e implacável.

"Não."

Robert havia pensado que poderia chegar a esse ponto. Ele se esforçou para encontrar ideias, uma noção de como enviar esse homem para a Medula. Seus olhos percorreram a sala, mas nada parecia ter qualquer valor pessoal... apenas instrumentos cirúrgicos e trapos ensanguentados. Não havia nem mesmo um banheiro, apenas uma bacia enferrujada e malcheirosa no canto.

"Você *tem* que ir, George."

Algo cintilou no rosto do homem, e Robert soube naquele instante que o homem estava pensando em Leland Black; o homem de chapéu e jaqueta jeans desbotada, aquele com um rosto tão horrível que parecia ter praticamente se apagado da memória de Robert.

Lentamente, o animal balançou a cabeça.

"Eles me chamam de George, mas esse não é o meu nome." Ele ergueu o braço esquerdo, o braço fino e preto, e depois passou a mão no buraco na lateral do rosto. "Eu não sei mais quem eu sou. O Dr. Shaw... ele... estou farto de fazer o que me mandam. Eu não vou embora."

"Você tem que..."

"Não", repetiu George, um pouco mais alto dessa vez. Ele também começou a ficar mais alto, atingindo sua altura máxima. Culminação de outros ou não, ele era uma visão impressionante, embora repulsiva.

Robert tentou se manter firme, não recuar, mas seu coração começou a acelerar em seu peito. E sua panturrilha - por Deus, sua panturrilha *doía*.

O que posso usar? O que posso usar?

George esticou a mandíbula inferior, fazendo com que os últimos pontos que mantinham aquele lado do rosto unido se rompessem. Ele

ficou com um corte que ia quase até a têmpora, dando-lhe um sorriso ainda mais horrível.

"Se eu for", ele ameaçou com sua voz suave, com as mãos fechadas e começando a formar punhos, "vou levar você comigo".

Robert sentiu seu coração bater mais forte.

Robert não voltaria de jeito nenhum para a Marrow... não agora, pelo menos. Um dia para Amy, mas não hoje.

Uma dor súbita e lancinante no tornozelo o fez ajoelhar-se. Ele gritou, e sua mão foi imediatamente para o local.

George não parecia interessado.

"Você tem duas opções, Robert Watts: uma, você me deixa aqui agora e nunca mais volta para a Sétima Ala ou para o Bosque de Pinedale; ou, duas, eu agarro seus ombros insignificantes e o levo comigo em uma jornada da qual você nunca mais voltará." Seus olhos fizeram o impossível e pareceram escurecer ainda mais. Então George deu mais um passo à frente, diminuindo a distância entre eles para menos de um metro e meio. O fedor que emanava dele era realmente fétido. "E acredite em mim, não é um lugar para onde você queira ir."

Fazendo uma careta, Robert levantou o olhar e viu o sangue escorrendo pela parte de trás da perna de George - da panturrilha.

A panturrilha de Robert.

E ele sabia o que significava algo para George; ou, mais especificamente, o que significava algo para *ele*. Afinal de contas, George tinha uma parte de Robert suturada a ele - ele era parte de Robert.

Portanto, o que significava algo para Robert também era importante para George.

"Qual é a sua decisão, Robert?"

Robert se forçou lentamente a se levantar novamente. Em seguida, enfiou lentamente a mão no bolso da frente da calça jeans e apertou a foto entre dois dedos.

"Robert?" George gritou novamente.

Robert tirou a fotografia do bolso e a colocou na altura dos olhos. A visão do rosto em forma de coração de sua filha fez com que uma lágrima caísse em seus olhos. Ele fungou e limpou-a com as costas da mão.

"É isso, então? Você vai desistir deste mundo?" disse George, interpretando mal seu gesto.

Robert respirou fundo.

"Eu tenho..." Seu peito se contraiu. "- Eu *tive* uma filha", ele se corrigiu. Ele virou a foto quadrada e a mostrou para George.

Era impossível dizer se o homem estava sorrindo ou não, devido ao seu rosto mutilado, mas Robert achou que talvez estivesse.

"Não dou a mínima para sua filha."

"Por favor, dê uma olhada."

George rosnou, mas por algum motivo, ele se aproximou e pegou a foto de sua mão.

E agora foi a vez de Robert sorrir.

"Eu não...", George começou a dizer enquanto jogava a mão enorme para um lado, com a intenção de jogar a foto fora. Mas ela parecia estar presa em seus dedos. "Que porra é essa?"

Ele bateu a mão novamente, mas ela ainda não saiu. Os olhos negros do homem se arregalaram.

"O que você fez comigo?"

Foi só então que George baixou o olhar para encarar a fotografia que parecia fundida em seus dedos.

"Amy?", ele sussurrou. As palavras soaram estranhas para ele, e o fato de essa *coisa* saber o nome de sua filha fez com que Robert franzisse a testa.

Enquanto observava, George começou a estremecer, sua forma, sua *quiddidade*, tornando-se cada vez mais transparente. O homem jogou a cabeça para trás e uivou tão alto que fez os molares de Robert tremerem.

Seus olhos se voltaram para a fotografia que parecia ter se colado à mão do homem.

Essa era a segunda vez que Amy o salvava e, por isso, ele era eternamente grato.

Ele foi levado de volta à voz de Amy que ouvira no Marrow, implorando a ele, dizendo que ele havia prometido que ela estaria segura. E isso foi apenas momentos antes de o homem de chapéu aparecer, sentado sobre a lápide de Patricia.

De repente, Robert se encheu de raiva e se inclinou para perto, olhando fixamente para os olhos negros como carvão de George.

"Dê uma mensagem ao bode por mim quando você o vir. Diga a ele - diga a ele que esta é a *minha* foto", sibilou, apontando com um dedo para a foto na mão desbotada de George, "e que desta vez eu vou buscá-lo".

Capítulo 42

"Que tal isso para uma tarde de domingo?" Cal perguntou ao abrir a porta da Harlop Estate.

Exausto, ele praticamente tropeçou na soleira da porta, com Robert e Shelly a reboque.

"Espere... é domingo?" Shelly perguntou enquanto caía no sofá.

"Não faço a menor ideia."

Cal foi direto para o armário de bebidas, mas parou no meio do caminho e apertou o peito. Robert o observou atentamente, pensando que talvez ele estivesse tendo um ataque cardíaco.

"Cal?"

Ele era muito jovem para ter um, mas considerando o que eles tinham visto...

Felizmente, Cal balançou a cabeça e começou a andar novamente, murmurando algo sobre estar fora de forma. Enquanto servia dois copos de Glenlivet, o bom, a garrafa de 30 anos, ele se dirigiu a Robert.

"Cara, já está na hora de eu voltar a ficar em forma... você está interessado, Robert? Sabe como é, bater uma bolinha?"

Robert foi mancando até a poltrona e se sentou nela. Era tão bom estar sentado em um lugar confortável, mesmo que fosse uma poltrona de camurça empoeirada, com sessenta anos de idade.

"De volta à forma?"

"Sim, é isso mesmo, *de volta*. Não se lembra de mim no ensino médio?" Ele se aproximou e entregou a bebida a Robert, que a pegou e tomou um gole. Os olhos de Cal se voltaram para Shelly.

"Ah, sim, você estava bêbado".

"Tanto faz", disse Cal, encontrando seu próprio assento. "Só por causa desse comentário, vamos começar com o dia das pernas."

Robert suspirou e, instintivamente, esfregou a panturrilha.

"Muito engraçado", ele resmungou.

"E quanto a mim? Não tem bebida para mim?" perguntou Shelly, lembrando-os de que ela também estava presente.

Cal não respondeu imediatamente, então Shelly estendeu a mão e prontamente pegou o copo dele.

"Ei!"

Ela o ignorou e cheirou o líquido dramaticamente antes de tomar um gole.

"Prefiro cerveja, mas essa porcaria não é ruim."

Cal riu e começou a se levantar, com a intenção de pegar uma nova bebida.

"Robbo, uma coisa que aprendi com tudo isso é que você *não vai querer se meter* com essa garota. Cara, ela era letal com aquela

lanterna. Quero dizer, ela queria..." Como suas palavras beiravam a seriedade, refletindo os horrores que todos eles haviam vivenciado, ele deixou a frase se arrastar.

Eles precisavam de um tempo livre, um tempo em que seus pensamentos não estivessem imbuídos de pessoas mortas.

Cal serviu seu uísque em silêncio e eles ficaram sentados em suas respectivas poltronas bebendo em silêncio por algum tempo. A exaustão os envolveu como uma névoa espessa.

Foi Cal quem finalmente quebrou o silêncio.

"Isso foi uma merda", disse ele simplesmente.

Robert se sentiu balançando a cabeça.

"É isso, então? Já acabamos com toda essa merda de fantasma?", continuou ele.

Ninguém respondeu.

Robert queria dizer: "*Sim, já terminamos*", mas seus pensamentos se voltavam para a voz de Amy que vinha do céu ardente acima.

Não, ainda não terminei com isso.

"Talvez", respondeu Shelly, terminando seu uísque. "Vou para a cama", disse ela, depois apontou para Cal. "É melhor você colocar alguma coisa nesses cortes no seu rosto ou vai ficar com cicatrizes, e aí eu vou começar a chamá-lo de George."

Com isso, ela saiu do quarto, deixando Cal com os dedos nas marcas de arranhões que Justine havia feito em sua bochecha.

"Hilário", resmungou Cal.

"Robert começou, mas uma batida na porta da frente o interrompeu. Ele se levantou rapidamente, rápido demais, e imediatamente caiu de novo, com a dor subindo pela perna. "Eu vou buscá-la", disse ele entre dentes cerrados.

Cal o olhou com desconfiança, mas o deixou ir até a porta sozinho. Afinal de contas, a casa era tecnicamente dele.

Seria mentira se Robert dissesse que ficou surpreso ao ver Sean Sommers na varanda, vestindo o mesmo terno, paletó e paletó azul-marinho. Sua expressão firme e de lábios finos também era previsível.

"Robert", disse o homem com simplicidade, estendendo-lhe um envelope. Robert pegou o envelope e deu uma olhada em seu interior. Havia um cheque de 100 mil, como prometido, escrito em um cheque de um banco que ele não reconheceu imediatamente.

Droga, você é rápido.

"Obrigado", disse Sean com um aceno brusco de cabeça e se virou para sair.

Robert o alcançou, mas o homem se afastou.

"Não tão rápido." Robert deu uma olhada para dentro da propriedade e, embora Shelly estivesse no andar de cima e Cal ainda estivesse na sala da frente, ele estava preocupado com os ouvidos

sensíveis. Ele subiu os degraus de cimento quebrado e fechou a porta atrás de si. "Você prometeu responder algumas das minhas perguntas."

Sean se virou para trás e inspecionou Robert.

"Uma pergunta", ele o corrigiu. "Prometi que responderia a *uma* pergunta."

Robert assentiu e engoliu. Ele havia tido muito tempo para pensar em sua pergunta durante a longa viagem de volta ao condado de Hainsey e, por fim, havia pensado em algo.

"O homem de chapéu e jaqueta jeans", ele começou, baixando a voz várias oitavas, "Leland Black... quem é ele? Ele é algum tipo de demônio? O senhor é Deus?"

Os olhos de Sean se estreitaram e ele permaneceu em silêncio por tanto tempo que Robert pensou que talvez sua pergunta fosse muito ampla, ofensiva, talvez, e que o homem não fosse responder.

Mas, por fim, Sean falou, e Robert ouviu.

"Deus? Eu?", ele deu uma risadinha. "Não, Robert, eu não sou Deus. Deus não existe. Pelo menos, se existe, eu nunca o conheci. E o que é o demônio sem Deus?"

Robert estreitou os olhos. Ele não se importava com a resposta ambígua.

"Bem, então, o que ele é? Que *diabos* é o bode?"

A expressão de Sean permaneceu plana e houve outra pausa desconfortável.

"Você prometeu..."

"Leland Black é seu pai, Robert."

Robert recuou.

"Ele é o *quê*?"

Seus pensamentos imediatamente se voltaram para seu pai, ou para a imagem do homem que havia morrido quando ele tinha apenas dez anos. Um homem baixo, calvo, com uma risada contagiante e estrondosa e olhos que brilhavam mesmo à noite.

"Ele não é meu *pai*", disse ele rapidamente.

Sean deu de ombros.

"Pense, Robert. Se você pensar nisso por tempo suficiente, talvez se lembre."

Robert ficou olhando, com a cabeça subitamente leve devido ao cansaço, à dor e à confusão.

Sean entendeu isso como sua deixa para ir embora e começou a se virar. Robert queria impedi-lo, mas sua mente estava confusa.

Pense nisso. Meu pai não era o homem do Marrow. Meu pai era um bom homem.

Sean já estava na metade da entrada da garagem quando Robert se deu conta disso.

Ele não estava mais preocupado com o fato de que alguém na

propriedade o ouvisse.

"Espere!", ele gritou. "Sean, *espere!*"

O homem não se virou.

"Você não pode simplesmente jogar essa bomba e ir embora. Como assim, ele é meu pai? *Sean!*"

Quando o homem ainda não se virou, Robert começou a descer os degraus, fazendo uma careta com a dor na panturrilha.

A cada passo, sua visão ficava cada vez mais vermelha.

"Bem, e quanto ao Danny Dekeyser, então? Ele era um bom homem... você o mandou para lá para fazer o quê? Para limpar o local, mesmo sabendo que você sabia o que estava escondido na Sétima Ala?"

Sean finalmente parou, e Robert foi incentivado a continuar.

"Sim, Cal e Shelly o viram. Falaram com ele. Descreveu um cara igual a você que o pagou para limpar o lugar. Então é isso que você quer agora, sacrifícios? É disso que você gosta?"

No fundo de sua mente, as palavras de Leland Black começaram a ecoar.

O que você realmente sabe sobre Sean Sommers, Robert?

Dessa vez, Sean se virou, e a expressão no rosto do homem pegou Robert de surpresa; era suave, quase carinhosa.

Depois endureceu.

"Danny estava morrendo - ele tinha câncer terminal. Eu lhe dei uma oportunidade, uma decisão de deixar a esposa e a filha com algum dinheiro quando ele partisse." Sean deu de ombros. "Como você, eu lhe dei uma escolha. Ele conhecia os riscos."

Por alguma razão, esse comentário deixou Robert ainda mais irritado.

"Riscos? *Riscos?* Você ao menos sabe o que enfrentamos na Sétima Ala? Hein?"

Sean simplesmente ficou olhando, e Robert levantou as mãos.

"Sabe de uma coisa? Eu não preciso de você. Não preciso que você volte."

O rosto do homem escureceu e ele balançou a cabeça.

"Seria melhor você não voltar, Robert. Não o veja. Há uma fenda na Medula - há algo se formando. E toda vez que você vai, você torna mais forte a ligação entre este mundo e o mundo *dele*. Faça um favor a todos nós e não volte *nunca mais*". O homem fez uma pausa por um momento antes de continuar, permitindo que suas palavras fossem compreendidas. "Se você acha que seu pai Leland é o demônio, pare um momento para pensar no que isso faz de você, Robert."

Com isso, o homem se virou e continuou em direção aos portões de ferro na frente da Harlop Estate.

"Você não pode se afastar disso! Sean! *Sean!* Você não pode fugir

disso - não enquanto ele tiver a Amy!"

Dessa vez, no entanto, o homem continuou andando, deixando Robert sozinho para olhar o escapamento do Buick preto enquanto ele se afastava.

Epílogo

Leland Black estava nas margens do Marrow, olhando para as ondas calmas. Ele respirou fundo e fechou os olhos. Havia uma garota sentada em seu colo, e ele estendeu a mão e acariciou seus cabelos loiros.

"Está tudo bem, não tenha medo", ele sussurrou.

Quando ele abriu os olhos novamente, a serenidade havia desaparecido. Em seu lugar, o céu havia se tornado um inferno.

Um relâmpago atravessou o ar, seguido por um baque suave vindo de algum lugar atrás dele. Leland gentilmente colocou a garota de pé e depois ele mesmo se levantou.

Antes mesmo de se virar, ele sabia quem estava atrás dele.

Os olhos do Dr. Shaw estavam baixos e sua pele estava úmida. Ele abriu a boca para dizer algo, mas o Bode levantou a mão e a boca do homem se fechou.

Outro raio caiu e George apareceu ao lado do Dr. Shaw.

Leland observou os dois por um momento, observando suas aparências revoltantes com uma carranca gravada em seu rosto, escondida sob a sombra de seu chapéu preto de abas largas.

Ele se aproximou do Dr. Shaw e passou uma garra pontiaguda pela bochecha do homem, causando-lhe um arrepio na espinha.

"Você falhou, Andrew", disse Leland suavemente.

"Eles estavam... eles estavam... eu não..."

Leland foi para trás do Dr. Shaw e cortou suas palavras traçando uma linha na garganta do homem, cortando-a de orelha a orelha.

Andrew ofegou e tentou segurar o pescoço para forçar a entrada do sangue. Com um rosnado, Leland abriu a palma da mão e a ergueu para cima. Andrew levitou por um momento antes de subir nas chamas, seu rosto se incorporando a todas as outras almas torturadas que se esvaíam e fluíam no fogo.

"Já estou farto de você."

Leland voltou sua atenção para George em seguida. Apesar de todo o tamanho do homem e de sua aparência aterrorizante, ele estava visivelmente tremendo diante do homem de chapéu e jaqueta jeans desbotada.

"E você", sussurrou o bode. "Você foi enganado, não foi? Mas leal até o fim, não?"

George abaixou a cabeça de vergonha.

Leland brincou com a fera, estendendo um dedo. George recuou visivelmente diante do dígito, pensando claramente que sua garganta seria cortada em seguida, mas, em vez disso, Leland cortou as suturas restantes acima de sua orelha.

Um pedaço de carne em decomposição caiu, aterrissando no piche

sob seus pés. Mãos frenéticas o agarraram, puxando-o para suas profundezas.

"Ele disse que estava vindo buscá-lo", disse George. Com a mão trêmula, ele estendeu uma pequena fotografia quadrada, que Leland pegou.

Era uma foto de passaporte de Amy.

Leland ficou olhando para a foto por um longo tempo.

"Vá se juntar aos outros", ele sussurrou, com os olhos ainda fixos no rosto de Amy. "Eu ainda tenho planos para você. Você, Andrew e James Harlop. Isso ainda não acabou."

Ele levantou a mão novamente, como havia feito com Andrew, e George começou a se levantar do chão. Mas antes de mandá-lo para o fogo acima, ele viu algo em sua panturrilha.

Ele fez um gesto de "*fique*", depois estendeu a mão e arrancou o pedaço de carne recém-suturado. George gritou, mas Leland nem sequer olhou para ele quando levantou a mão novamente e George subiu nas chamas.

Enquanto Leland observava o pedaço de carne em sua mão com garras, um sorriso surgiu em seu rosto.

"Você não precisará vir até mim - eu tenho um pedaço de você agora. E posso encontrá-lo." Ele colocou a fotografia em seu bolso. "*Tsk, tsk*. Você não pode se esconder do Bode, Robert Watts."

Leland deu uma risada seca e voltou para a garota, que estava obedientemente parada onde ele a havia deixado. Quando se aproximou dela, Leland levantou a aba do chapéu para revelar seu rosto horrível.

A garota não hesitou.

"Você não pode se esconder de Leland Black, Robert."

Ele abraçou a garota e acariciou sua cabeça novamente enquanto olhava para as ondas tranquilas.

"Não é verdade, Amy?"

Sua resposta foi imediata.

"Sim, vovô."

Fim

Nota do autor

A ideia do **The Seventh Ward** surgiu durante a pesquisa de um tópico completamente não relacionado. Foi sugerido que os órgãos podem ter uma espécie de memória, chamada de "teoria da memória celular", que *pode* influenciar o comportamento e/ou a personalidade do receptor. Sim, levei essa ideia ao extremo quando criei Andrew Shaw, mas é para isso que serve a ficção, não é?

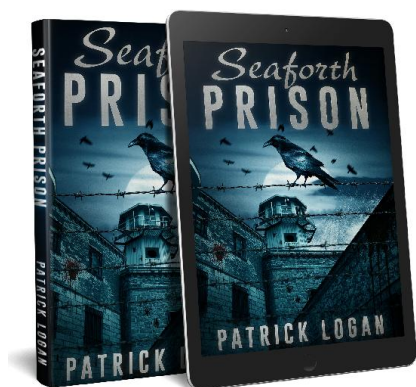
A *série Haunted* está longe de terminar. Enquanto escrevo essas histórias sobre Robert, Shelly e Cal - que, para ser sincero, estão rapidamente se tornando minhas favoritas -, percebo que há muito mais a ser escrito no mundo deles. Considere isso um chamado da medula, se quiser, mas vejo mais do que os sete livros que prometi nessa série. Agora mesmo, você pode encomendar o terceiro livro, **Seaforth Prison**, na Amazon.

Como sempre, as críticas são muito bem-vindas. E se quiser aparecer e dizer oi, vá até minha página no Facebook (@authorpatricklogan) ou envie uma mensagem para patrick@ptlbooks.com. Eu respondo a todos, até mesmo às pessoas maldosas (mas não seja malvado).

Continue lendo, e eu continuarei escrevendo.

Melhor,
Patrick
Montreal, 2016

E agora, uma prévia do Livro 3 da *série Haunted*,
Seaforth Prison...



Prisão de Seaforth

A série Haunted

Livro 3

Patrick Logan

PRÓLOGO

O diretor Ben Tristen esfregou os olhos e se recostou em sua cadeira. O velho metal rangia, um som irritante de rangido, mas com o qual ele estava familiarizado, já que se sentava nela quase todos os dias nos últimos dezoito anos. Houve um tempo em que o som o incomodava e ele chegou a pensar em substituí-la às suas próprias custas, mas decidiu não fazê-lo.

E agora ele estava feliz por ter feito isso.

A cadeira era como um cúmplice, um parceiro antigo que lhe oferecia conforto previsível em seu ambiente em constante mudança.

Era meio da noite, mais ou menos na hora em que os 22 detentos deveriam estar terminando suas refeições. Essa era outra coisa que ele inicialmente detestava, mas que agora lhe oferecia consolo: o horário rígido e a estrutura da prisão de Seaforth. Os detentos comiam no mesmo horário todos os dias - todos os *dias*, não importava se era Natal, Ano Novo ou aniversário. Sempre no mesmo horário.

Os olhos de Ben se desviaram para as fotos em sua mesa, e seu olhar acabou caindo sobre a foto de seu melhor amigo no mundo inteiro. Ele amava seu cachorro, um Boxer chamado Easton, por muitos dos mesmos motivos que amava as refeições e sua cadeira: Easton era previsível, confiável. Seus olhos se desviaram para a outra fotografia em sua mesa. Sua ex-esposa e sua filha? Menos ainda.

Com um suspiro pesado, Ben esfregou as mãos maciças, tentando eliminar os nós que haviam se formado nas articulações nos últimos anos. O médico disse que essa rigidez era normal, uma parte natural do envelhecimento, mas Ben nunca se considerou um homem normal. Com um metro e oitenta e cinco e duzentos e trinta e cinco quilos de músculos sólidos, Ben Tristen dificilmente era um homem normal de setenta e dois anos. Por isso, ele detestava quando o médico se referia a qualquer coisa que acontecia com ele como "normal", da mesma forma que agora detestava qualquer contratempo na agenda de Seaforth.

Ben se orgulhava de se manter em forma, e não da maneira como as outras pessoas da sua idade se exercitavam, que geralmente consistia em ir à academia três vezes por semana para caminhar em uma esteira e fazer algumas flexões desajeitadas, seguidas de um supino sobre uma pilha de papel. Não, Ben era diferente. Ele preferia os movimentos de força, limpeza, agachamento e supino.

O básico para desenvolver músculos e força, o que foi muito útil como diretor.

Quando Ben começou a sonhar acordado com seu próximo treino, o telefone em sua mesa tocou de repente, tirando-o de sua própria

cabeça. Uma carranca se formou em seu rosto cheio de rugas.

O telefone raramente tocava em Seaforth.

Isso não fazia parte da rotina.

Ele a pegou antes que ela tocasse pela segunda vez.

"Aqui é o diretor."

"Ben? Ben, você está aí?" A natureza frenética da voz do homem do outro lado da linha fez com que Ben se sentasse direito em sua cadeira, que rangeu em protesto.

"Lenny? O que está acontecendo?"

Houve gritos do outro lado da linha, e Ben começou a se levantar.

"Lenny! Me responda!"

Os dedos doloridos do diretor foram instintivamente para a cruz de madeira que estava pendurada em seu pescoço e começaram a massageá-la.

"Ben, é o Carson", Lenny finalmente respondeu. "Você precisa vir aqui - você precisa vir aqui rápido".

Carson.

A simples menção do nome do homem foi suficiente para que Ben desligasse o telefone e saísse correndo da sala.

Em Seaforth, só era permitido correr no pátio. Até mesmo os guardas e o próprio Ben eram proibidos de fazê-lo.

Mas isso foi uma exceção.

Foi uma exceção por causa de Carson.

Apenas a menção ao mais violento, sádico e infame dos prisioneiros de Seaforth foi suficiente para Ben quebrar sua própria regra.

Só depois de verificar se a pistola e a Taser, que ele raramente usava hoje em dia, estavam presas no quadril.

Carson estava detido no Bloco de Celas E, sendo o único detento no momento naquele bloco. Fazia mais de um ano que Carson estava preso com a população geral. Um mês antes de sua mudança, Carson havia estrangulado dois membros de gangues que se achavam durões, com a intenção de fazer um nome rápido para si mesmos, matando o homem mais infame de Seaforth.

Eles descobriram da maneira mais difícil que era melhor deixar Carson sozinho - com ele, nunca havia uma segunda chance.

Suas múltiplas sentenças de prisão perpétua acabaram sendo bastante curtas.

E se não havia presos no Bloco de Celas E, então isso significava que...

Ben acelerou o passo, correndo pelo corredor principal, ignorando as vaias e os gritos dos prisioneiros trancados em suas celas, que o ladeavam.

No final do corredor, havia uma única porta, que ele alcançou prontamente. Mas antes que ele pudesse bater, ela foi aberta com um puxão e um dos guardas mais jovens, um negro magro chamado Perry, abriu-a, com os olhos arregalados e arregalados.

"Diretor, você..."

Ben quase lhe deu um tapa.

"Não abra a porta!", ele gritou. "Você não pode *simplesmente* abrir a porta! Quantas vezes tenho que lhe dizer? Use a câmera! Verifique com o Peter lá em cima! Porra, Perry!"

O homem baixou o olhar.

"Me desculpe, mas é que..."

"Olhe para mim!" Ben ordenou ao passar pela soleira da porta. Os olhos de Perry imediatamente se arregalaram. Ben estendeu um dedo, que parecia um pouco mais retorcido do que o normal, para o uniforme azul-marinho do homem. "Nunca abra a porta sem mais nem menos. Nem para mim, nem para ninguém. Ligue para o Peter, peça para ele verificar as câmeras primeiro. Entendeu?"

O homem assentiu rapidamente e Ben passou por ele.

"Droga", resmungou Ben. "Quase três milhões de dólares em câmeras e segurança sofisticadas, e ninguém quer nem usar essa maldita coisa."

Ben acariciou o cartão-chave afixado em seu cinto.

"Onde está o Quinn? Ele está lá embaixo com o Carson?"

Perry engoliu em seco e acenou novamente com a cabeça enquanto Ben entrava na área de detenção caiada de branco que levava a duas outras portas. A da direita dava para o pátio, enquanto a da esquerda levava ao refeitório dos detentos.

Do outro lado do refeitório estava a porta que levava ao Bloco de Celas E. Ben escaneou seu cartão-chave e entrou no refeitório.

Perry começou a segui-lo, mas ele ergueu a mão e o deteve, voltando os ouvidos para os detentos que ainda estavam gritando atrás dele.

"Mantenha-os calmos. Não importa o que aconteça, não os deixe ainda mais irritados. Calma. Entendeu?"

Perry assentiu e, em seguida, a porta se fechou, impedindo a entrada do som e da expressão assustada do homem.

Ben atravessou apressadamente o refeitório de cimento, com os olhos fixos na porta do outro lado. Com o coração acelerado, ele pegou o cartão-chave novamente, mas antes que pudesse pegá-lo, a porta se abriu e o delegado Quinn Laughlin entrou cambaleando, com as mãos cobrindo o rosto. Ben soltou um suspiro de alívio.

Seu pior medo não havia se concretizado.

Pelo menos, ainda não.

"Quinn! Que diabos está acontecendo? O que está acontecendo com

o Carson?"

O homem não disse nada; em vez disso, continuou cambaleando para a frente, com as mãos cobrindo os olhos.

"Quinn! Quinn?"

Ben tentou alcançar o homem, mas o delegado se afastou no último momento.

"Vá!" Quinn gritou. "Vá até Carson! Agora!"

Confuso, Ben deu um pequeno passo para trás.

Que diabos está acontecendo?

"Quinn!"

"Apenas vá!"

Um grito vindo de trás do homem fez com que Ben passasse pela porta ainda aberta, deixando Quinn para cuidar de qualquer ferimento ou cuspe ou incidente de arremesso de fezes que Carson tivesse infligido a ele.

"Volto já", disse Ben por cima do ombro ao entrar no Bloco de Celas E.

Ao contrário das celas bem iluminadas e estéreis da população em geral, o Bloco de Celas E era úmido, com o ar cheio de um cheiro de salmoura, pois a parede sul era a mais próxima do mar. Também diferente da população geral, as quatro celas do Bloco de Celas E não tinham grades. Em vez disso, elas tinham portas grossas de madeira com um simples orifício no centro, no estilo de uma ranhura de correio, para a entrega de alimentos.

Carson estava na última cela; Ben sabia disso, pois ele mesmo o havia colocado lá. Mas mesmo que ele não soubesse, os dois guardas que estavam do lado de fora da porta o teriam avisado.

Ben começou a correr novamente. Enquanto ele corria em direção a eles, o guarda na porta fechou a persiana de metal na abertura de entrega e, em seguida, dobrou-se na cintura e começou a vomitar.

Só então Ben viu o corpo de um terceiro guarda caído no chão, imóvel, no centro do corredor.

"Ei! Que diabos está acontecendo?" Ben exigiu pelo que parecia ser a quinquagésima vez.

O homem que estava vomitando olhou para ele com os olhos injetados de sangue e limpou a boca com as costas da mão.

Ben estava a uma dúzia de metros deles agora e podia ver que havia uma pequena poça de sangue no chão ao redor do guarda caído.

"Sinto muito, diretor", disse o homem. Em seguida, ele se curvou e vomitou novamente.

"Que *porra* aconteceu?"

Foi Lenny, um homem alto e grosso com olhos encovados - aquele que o havia chamado até aqui - quem respondeu agora.

"Não sei... ouvimos gritos, saímos correndo, mas aí já era tarde

demais."

Tarde demais?

Ben empurrou o primeiro guarda para o lado e se ajoelhou ao lado do homem no chão.

"Porra", disse ele, desviando o olhar. Respirou rapidamente para se acalmar e se voltou para o corpo.

O guarda estava de costas, com as mãos ao lado do corpo. O sangue não era de um ferimento no pescoço, como ele poderia esperar, já que Carson havia ganhado notoriedade por cortar impiedosamente a garganta de pelo menos treze pessoas, mas de seus olhos.

Os olhos do homem eram buracos escuros cheios de sangue semi-coagulado que tremiam como ovos mal cozidos.

O resto de seu rosto estava coberto de manchas vermelhas.

"Jesus", murmurou Ben. Então seus instintos assumiram o controle. Ele encostou o ouvido no peito do homem, ouvindo o baque do coração ou o chiado de uma respiração.

Ele não ouviu nenhum dos dois.

Ben se sentou e entrelaçou os dedos doloridos, preparando-se para as compressões torácicas.

"Onde diabos está o médico? Você mandou chamar o médico? E por que vocês estão parados? Me ajudem!"

Ele sentiu uma mão em seu ombro, e sua cabeça girou.

"Nós tentamos, diretor, fizemos tudo o que podíamos, mas quando chegamos aqui, já era tarde demais. Sinto muito, eu sei..." A voz de Lenny vacilou. "Sei que você e Quinn eram próximos."

Ben recuou ao mencionar o nome do amigo, lembrando-se da imagem do amigo no refeitório cobrindo o rosto.

"Quinn? Do que está falando? Acabei de vê-lo... vi-o com as mãos..."

Seus olhos se desviaram do rosto severo de Lenny para o homem no chão, examinando seu uniforme.

A etiqueta em seu peito dizia: Quinn Laughlin.

"Não", disse Ben suavemente. "É um truque, eu só... eu só..."

Ele sentiu a mão em seu ombro novamente, mas deu de ombros.

"É o Quinn; Carson o pegou. Não sei como, mas..."

"Não!" Ben gritou de repente, tentando e não conseguindo entender o que estava acontecendo.

Acabei de vê-lo, porra! Como...?

Com o coração acelerado no peito, ele limpou um pouco do sangue das bochechas do homem caído.

"Não", ele gemeu.

Era Quinn. Ele não tinha ideia de como, mas definitivamente era Quinn.

Ben se levantou tão rapidamente que teve um ataque de tontura.

"Ben? Você..."

O diretor empurrou Lenny para fora do caminho e se apoiou contra a grossa porta de madeira da cela de Carson.

Sua respiração estava rápida e furiosa agora, e ele podia sentir seus músculos ficando tensos.

Com um movimento de seu pulso, ele empurrou o controle deslizante de metal e olhou para a cela de Carson.

O homem estava nu e sentado de costas para a porta, revelando uma rede de cicatrizes, algumas antigas, outras novas. Sua cabeça raspada brilhava sob a única lâmpada no alto.

"Carson, o que você fez?", ele exigiu. Como o homem não reagiu, ele levantou a voz. "Carson!"

Carson se levantou lentamente, passando da posição sentada para a de pé sem usar as mãos. Em seguida, ele começou a se virar, com as mãos estendidas à sua frente.

"Bem-vindo, Ben."

Carson estava sorrindo.

"Sinto muito por seu amigo Quinn, Ben, sinto mesmo. Mas eu precisava que ele visse."

O olhar de Ben se voltou para as palmas das mãos espalmadas do homem, com um único objeto em cada uma delas.

Seu estômago se revirou e ele quase sucumbiu à vontade de vomitar.

Em cada uma das mãos de Carson havia um dos globos oculares de Quinn, ambos apontados diretamente para Ben.

"Eu precisava que ele visse!" Carson rugiu de repente enquanto corria em direção à porta. "O bode vai ver! Ele está chegando e, quando chegar aqui, ele *verá*!" Então ele começou a rir. "O papai finalmente está voltando para casa! Você não consegue sentir isso, Ben? Não está sentindo?"

Ben deixou a corrediça de metal cair com um ruído e se afastou da porta, suando por todo o corpo.

Os gritos de Carson, vindos de dentro, foram abafados pela madeira espessa, mas suas palavras eram claras o suficiente.

"Você não sente isso em seu peito, Ben? Um aperto? É assim que você sabe, Ben... é assim que você sabe que ele está perto... o Bode está chegando... ele está voltando para casa."

Ben fechou os olhos e se concentrou em bloquear as divagações do louco.

Como isso é possível? Como diabos isso aconteceu?

Sua mão instintivamente foi até a cruz que estava pendurada em seu pescoço e ele a apertou com força.

Com os olhos ainda fechados, ele disse: "Chame o padre Callahan".

Em seguida, ele se ajoelhou e abraçou o cadáver de seu amigo. "Por

favor, chame o padre Callahan aqui o mais rápido possível."

E então, pela primeira vez em quase duas décadas - a primeira vez desde que sua esposa havia pegado sua única filha e ido embora sem sequer um bilhete - o diretor Ben Tristen começou a chorar.

Parte I - Dias tempestuosos, noites tempestuosas

Capítulo 1

Allan Knox estava na porta da frente dos degraus de cimento rachados e olhava para a porta de madeira maciça com admiração. Seu coração estava acelerado, sua testa suada. Sua mochila, a mesma que ele carregava há anos, de repente parecia pesada demais, as alças mordiam seu casaco, que era leve demais para o ar gelado, e apertavam seus ombros.

Eu deveria ir embora. Eu deveria me virar e ir embora. Eles não precisam de mim.

Ele engoliu com força, tentando descobrir qual seria seu próximo curso de ação.

Talvez eles nem estejam em casa.

Allan se inclinou para trás e olhou para as muitas janelas de chumbo que ladeavam a frente da propriedade. As luzes estavam acesas em várias delas.

Essa teoria não funciona mais.

Allan prendeu os polegares entre as alças da mochila e da jaqueta, aliviando a pressão.

Talvez esta seja a casa errada.

Mas uma rápida olhada ao redor confirmou que era de fato a casa correta. A descrição do querubim com os olhos em X na fonte estava correta. Embora alguém tivesse tentado lavar os Xs, ele ainda podia ver o contorno fraco deles no latão oxidado, na pedra ou em qualquer outra coisa de que ela fosse feita. E não era apenas a estátua; havia outras coisas sobre o local que Robert Watts havia postado on-line que estavam corretas.

Os portões de ferro forjado pelos quais ele havia passado, por exemplo. A longa e sinuosa estrada, os tijolos externos rachados da propriedade.

A maldita porta de madeira gigantesca que parecia que deveria ser usada como ponte levadiça para atravessar um fosso.

Eu deveria ir.

E então, como se acenar com a cabeça fosse confirmar essa como sua decisão final, Allan deu um passo para trás, e depois outro. Um momento antes de se virar e sair, no entanto, ele ouviu o som de um trinco deslizando de dentro da propriedade. Allan ficou tão surpreso com o som que tropeçou para trás. Uma fração de segundo depois, ele

perdeu completamente o equilíbrio, caindo de bunda no chão. Ele gritou e, em seguida, fez uma careta ao ouvir o som de metal raspando em metal de dentro de sua mochila.

A porta se abriu e ele se deparou com uma bela mulher de cabelos loiros curtos. Ela o estava observando com desconfiança, com os olhos verdes brilhantes mal visíveis sob a sobancelha franzida.

"Quem diabos é você?", ela exigiu.

Allan engoliu com força, ainda sentindo a dor que irradiava de seu osso da cauda.

"R-r-r-obert", ele gaguejou.

A mulher juntou os lábios, fazendo uma cara de pato. Ele também achava que ela tinha empurrado um pouco o peito, mas não podia ter certeza, devido ao casaco grosso que ela estava usando.

"Seu nome é Robert? É isso mesmo?"

Allan balançou a cabeça lentamente.

"N-não, mas..."

Ela apontou para seu busto.

"Você está dizendo que eu sou o Robert? *Eu me* pareço com a porra de um Robert?"

"N-não, claro que não, mas..."

Ela acenou para ele e depois se inclinou para dentro da casa.

"Ei, Robert, desça aqui, há uma criança aqui para vê-lo."

Allan franziu a testa e se levantou.

"Meu nome é Allan", disse ele, estendendo a mão para a mulher que permanecia na porta, com as mãos cruzadas sobre o peito agora.

Ela olhou para a mão dele, mas não fez nenhum movimento para apertá-la.

"Então você *pode* falar. Isso o torna melhor do que a maioria dos visitantes de Robert."

Houve uma certa agitação dentro da casa e, em seguida, um homem de cabelos castanhos e feições estreitas apareceu atrás da bela mulher.

"Sim? O que você quer?", perguntou ele, e Allan não pôde deixar de sorrir. Era Robert Watts, exatamente como ele o havia imaginado depois de encontrar suas postagens on-line há menos de um ano.

Desde que seus pais haviam morrido, há mais de dez anos, Allan queria ser um caçador de fantasmas. Sua paixão só se intensificou quando ele viu os espíritos de seus pais no local do acidente. Desde aquela época, Allan passava quase todas as horas em que estava acordado lendo todos os livros que conseguia encontrar, visitando casas supostamente assombradas e entrevistando os chamados caçadores de fantasmas, mas era tudo besteira.

Isto é, até ele ler sobre *Inter vivos et mortuos*, sobre o livro *Between the living and the dead* - até descobrir sobre Robert Watts, é claro. E

antes de começar a ver os mortos em toda parte.

O rosto inteiro de Allan se iluminou com um sorriso que ele não conseguia nem chegar perto de conter.

"Robert, meu nome é Allan e quero me juntar à sua equipe."

Robert não reagiu como ele esperava; em vez de sorrir, o homem fez uma careta. A mulher, por outro lado, permaneceu estoica.

"Equipe? De que diabos você está falando?"

Allan tirou a bolsa do ombro e começou a abri-la.

"Quero me juntar à sua equipe - quero caçar fantasmas como você, Robert."

Capítulo 2

"Assista ao vídeo e me diga o que está vendo."

O padre Callahan esfregou os olhos com uma mão artrítica, mas não fez nenhum movimento para se aproximar do monitor. Na verdade, ele nem sequer olhou para ele.

"Estou cansada, Ben. Muito cansada. Se não tivesse sido você quem me chamou, eu nunca teria deixado minha paróquia. Foi uma viagem muito, muito longa, e esses ossos velhos não viajam mais bem. E meus olhos já não funcionam tão bem. Por que não me conta o que aconteceu?"

O diretor observou o homem de túnica preta, a cruz de madeira, quase idêntica à sua, pendurada quase até o umbigo, dada a sua postura curvada. O padre Callahan era velho, muito velho, e o homem tinha razão; ele não estava apto a viajar, não mais. Mas que escolha ele tinha? Quem mais ele poderia chamar? Quem mais acreditaria que seu melhor guarda, seu melhor amigo, tinha tido os olhos arrancados por um psicopata e, ainda assim, tinha visto Quinn a mais de cem metros de onde estava seu corpo morto?

Ben limpou a garganta, massageou as mãos doloridas e depois respirou fundo.

"Eu sei, pai, eu sei. Mas antes de lhe contar o que aconteceu, preciso que assista ao vídeo. Preciso que me diga o que viu. Por favor. Eu sou velho, você é velho, nenhum de nós tem mais tempo para jogos - e esse não é um deles, padre. Eu..." Sua voz embargou, e ele foi forçado a limpar a garganta para evitar que ela se partisse completamente. "Estou desesperado aqui."

O padre Callahan suspirou, mas colocou os óculos de leitura na ponta do nariz e inclinou a cabeça para trás para olhar através deles e para o monitor de grandes dimensões.

"Obrigado, pai", disse Ben, antes de sua voz mudar para profissional. "Este é o vídeo de vigilância de ontem. Por favor, assistam com atenção."

Ben se inclinou e apertou o play, e o vídeo começou a rodar.

Filmada de cima para baixo e da esquerda, a câmera mostrava o último terço do corredor do Bloco de Celas E e focalizava a porta da cela de Carson, que estava firmemente fechada. O registro de data e hora no canto inferior esquerdo da tela dizia: 5:55. Trinta segundos depois, um homem entrou em cena, percorrendo o corredor com uma bandeja à sua frente.

"Esse é o Quinn. Ele vai deixar a comida, como faz todos os dias, às 5:55. Exatamente às 5:55, todos os dias."

O padre Callahan não disse nada. Ele se inclinou mais para perto.

Na tela, Quinn foi até a porta, bateu uma vez, abriu a corredeia de metal e colocou a bandeja sobre ela.

"Ele deveria esperar..."

Callahan o silenciou, e Ben cerrou a mandíbula. O homem se aproximou ainda mais do monitor, seu cabelo grisalho e crespo agora bloqueava quase toda a visão de Ben da tela. Isso não importava; o diretor já havia assistido ao vídeo dezenas de vezes.

E ele ainda não entendia por que Quinn fazia o que fazia. Foi por isso que ele trouxe o Padre Callahan - isso e o que havia acontecido no refeitório minutos depois.

Os dois se conheciam há muito tempo e, se havia um homem que Ben achava que poderia ter uma visão sobre algo assim, era o padre Callahan.

Havia rumores de que o homem tinha visto algumas coisas... algumas coisas em um pântano que eram igualmente incomuns, inexplicáveis.

Ben tocou novamente em sua cruz.

O bode verá! Papai está voltando para casa.

Ele estremeceu.

No vídeo, a bandeja desapareceu no slot; então, como de costume, Quinn estendeu a mão para deslizar o metal para fechar novamente. Mas quando estava na metade do caminho, ele hesitou, aproximando a cabeça do compartimento como se Carson estivesse dizendo algo para ele.

"Sem som", ele ofereceu, mas Callahan acenou com a mão, indicando que ele deveria manter a boca fechada.

Ben agradeceu.

Foi nesse ponto do vídeo que as coisas mudaram. Depois de ouvir o que Carson havia dito, o rosto de Quinn escureceu de repente, e então ele fez o inexplicável. Seus lábios se moveram, então ele pegou o cinto e folheou as chaves no laço quase que roboticamente. Ele encontrou a chave que estava procurando e a colocou na fechadura. Em seguida, Quinn abriu a porta da cela e entrou.

Foi então que a estática encheu a tela.

De repente, o padre Callahan se inclinou para trás.

"O que aconteceu?", perguntou ele com voz rouca.

Ben deu de ombros.

"Não sei exatamente. Houve algum tipo de pico de energia, as luzes piscaram. Nosso técnico de TI está trabalhando nisso. A empresa de energia disse que não houve nada do lado deles, mas isso acontece de vez em quando." Ele pegou o teclado e começou a avançar rapidamente.

"Não há nenhuma imagem por exatamente três minutos, depois" - ele apertou o play, lutando contra as lágrimas agora - "isso".

A estática desapareceu de repente, revelando exatamente a mesma cena de antes, com a porta parcialmente aberta e o corredor vazio. E então Quinn saiu cambaleando, com as mãos cobrindo os olhos, o sangue jorrando entre os dedos. Seu ombro bateu na porta, escancarando-a, e então ele caiu sobre um joelho. Um segundo depois, ele caiu de bruços, imóvel, onde ficou até a chegada dos outros policiais. Mas pouco antes de Lenny e Paul chegarem e o derrubarem, uma figura sombria pôde ser vista do lado de dentro da porta. E então Carson estendeu a mão e fechou lentamente a porta da cela.

Poucos minutos depois, o próprio Ben apareceu na filmagem. O diretor desligou a fita.

"Eu não entendo..." Ben disse baixinho, mais para si mesmo do que para o padre. "Quero dizer, o que faria Quinn entrar lá?"

O padre Callahan ainda estava congelado, com os olhos fixos na tela, agora preta.

"E por que Carson não foi embora? Ele teve a oportunidade perfeita para sair, mas não o fez. Em vez disso, ele realmente *fechou* a porta da cela. Por que ele faria isso, pai?"

Ben estalou os nós dos dedos, as juntas retorcidas rangendo em vez de estalar em protesto. Em seguida, cerrou os dentes e flexionou os músculos dos braços e do peito.

"Que diabos o levaria a fazer isso?"

O padre Callahan finalmente se afastou da tela.

"Como você sabe, Ben, meus olhos não funcionam tão bem quanto antes. Na verdade, eles quase não funcionam. Mas acho que vi os lábios do guarda se moverem antes de ele entrar na cela. Você percebeu isso?"

"Uh-huh. Como eu disse, sem som... Tentei diminuir a velocidade, aumentar o zoom e tudo mais. Ainda não consigo entender. Parece uma "torrada", talvez. "Ghost"? "Aveia"? Não faço a menor ideia."

De repente, o padre Callahan recuou como se tivesse sido atingido no peito. O homem cambaleou para trás, e Ben se levantou rapidamente e agarrou o padre idoso antes que ele caísse.

"Callahan, você está bem?"

O homem se levantou e segurou os ombros de Ben, respirando profundamente.

"N-n-não", ele gaguejou. "Não é aveia, mas *cabra*. E a razão pela qual o homem não foi embora é porque ele está esperando que alguém venha buscá-lo."

Ben sentiu um calafrio subir por sua espinha.

A cabra verá... o papai está voltando para casa.

Capítulo 3

"Deixe-me ver se entendi, você leu sobre mim... sobre nós... na Internet? Você acha que somos algum tipo de caça-fantasmas dos dias de hoje?"

Seis meses haviam se passado desde a remoção da Seventh Ward, mas para Robert Watts, ainda parecia que tinha sido ontem. E sua claudicação era um lembrete perpétuo de seu tempo lá.

O garoto no sofá em frente a ele olhou para baixo.

"Eu não quis - quero dizer, não quis ofendê-lo nem nada..."

"Como, exatamente, você descobriu sobre mim?" Robert perguntou bruscamente.

Allan olhou para cima.

"Você não foi tão difícil de encontrar, na verdade não. Quero dizer, eu não sabia exatamente o que estava procurando no início, mas eu sempre percorria os sites - os ocultos, como onde eu encontrei você - fazendo perguntas específicas, tentando encontrar qualquer coisa sobre a medula, sobre a quiddidade, sobre espíritos presos neste lado. Foi assim que encontrei você".

A cerveja de Cal transbordou e a espuma espirrou no chão após a menção de *Marrow* e *quiddity*. Robert lhe lançou um olhar e, em seguida, seus olhos se voltaram para Shelly. Ela estava de pé atrás do homem - garoto, *ele é apenas um garoto* - com os braços cruzados sobre o peito e os lábios apertados com força.

Pose típica de Shelly.

"O que você sabe sobre a medula?" Robert perguntou acusadoramente.

O olhar do garoto caiu novamente.

"Olhe, me desculpe, eu vou embora se você quiser. Não estou procurando problemas. Eu só pensei - quero dizer, quando meus pais morreram há tantos anos, eu os vi... Quero dizer, eu os vi mesmo *depois que* seus corpos se foram. E isso me levou a esse caminho. Quero saber sobre eles, sobre onde estão, como estão, *quem são*. Encontrei algumas coisas na Internet, mas não muito. Nada além do que vocês provavelmente já leram, sobre a areia, a água, a quiddidade. E depois há o livro; eu sempre ouvia falar desse livro, *Inter vivos et mortuos*. Quase desisti também, mas recentemente tenho visto mais..."

"Espere, você viu seus pais? Você viu a quiddity?" Cal interrompeu.

Allan acenou com a cabeça.

"Às vezes, apenas com meus olhos, mas nem sempre - espere um segundo." O garoto se abaixou e começou a abrir o zíper da mochila.

Shelly tirou os braços do peito.

"Não, espere um segundo", disse ela, dando um grande passo à

frente. Allan ergueu o pescoço para olhá-la, com as sobrancelhas erguidas.

Ela estendeu a mão.

"Deixe-me ver sua bolsa primeiro."

O garoto fez uma careta e Robert se inclinou para trás.

"Acalme-se, Shelly. Ele é apenas um garoto, ele é..."

Ela olhou para ele com os olhos arregalados.

"Sim, vamos nos prevenir, está bem?" Ela encostou o queixo nas três cicatrizes paralelas que iam da bochecha de Cal até o lábio superior. "Você se lembra do que aconteceu da última vez, quando fomos pegos de surpresa? Lembra..."

Robert acenou com um braço.

Ele não estava com vontade de relembrar o passado.

"Tudo bem, tudo bem. Verifique a bolsa".

Allan acenou para ele como se estivesse esperando a permissão de Robert antes de entregá-la.

Shelly fez uma careta enquanto vasculhava a miríade de câmeras e outros equipamentos de aparência estrangeira. Allan se encolheu com o som de metal raspando, mas ela acabou dando de ombros e o devolveu.

"Apenas um monte de merda de voyeur - Cal, você provavelmente tem o mesmo em seu quarto para me espiar no chuveiro."

Cal não sorriu.

"Muito engraçado."

"Pessoal, deixem-no falar", implorou Robert. Então, para Allan, ele disse: "Você estava falando sobre com os olhos ou...?"

O medo e a ansiedade que estavam estampados no rosto do garoto desde que ele chegou - nervosismo, provavelmente, embora a ideia de que era por causa do encontro com Robert o deixasse desconfortável - de repente desapareceram.

"Sim, às vezes eu os vejo com meus olhos, mas o que descobri é que com isso" - ele tirou uma câmera DSLR de aparência normal da bolsa e mexeu nas lentes - "consigo ver mais." Ele levantou uma sobrancelha. "*Muito* mais."

Cal fez uma careta.

"Há mais deles?"

Allan sorriu, o que o fez parecer ainda mais jovem do que seus dezoito anos ou mais.

"Ah, sim, muitos mais - mas isso foi só recentemente. Durante anos, eu só pegava um ou, se tivesse sorte, dois por mês, procurando em um cemitério ou em um acidente. Mas recentemente..." Ele respirou fundo. "Recentemente, eles estão *por toda parte*. Você sabe o que eu acho?"

Ninguém respondeu, mas Allan continuou mesmo assim,

empurrando seus óculos redondos para cima da ponte de seu pequeno nariz.

"Acho que algo está acontecendo. Algo está mudando."

Robert engoliu com força, com os últimos comentários de Sean Sommers se repetindo em sua mente.

O homem avisou que nunca mais voltaria, que a divisão entre este mundo e o deles - o mundo ardente de Leland Black - estava ficando mais fina a cada dia.

Ele é seu pai.

Ele balançou a cabeça. Leland não era seu pai; Sean estava fora de si com essa história.

"Como sabemos que você não é apenas uma farsa? Um repórter pirata ou algo assim, um príncipe nigeriano que quer nossos cartões de crédito?" perguntou Shelly, com voz severa.

Allan olhou diretamente para Robert quando ele falou.

"Porque", disse ele, mexendo na lente na extremidade da câmera. Ele apertou um botão e uma luz vermelha se acendeu. "Eu posso lhe mostrar."

Para continuar lendo, pegue sua cópia do Livro 3 da série The Haunted - [Seaforth Prison](#) - HOJE!

Livros de Patrick Logan

A série Haunted

Livro 1: Shallow Graves (Sepulturas rasas)

Livro 2: A Sétima Ala

Livro 3: Prisão de Seaforth

Livro 4: Crematório de Scarsdale

Livro 5: Orfanato Sagrado Coração

Livro 6: Shores of the Marrow

Livro 7: Sacrifice (Sacrifício)

Série Insatiable

Livro 1: Pele

Livro 2: Crackers

Livro 3: Flesh (Carne)

Livro 4: Parasite

Livro 4.5: Knuckles

Livro 5: Stitches

Trilogia de valores familiares

Bruxa

Mãe

Pai

Filha

Histórias curtas

Atualização do sistema

Precisa de uma dose de suspense?

***Confira minha [série](#) best-seller [Chase Adams FBI Series](#),
disponível exclusivamente na Amazon!***

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2016

Design da capa: Ebook Launch (www.ebooklaunch.com)

Design de interiores: © Patrick Logan 2016

Edição: Edição da linha principal (www.mainlineediting.com)

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Dezembro de 2023